

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA, DISCURSO E  
PRÁTICAS SIMBÓLICAS

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA  
JUVENTUDE GOIANIENSE

Dissertação de Mestrado

Autora: Moema Gomes de Faria  
Orientadora: Profa. Doutora Dalva Maria Borges Dias Lima de Souza

Goiânia, 2007

MOEMA GOMES DE FARIA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA NA  
JUVENTUDE GOIANIENSE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

GOIÂNIA, 2007

#### FICHA TÉCNICA

Nome: Moema Gomes de Faria

Título: Representações sociais da violência na juventude goianiense.

Curso: Mestrado em Sociologia

Área de Concentração: Sociedade e Região

Linha de Pesquisa: Cultura, discurso e práticas simbólicas.

Data da Defesa: 29 de agosto de 2007.

Orientador: Professora Doutora Dalva Maria Borges Dias Lima de Souza.

Palavras-chave: representações sociais; violência; sociabilidade; segregação urbana.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

**MOEMA GOMES DE FARIA**

Aos 21 dias de setembro de 2007, às 14 horas, no Miniauditório Luis Palacín da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado da mestranda **MOEMA GOMES DE FARIA** intitulada Representações sociais da violência na juventude goianiense. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria nº. 037/2007-FCHF, de 19 de setembro de 2007, pelos seguintes Professores Doutores: Dalva Maria Borges de Lima dias de Souza (UFG-presidente); Pedro Célio Alves Borges (UFG) e Pedro Humberto Faria Campos (UCG) – Suplente: Jordão Horta Nunes (UFG). A candidata apresentou o trabalho, os examinadores a argüiram e ela respondeu as argüições. Às 16:40 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, pela qual foram atribuídos à mestranda os seguintes resultados:

**Aprovada**  Reprovada

Dr.<sup>a</sup>. Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza \_\_\_\_\_

**Aprovada**  Reprovada

Dr. Pedro Célio Alves Borges \_\_\_\_\_

**Aprovada**  Reprovada

Pedro Humberto Faria Campos \_\_\_\_\_

Reaberta a sessão pública, a presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Elder Pereira Dias, Secretário, e pelos membros da Banca Examinadora.

Elder Pereira Dias \_\_\_\_\_

## Agradecimentos

Agradeço a minha família, meus pais Avelina e Luiz Carlos, e as minhas irmãs, Janaína, Luana e Ana Terra que estiveram ao meu lado quando eu achava que não teria forças, e acreditavam quando eu desacreditava.

A Dalva Maria, minha orientadora, meu norte, que me acompanhou e me incentivou a nunca desistir frente às dificuldades, sua crença nesse trabalho, foi o maior incentivo que eu poderia ter. Obrigado por ter acreditado que conseguiríamos e me orientado pacientemente.

Aos amigos Alexandre Pantaleão, Najla Frattari, Carolina Freire, Natália Borges e Naihara Fraga que me acompanham e torcem por mim por todos os dias.

Agradeço também a banca examinadora que concordou em ler e avaliar minha produção; espero que suas críticas auxiliem no meu crescimento.

*Poema em linha reta*

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
 E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
 Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
 Indesculpavelmente sujo,  
 Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
 Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
 Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado  
 Para fora da possibilidade do soco;  
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.  
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
 Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...  
 Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
 Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
 Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
 Ó príncipes, meus irmãos,  
 Arre, estou farto de semideuses!  
 Onde é que há gente no mundo?  
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?  
 Poderão as mulheres não os terem amado,  
 Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!  
 E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
 Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
 Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
 Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.*

*Fernando Pessoa  
 (Álvaro de Campos)*

## Resumo

Pensar a violência enquanto objeto de estudos da teoria das representações sociais é considerá-la enquanto um sistema de representação simbólica. Sistema de interpretação que o indivíduo toma como referência para se posicionar frente a diferentes aspectos da realidade social.

Assim, o trabalho que segue teve como objetivos apreender: em que medida a violência representada influencia o cotidiano dos jovens em termos dos seus padrões de interação. Como essas percepções exercem influência sobre os padrões de avaliação do “outro” e de seu cotidiano. Como os jovens se auto-avaliam e avaliam os outros dentro do seu respectivo padrão de interação. De que modo varia e o que permanece de um grupo para outro a percepção do fenômeno. E que influência as informações que circulam, e as experiências diretas e indiretas atuam sobre seu modo de conceber o fenômeno.

Pelos dados coletados no survey observamos que a violência encontra-se entre os maiores temores apontados pelos jovens goianienses de todas as posições sociais, o que parece-nos justificável já que como demonstramos no tópico *Representações sociais da violência na juventude goianiense*, os índices de vitimização direta e indireta são elevados. Se os jovens da posição média e superior definem a violência através: a violência física, emocional e simbólica. Na posição inferior, a definição dá-se na agressão física, as outras formas são consideradas complementares, mas não definidoras do fenômeno.

Para os jovens da posição superior o espaço social é dividido entre periferia e bairros nobres, sendo a periferia o lócus central da violência, o local de onde advém os criminosos, para os jovens das posições média e superior a periferia é uma categoria global e remete a todos os bairros pobres. Na percepção dos jovens da posição inferior, por sua vez a violência mesmo concentrada nos bairros pobres encontra-se difusa por toda a cidade, e sua concentração nas periferias não se deve como para as demais posições a desestrutura familiar, a violência doméstica ou a falta de educação, mas as escolhas individuais, “safadagem”, a dificuldade de acesso a bens de consumo, as drogas, além destas, o desemprego, e a violência policial, aspectos que somados a falta de perspectivas em relação ao futuro, tornam-se um grande apelo a prática de atividades ilícitas.

A homogeneidade desse discurso nos diz que antes de pensar no cotidiano desses lugares, os jovens recorrem para construir sua visão a um sistema de interpretação da realidade já constituído, ou seja, a representação social já existente para explicar o fenômeno da violência urbana. O que foi observado quando forçamos uma mudança no núcleo central da representação, questionando por que pessoas ricas cometem crimes, encontramos grande perplexidade por parte dos jovens, observamos assim, uma tendência geral a tratar tais fatos como fora da realidade comum.

Palavras Chaves: Representações sociais, violência, juventude, segregação social.

### Abstract

Think about the violence while object of studies of the theory of the social representations is to consider it a system of symbolic representations. System of interpretation that the individual takes as reference to locate front the different aspects of the social reality.

So, the paper that follows had as objective to apprehend: where the represented violence influences the daily of the young in terms of its standards of interaction. As these perceptions exert influence on the standards of evaluation of the “other” and of its daily. As the young ones if inside auto-evaluate and evaluate the others of its respective standard of interaction. How varies and what remains of a group to another one about perception of the phenomenon. And what influence the information that circulate, and the experiences direct and indirect, acts on its way to conceive the phenomenon.

With the collected data in the survey we observed that the violence is the biggest fear of the young Goianienses from all the social status, what seems justifiable since as we demonstrate in the topic *Social representations of the violence in Goianiense’s youth*, that the indices of direct and indirect victims are high.

With the definition of young of the different social status we observed differences in the understanding of the phenomenon; if the young of the average and superior position attributes to a gamma of dimensions and aspects to it amongst them: the physical, emotional and symbolic violence, standing out it as phenomenon of double saw, whose definition also depends, of the form as the act is received by the victim. In the inferior position, the definition is the physical aggression, and the other forms are considered complementary, but they not define the phenomenon.

For the young of the superior position the social space is divided in periphery and noble neighborhood, being the periphery the central locus of the violence, the place where the criminals came from, for the young of the average and superior positions the periphery is a global category and they are all the slum quarters. In the perception of the young of the inferior position, in their turn, as the violence is concentrated in the slum quarters it is diffused in all the city, and its concentration in the peripheries is not the same as for the others positions, the unstructured family, the domestic violence or the impoliteness, but the, choices, “bad intentions”, the difficulty of buying stuffs, the drugs, that appear being factors that stir up the violence in consequence of the generated dependence, making the people, in the eagerness of satisfying its vices commit crimes; and in the another side as spiral the deal of the profits are possible in a short space of time, considering themselves of a side the risks and another one the possibility of social accession. Beyond these, but linked on they emerge i the unemployment, the revolt against the police violence - that as indicated the young own experience – are from the estimated culpability of the poor person, aspects that added the absence of perspectives in relation to the future, become a great appeal to the practice of illicit activities.

The homogeneity of this speech says that before thinking about the daily of these places, the young appeals to construct their vision to a system of interpretation of the constituted reality already constructed, so, they appeals to existed social representation to explain the phenomenon that is the urban violence. What was observed when we forced a change in the central nucleus of representation, questioning why rich people commit crimes, we find great resistance and perplexity on the part of the young ones to get the answers, and when these answers had been passed them, we observe a general trend to treat such facts as it are out of the common reality.

Words Keys: Social representations, violence, youth, social segregation.



## Sumário

Folha de Avaliação.....	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos.....	III
Epígrafe.....	IV
Resumo em Língua Vernácula.....	V
Abstract.....	VI
Sumário.....	VII
Índice de Tabelas.....	VIII
1.INTRODUÇÃO.....	01
2.Das representações coletivas a teoria das representações sociais .....	07
3.Metodologia de pesquisa.....	29
3.1 – Instrumental de coleta de dados.....	37
3.1a – Survey .....	38
3.1b – Entrevistas.....	40
4. Representações sociais da violência nas Juventudes Goianienses.....	42
4.1 – Violência, o que é?.....	45
4.2 – A Cidade e a Periferia.....	55
4.3 – Bairros Ricos X Bairros Pobres.....	65
4.4 – Cotidiano: lazer, interação e violência.....	77
4.5 – Por que ricos cometem crimes?.....	90
4.6 – Causas da violência.....	97
4.7 – Violência: soluções possíveis.....	104
5.Considerações Finais .....	108
6.Referências Bibliográficas.....	112
ANEXO.I – Questionário do survey.....	116
ANEXO.II – Roteiro das entrevistas.....	126

## Índice de Tabelas

Tabela nº 01 – Hierarquia Social.....	38
Tabela nº 02- Do que você tem mais medo.....	43
Tabela nº 03- Experiências diretas e indiretas com assalto.....	43
Tabela nº 04 – Avaliação da gravidade dos atos de humilhar considerando a amostra total....	48
Tabela nº 05 - Avaliação dos atos de humilhar considerando a amostra total por sexo.....	50
Tabela nº 06 - Avaliação dos atos de humilhar considerando a Hierarquia Social e o Sexo Masculino .....	51
Tabela nº 07 - Avaliação dos atos de humilhar considerando a Hierarquia Social e o Sexo Feminino.....	52
Tabela nº 08 - Avaliação dos atos de agressão a pessoa considerando na amostra total.....	52
Tabela nº 09 - Avaliação dos atos de vandalismo considerando na amostra total.....	53
Tabela nº10 – Locais que evita para fugir da vitimização.....	61
Tabela nº 11 - Há muitos "malas" na periferia da cidade.....	62
Tabela nº 12- Pobres são mais propensos a cometer crimes e infrações.....	63
Tabela nº13- Quem vive em locais violentos certamente vai se tornar violento.....	63
Tabela nº14- Jovens de periferia são mal educados e grosseiros.....	66
Tabela nº15- Pobreza é resultado de falta de disposição para o trabalho.....	68
Tabela nº16- Pessoas de “bem”devem evitar conviver com pessoas da periferia.....	69
Tabela nº17- Tipos de lazer favoritos por Hierarquia Social.....	77
Tabela nº18- Locais em que escolhe os amigos.....	78
Tabela nº19 – Como você descreve os locais que frequenta.....	79
Tabela nº20 – Como você escolhe os locais que frequenta .....	80
Tabela nº 21- Como você descreveria seus melhores amigos.....	81
Tabela nº22 – Representações sociais dos jovens de periferia.....	81
Tabela nº23 – Representações sociais dos jovens de elite.....	86
Tabela nº 24 – Causas da Violência.....	97
Tabela nº25 – Soluções Possíveis para o problema da violência urbana.....	104

## 1. INTRODUÇÃO

Pensar a violência enquanto objeto de estudos da teoria das representações sociais é considerá-la enquanto um sistema de representação simbólica. É pensar que ela atua como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que possui um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”(Jodelet, 2001). Assim consideramos essas representações como um sistema de interpretação que o indivíduo toma como referência para se posicionar frente a diferentes aspectos da realidade social.

Nesse sentido, Porto (2006) afirma que adotar as representações sociais enquanto possibilidade de compreensão do fenômeno da violência contemporânea implica em reconhecer que é impossível compreender esse fenômeno sem interrogar sobre os sentidos, os valores e as crenças que estruturam e presidem a vida social e que são os conteúdos por excelência das representações sociais. Em texto anterior, a mesma autora, juntamente com Lourdes Bandeira (2004), afirma que as representações sociais da violência podem compor a base de orientação de conduta dos atores sociais mais diferenciados, levando a que tais representações sejam, elas mesmas, partes constitutivas do fenômeno.

Convergindo com essa perspectiva Rondelli (2000) afirma que a importância do fenômeno da violência no Brasil reflete-se nas artes, na mídia e no cotidiano dos agentes sociais, revelando-se no plano da linguagem e das representações como enunciação dos conflitos vivenciados no cotidiano, adquirindo um papel constitutivo, estruturador ou fundador de novas expressões do social. Para a autora, a violência representada nos meios de comunicação exerce certo fascínio que é potencializado pela espetacularização e excesso de tematização do fenômeno, que tem o efeito de construir determinado imaginário sobre a violência, imaginário este que passa a informar e a produzir atitudes sociais a ela referenciadas, fazendo com que se apresente direta ou indiretamente na dinâmica cultural.

A autora afirma ainda que, por sua visibilidade, os meios de comunicação agem como construtores privilegiados das representações sociais do crime e da violência e sobre os envolvidos em sua prática ou coibição. Estas representações sociais realizam-se através da produção de significados, que não só nomeiam ou classificam a prática social, mas a partir dessa nomeação, passam mesmo a organizá-la de modo a permitir que se proponham ações concretas em relação a ela. (Rondelli et all, 2000).

O estudo de Caldeira (2000), tratando do caso de São Paulo, afirma que a vida cotidiana e a cidade mudaram devido ao medo e isso está refletido nas conversas diárias, nas quais o crime tornou-se um tema central. Descrevendo esse envolvimento dos discursos da violência na dinâmica cultural da cidade a autora diz que:

O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros. A fala do medo organiza estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringe seu universo de interações.(Caldeira, 2000, p.27)

Esclarecendo a dinâmica de inserção das diversas formas de conhecimento no universo simbólico – no caso o que foi dito por Caldeira sobre o medo e a fala do crime – temos que levar em conta as considerações de Moscovici, pois segundo ele, para que o conhecimento sobre determinado objeto, ou fenômeno, se torne uma representação social, é necessário que ele seja interiorizado, o que acontece, através do mundo da conversação, onde: “Fragmentos de diálogos, leituras descontínuas, expressões ouvidas algures retornam do espírito dos interlocutores, misturam-se as suas impressões; brotam as recordações e as experiências comuns apossam-se delas.” (Moscovici, 2003, p.53).

Na obra *Gangues, Galeras, Chegados e Happers*, apesar de os autores não trabalharem sob o referencial teórico das representações sociais, tem-se uma noção clara da importância da representação que se faz da realidade sob o cotidiano dos jovens:

Os jovens da amostra domiciliar foram estimulados a indicar os diversos tipos de violência existentes em suas cidades. (...) no total da amostra, o maior número de menções é assassinatos/ tentativa de homicídio e assaltos. Deve-se

chamar a atenção ao fato de que esses dados não correspondem a registros policiais de ocorrência de episódios violentos na vida cotidiana do jovem. Representam, em vez disso, a percepção da incidência desse fenômeno em seu espaço social, e também, fundamentalmente, a importância que atribuem ao mesmo por seu impacto e relevância. (Abramovay et al, 2002, p. 58)

O fato de os jovens terem indicado o homicídio como a violência mais comum em seus bairros e isso não corresponder aos dados apresentados nos registros policiais revela que, aparentemente, os jovens fazem uma sobre-representação do tema, visualizando-o e interpretando-o com um impacto ainda maior do que realmente ocorre em seu cotidiano. Essa sobre-representação exerce influência sobre o modo como os jovens tratam seu cotidiano, e dificulta a relação pacífica entre grupos de diferentes condições sociais, o que é ilustrado pelo mesmo estudo, no tópico sobre desigualdade social que retrata a dicotomia da relação entre ricos e pobres e as imagens formadas pelos dois grupos a partir disso.

A violência urbana atinge preferencialmente jovens do sexo masculino entre 15 e 24 anos, são eles as maiores vítimas de homicídio, por esse motivo em estudos sobre violência há uma grande concentração de pesquisas sobre juventude. Os mapas da violência ressaltam que o maior percentual de mortes nessa faixa etária é atribuído as causas externas, nas quais se incluem: suicídio, homicídio e acidentes de trânsito, sendo o homicídio uma das causas mais expressivas.

A pesquisa que desenvolvemos nesta dissertação também se insere nessa linha, tendo como objeto as representações sociais da violência da juventude na cidade de Goiânia, considerando para isso, o fato de que é na juventude que encontramos o maior número de vítimas da violência e ela emerge como uma das principais preocupações dos jovens.

Assim, pensando a importância do fenômeno da violência no cotidiano dos jovens goianienses, e optando por nos atermos ao universo simbólico que circunda tal fenômeno, buscamos por meio desse estudo captar: como os jovens definem a violência; como a percebem em seu cotidiano, na cidade, no bairro; quais são para eles as regiões mais violentas da cidade, que grupo social mais comete crimes; quais os impactos disso nas relações que se estabelecem entre as diferentes classes; causas e soluções para a

violência, e por último, como compreendem o envolvimento das pessoas ricas com a criminalidade.

Assim, o trabalho que segue teve como objetivos apreender: em que medida a violência representada influencia o cotidiano dos jovens em termos dos seus padrões de interação. Como essas percepções exercem influência sobre os padrões de avaliação do “outro” e de seu cotidiano. Como os jovens se auto-avaliam e avaliam os outros dentro do seu respectivo padrão de interação. De que modo varia e o que permanece de um grupo para outro a percepção do fenômeno. E que influência as informações que circulam, e as experiências diretas e indiretas atuam sobre seu modo de conceber o fenômeno.

O trabalho de campo contou com duas partes, a primeira, realizada em conjunto com o grupo de pesquisa *Imagens Cruzadas: juventude e representações sociais* consistiu na realização de um survey e posterior construção de um banco de dados que servisse a análise de todos os projetos nele envolvidos. A segunda técnica para coleta de dados foi a entrevista com roteiro semi-estruturado realizada com jovens das diferentes posições sociais. Essas técnicas foram utilizadas como complementares para a realização das análises.

O trabalho que segue foi dividido em três partes. Esta primeira em que há uma breve exposição sobre o fenômeno, sua relevância para o grupo estudado e uma breve apresentação das questões que desejamos apreender e compreender a partir da análise dos dados coletados em campo.

Na segunda parte discutimos o quadro teórico em seu estado atual partindo das contribuições de Durkheim, considerado o precursor de Moscovici na construção da teoria das representações sociais. Tomamos como esqueleto da construção teórica a teoria das representações sociais elaborada por Moscovici como uma proposta sociológica de psicologia social e, partindo desse princípio, incluímos em nossa abordagem contribuições de autores de diversas áreas de estudo, realizando uma análise do fenômeno da violência urbana enquanto objeto de representação social.

Na terceira parte esclarecemos os principais recortes metodológicos e demais aspectos necessários à compreensão do trabalho; nessa parte esclarecemos, também, alguns dos procedimentos adotados em campo, que interferiram no desenho inicial da pesquisa. Dentre os aspectos de maior destaque estão as considerações sobre a construção

da variável hierarquia social, na qual estão agrupadas as posições superior, média e inferior que servem de base para a maior parte das análises aqui contidas. Além desse dado, seguindo a orientação metodológica de Ribeiro (1995) introduzimos um breve resumo sobre o teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ) que utilizamos no decorrer do trabalho para verificar a validade das hipóteses com relação as posições sociais consideradas.

A parte seguinte é composta pela análise empírica, intitulada *Representações sociais da violência nos jovens goianienses*, nela realizamos uma aproximação geral em relação ao problema da violência para os jovens, avaliando a importância que estes atribuem ao tema. Em seguida passamos a análise de como eles definem a violência, no tópico: *Violência o que é?* Neste tópico discutimos a definição de violência feita por jovens das diferentes posições sociais e como aplicam essa definição na avaliação de diversos atos, que vão da depredação a bens públicos e privados a crimes contra a vida. Considerando as imagens emergentes nesse primeiro momento analisamos na parte intitulada *A cidade e a periferia* a forma como os jovens das diferentes posições sociais pensam o espaço da cidade quando pautados nas representações construídas sobre violência.

Seguindo esse tópico partimos para uma abordagem mais direta, visando apreender as diferenças observadas numa relação mais cotidiana, para isso, construímos a parte intitulada *Bairros Ricos x Bairros Pobres* na qual captamos as percepções que os jovens têm de si e do “outro” em termos comparativos de cotidianos. Nessa mesma linha abordamos, em seqüência, *Cotidiano: lazer, interação e violência*, no qual abordamos os espaços de interação e de lazer favoritos e os impactos que as representações da violência exercem sobre eles.

Considerando que a maior parte das representações que surgiram espontaneamente traçavam relações diretas e indiretas entre os problemas da pobreza e violência buscamos através da pesquisa qualitativa apreender como eram as representações sociais da violência quando estas desvinculavam-se da noção de pobreza, e da figura do pobre; ou seja, quais as representações construídas sobre pessoas ricas que cometem crimes? Tal abordagem deu origem ao tópico: *Por que ricos cometem crimes?*

Por ultimo, optamos por abordar as causas apontadas e as soluções propostas para o problema da violência urbana na cidade de Goiânia, recorreremos nessa análise ao survey

e à pesquisa qualitativa, bem como às análises realizadas nos tópicos anteriores, uma vez que essa parte do trabalho perpassa todas as demais.

Findadas as análises empíricas, contidas nos tópicos acima citados, realizamos um apanhado geral do trabalho, em que captamos, entre outras coisas: que ao traçar os contornos das representações sociais da violência emergiram com muita força as imagens da pobreza como sua causa direta. Assim, buscamos verificar se essas imagens eram pautadas num preconceito ou na convivência entre os jovens das diferentes posições sociais e percebemos, como será apresentado adiante, que cada vez menos indivíduos de posições sociais diferentes convivem entre si, o que faz permanecer no imaginário social visões estigmatizadas, ou seja, a maior parte dos jovens parte dos estigmas socialmente produzidos e partilhados para avaliar seu “outro”. Essa postura, somada à incipiente convivência gera entre eles tamanho distanciamento social que observamos no trabalho de campo três posturas: indiferença, raiva e desprezo.

Assim, faz-se necessária a compreensão da forma como os jovens dos diferentes grupos sociais representam a violência e os impactos que essas representações exercem sobre os indivíduos e grupos em seus cotidianos. A apreensão desse conteúdo pode indicar um caminho para a compreensão das motivações pelas quais os jovens recorrem à violência, em sua forma física e simbólica como meio para a resolução de conflitos, podendo eventualmente propiciar instrumentos que fomentem projetos de políticas públicas de ampliação das formas democráticas de convivência e contenção da violência juvenil em Goiânia.



## 2. DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

Considerando, como Farr (1995), que a escolha de um ancestral em determinado campo de pesquisa constitui um compromisso de opção, a escolha de Durkheim como ancestral da Teoria das Representações Sociais, formulada por Moscovici (1961)<sup>1</sup>, demonstra que ele buscava enfatizar a continuidade entre os estudos de representações coletivas de Durkheim e o seu estudo sobre representações sociais. Estabelecendo o que intitulou uma forma sociológica de psicologia social, questionando com essa proposta a rígida distinção entre indivíduo e sociedade, que segundo o autor, predominou na maior parte dos teóricos até a segunda Guerra Mundial.

Segundo Moscovici, Durkheim foi o primeiro a propor a expressão “representação coletiva”, designando com ela a especificidade do pensamento social sobre o individual. Para Durkheim a representação individual é um fenômeno puramente psíquico, enquanto a representação coletiva não se reduz a soma das representações dos indivíduos que compõe uma sociedade. Com efeito, as representações coletivas são para o autor sinal do primado do social sobre o individual, da superação deste por aquele. Uma vez que existe entre as representações individuais e coletivas uma grande distância, não podendo a segunda se reduzir à primeira, e mesmo que esta última exerça influência sobre as representações individuais, estas são incapazes de fazer o caminho reverso. (Moscovici, 2001)

Nas considerações de Durkheim (1996)<sup>2</sup>, as representações sociais são formações pelas quais a sociedade, enquanto uma realidade *sui generis* se exprime, uma classe muito genérica de fenômenos psíquicos e sociais, que abrange o que designamos por ciências, ideologia, mito, etc. Elas destringem simultaneamente o aspecto social e as vertentes perceptiva e intelectual do pensamento coletivo. Assim, as representações coletivas, enquanto fatos sociais, compõem uma intelectualidade muito particular que uma vez formada adquire certa autonomia combinando e transforma-se segundo regras que lhe são próprias, sendo, portanto infinitamente mais rica e mais complexa que a do

---

<sup>1</sup> A obra que pioneira produzida por Moscovici é: *La psychanalyse – son image et son public* foi publicada em 1961, mas a tradução sob a qual trabalhamos é datada de 1978.

<sup>2</sup> Ver também Moscovici(2001), Das representações coletivas as representações sociais.

indivíduo. Sintetizando as diferenças entre as representações coletivas e as representações sociais Moscovici diz que:

Se, no sentido clássico, as representações coletivas constituem um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo de ser particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria a realidade tanto quanto o senso comum. É para enfatizar essa distinção que uso o termo “social” em vez de “coletivo”.(Moscovici, 2003, p.49)

Sá (1995), ao considerar a proposta teórica de Durkheim, afirma que devido a relativa integridade das religiões e de outros “sistemas unificadores” na época em o conceito de representações coletivas foi proposto, este poderia parecer suficiente. Entretanto, no contexto das sociedades contemporâneas, lidamos com o avanço nos meios de comunicação e a emergência de novos padrões de sociabilidade, e emergem também novos fenômenos representacionais, de origem e âmbito diversos. Assim Moscovici ao reformular o conceito de representações sociais retira dele seu papel de categoria geral e lhe atribui um significado determinado referente ao conjunto de produções simultaneamente intelectuais e sociais. Reduzindo-as assim a uma modalidade de conhecimento específica que tem por função a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre os indivíduos na vida cotidiana, construindo um quadro conceitual mais adequado aos fenômenos representacionais das sociedades contemporâneas que devido aos avanços nos meios de comunicação produzem representações que tem como característica a maior plasticidade, maleabilidade e circulação. Dessa forma o autor destaca:

As representações que me interessam não são nem das sociedades primitivas, nem as suas sobreviventes, no subsolo de nossa cultura, dos tempos pré-históricos. Elas são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tem tempo suficiente para se sedimentar completamente, para se tornarem tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores – as ciências religiões e ideologias oficiais – e com

as mudanças que elas devem sofrer afim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.(Moscovici, 2003, p.48).

Continuando Moscovici considera que:

Quando falamos em Representações Sociais[...] consideramos que não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou do grupo), que o sujeito e o objeto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum. O objeto está inscrito num contexto ativo, dinâmico, pois que é parcialmente concebido pela pessoa ou a coletividade como prolongamento de seu comportamento e só existe para eles enquanto função dos meios e dos métodos que permitem conhecê-lo. (Moscovici, 1978, p.48).

Nesse sentido, a proposta de Moscovici nos diz que não existe uma realidade subjetiva a priori, mas sim que toda realidade é reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, e integrada no seu sistema de valores, dependendo de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca. Segundo ele:

“nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre as pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos a parte.” (Moscovici, 2003, p.48).

Circunscrevendo o conceito de representações sociais, Moscovici concorda com Durkheim, que toda representação é composta de figuras e expressões socializadas. Mas, completa, que de outro lado elas também modelam o que é dado do exterior na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situações constituídos no decurso de interações sociais. (Moscovici, 1978, p.25-6). Segundo o autor:

Não reconhecer o poder criador de objetos, de eventos de nossa atividade representativa, equivale a acreditar na inexistência de relações entre nosso “reservatório” de imagens e a nossa capacidade de combiná-las, de engendrar novas e surpreendentes combinações. [Continuando o autor diz] Mas o sujeito constitui-se ao mesmo tempo. Pois segundo a organização que ele dê ou aceite do real, o sujeito situa-se no universo social e material. Há uma comunidade de

gênese e de cumplicidade entre sua própria definição e a definição do que não é ele – logo, do que é não-sujeito ou um outro sujeito.(Moscovici, 1978, p.48)

Considera-se, assim que, o ato de representar implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, que fazem parte do cotidiano dos indivíduos, e frente as quais ele se posiciona, e com as quais interage. Ressaltando essa relação o autor afirma que:

Representar uma coisa (...) não é com efeito simplesmente duplicá-la, repeti-la ou reproduzi-la; é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de realismo. (Moscovici, apud Sá,1995:33-4)

Sintetizando, Moscovici define que a “representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos.”(1978, p.26). Com a efervescência do campo de estudos e sua multiplicação por diversas áreas, essa definição inicialmente dada sofreu inúmeras críticas quanto à delimitação conceitual das representações sociais<sup>3</sup>, assim, optamos por adotar nesta dissertação o conceito formulado por Jodelet (2001), que é predominantemente aceito pela comunidade científica, segundo ela as representações sociais são: “ Uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”(Jodelet, 2001, p.22)

Assim, vida cotidiana é concebida na teoria das representações sociais em função da incessante comunicação que se estabelece entre os indivíduos, no qual eles modificam, ressignificam e reconstroem sua realidade subjetiva; sendo a interação o principal meio, pelo qual os indivíduos estabelecem contatos expõe seus pontos de vista e suas respectivas realidades, sensibilizando-se para o que lhe é estranho e se apropriando dos elementos que lhe convém. Tal concepção da interação no cotidiano

---

<sup>3</sup> As críticas feitas ao conceito fogem ao escopo desse trabalho, mas caso haja interesse elas podem ser encontradas em diversos textos, entre eles: consta na bibliografia SÁ(1995), LEME(1995) ambos encontrados na coletânea: *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*.Organizada por SPINK.

assemelha-se ao processo que Elias denomina *imagem reticular*, em que os indivíduos no decorrer de uma situação de interação modificam-se mutuamente. Segundo ele:

A característica geral desse tipo de processo, que podemos chamar imagem reticular, é que no decorrer dele, cada um dos interlocutores formam idéias que não existiam antes ou leva adiante idéias que já estavam presentes. Mas a direção e a ordem seguidas por essa formação e transformação das idéias não são estáveis unicamente pela estrutura de um ou outro parceiro, e sim pela relação entre os dois. E é justamente esses fatos de as pessoas mudarem umas em relação às outras e através de sua relação mútua, de se estarem continuamente moldando e remodelando em relação umas às outras, que caracteriza o fenômeno reticular em geral.(1991, p.29)

Assim Moscovici toma a sociedade como um sistema de pensamento, concebendo a produção e a assimilação das representações numa dupla via em que os sujeitos e grupos participam como pensadores ativos. Considera-se que “ao tornar-se interior, e para que seja interiorizado, o conhecimento penetra no ‘Mundo da conversação’”(Moscovici, 1978, p.53). Para ele, essa penetração do conhecimento faz com que as informações sejam transmitidas e os hábitos do grupo confirmados; e dessa forma, as representações sociais determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, regendo as condutas desejadas ou admitidas. Nesse sentido afirma que:

Em longo prazo, a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorrência, uma base comum de significância entre seus praticantes. As regras dessa arte mantêm todo um complexo de ambigüidades e convenções, sem o qual a vida social não poderia existir. Elas capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e de idéias que são consideradas certas e mutuamente aceitas. O pensar é feito em voz alta. Ele se torna uma atividade ruidosa, pública, que satisfaz a necessidade de comunicação e com isso mantêm e consolida o grupo, enquanto comunica a característica que cada membro exige dele. Se nós pensamos antes de falar e falamos para nos ajudar a pensar, nós também falamos para nos fornecer uma realidade sonora à pressão interior dessas convenções, através das quais e nas quais nos ligamos uns aos outros. (Moscovici, 2003, p.51)

Elas circulam como formas de conhecimento naturalmente acessíveis a todos de forma relativamente independente do nível de instrução, uma vez que qualquer indivíduo inscrito na sociedade é um pensador ativo, que em sua vivência cotidiana, elabora explicações e quadros de pensamento que o auxiliam na compreensão de diversos fenômenos, de forma que a produção das representações pressupõe de um lado a prática e a atmosfera próprias do objeto sobre o qual se produz a representação, e de outro, o papel particular do indivíduo conhecedor com suas cargas de conhecimento e vivências anteriores.

Moscovici considera que as representações sociais têm que ser encaradas tanto na medida em que apresentam uma contextura psicológica autônoma, como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura. Esclarecendo tal visão Spink afirma que elas são: “essencialmente dinâmicas; são produtos de determinações tanto históricas como do aqui-e-agora e construção que têm uma função de orientação: conhecimentos sociais que situam o indivíduo no mundo e, situando-o, definem a sua identidade social – seu modo de ser particular, produto de seu ser social.”(Spink,1993:8). Isto, segundo Abric (1998) define a representação como uma visão funcional do mundo que permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências, permitindo assim que se adapte e encontre um lugar nesta realidade.

Assim pensando o que foi dito no parágrafo anterior consideramos que as representações sociais atuam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o meio físico e social, determinando seu comportamento e suas práticas. E, nesse sentido, elas são uma preparação para a ação, uma vez que informam os indivíduos sobre o seu meio, e com isso orientam sua ação no cotidiano, de modo que uma vez organizada a realidade em função de uma representação, a resposta com que essa pode contribuir a respeito de um determinado ponto é elaborada em função do sistema de interpretação como um todo. Assim consideramos que:

Se uma representação social é uma “preparação para a ação”, ela não o é somente na medida em que ela guia o comportamento, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. Ela consegue inculcar um sentido ao

comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. (Moscovici, 1978, p.49)

As representações sociais circulam em nossos cotidianos, formamo-las sobre os mais diversos objetos segundo a posição social em que nos encontramos, de forma que uma representação sempre parte de alguém e é elaborada sobre alguma coisa. Assim concebe-se que o ato de representar significa apreender e retocar o texto, esse retoque do texto é intimamente ligado a posição ocupada pelo indivíduo ou grupo na sociedade, assim, se a sociedade oferece uma variedade de interpretações a um determinado objeto ou situação, o indivíduo ou grupo também interpreta e molda sua forma de pensar e sentir de um modo que lhe é próprio. Elas determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem subsequentemente, as condutas desejadas ou admitidas. Duveen(2003) pensa que:

As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social. Há uma relação sutil, aqui, entre representações e influências comunicativas, que Moscovici identifica, quando ele define uma representação social como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitara as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e , em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidades, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social(1976:xiii).(Duveen,2003, p.21)

Uma das pesquisas que melhor exemplificam as diferentes formas de apreensão das representações sociais é a obra que reabriu o campo de estudos das representações sociais, intitulada “A representação social da psicanálise”. Nesta obra Moscovici demonstra através da assimilação da psicanálise pelos não especialistas que a assimilação de um conhecimento implica numa série de processos, nos quais nem sempre o conteúdo representado mantém sua configuração original.

A transição do conhecimento, especificamente no caso tratado por Moscovici, vai do universo reificado ao consensual e, a partir daí, entramos numa instância fundamental à compreensão de como as representações sociais penetram o nosso cotidiano. Moscovici considera existirem nas sociedades contemporâneas duas classes de universos, são eles os universos reificados e os universos consensuais. Nesse sentido Sá, citando Moscovici, afirma que os universos reificados, são aqueles em que produzem e circulam as produções científicas e o pensamento erudito em geral, perdura neles a lógica das produções acadêmicas com toda sua estrutura de funcionamento. Os universos consensuais correspondem às atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais. As produções desse universo obedecem a uma “lógica natural”, que não se submete a mecanismos de produção e apropriação da verdade científica. (1995, p.29). Segundo ele, estes universos atuam simultaneamente com a finalidade de moldar a realidade social.

Descrevendo essa dinâmica de transição das representações sociais no cotidiano, em que as informações passam dos universos reificados aos consensuais, e o caminho seguido nessa transição, Moscovici afirma que:

“A transformação de um conhecimento indireto em um conhecimento direto constitui o único meio de nos apropriarmos do universo exterior. Exterior num duplo sentido: o que não nos pertence – mas se subentende que pertença ao especialista– e o que está fora de nós, fora dos limites do nosso campo de ação.(...)Contudo, ao tornar-se interior, e para que seja interiorizado, o conhecimento penetra no “mundo da conversação”, prosseguindo as permutas verbais depois de certo tempo (...) Graças a esses falatórios, não só as informações são transmitidas e os hábitos do grupo confirmados, mas cada um adquire uma competência enciclopédica acerca do que é objeto da discussão. À medida que a conversa coletiva progride, a elocução regulariza-se, as expressões ganham em precisão. As atitudes ordenam-se, os valores tomam seus lugares, a sociedade começa a ser habitada por novas frases e visões. E cada um fica ávido por transmitir o seu saber e conservar um lugar no círculo de atenção que rodeia aqueles que “estão ao corrente”, cada um documenta-se aqui e ali para continuar no páreo.”(1978, p.53)

Nas sociedades contemporâneas, cada vez mais são os conhecimentos dos universos reificados que vêm informar o universo consensual. Nesse sentido “surge em



nossa época um novo tipo de senso comum, novos saberes sociais ou populares, conhecimentos de segunda mão, cuja operação básica consiste na contínua apropriação “das imagens, das noções e das linguagens que a ciência não cessa de inventar.”(Moscovici apud Sá 1995:29-30). Moscovici considera que para que o conhecimento sobre determinado objeto, ou fenômeno, se torne uma representação social, é necessário ele seja interiorizado, o que acontece, através do mundo da conversação, segundo ele:

Uma frase, um enigma, uma teoria apanhados no ar, aguçam a curiosidade, prendem a atenção. Fragmentos de diálogos, leituras descontínuas, expressões ouvidas algures retornam do espírito dos interlocutores, misturam-se às suas impressões; brotam as recordações e as experiências comuns apossam-se delas. Graças a esses falatórios, não só as informações são transmitidas e os hábitos do grupo confirmados, mas cada um adquire uma competência enciclopédica acerca do que é objeto da discussão. (Moscovici, 2003, p.53)

Nesse sentido, o autor pondera que a difusão dos conhecimentos é uma troca em que experiências e teorias de diferentes grupos, ou de um mesmo grupo, se modificam qualitativamente, tanto em seu alcance como em seu conteúdo. Essas modificações são determinadas de um lado pelos meios de comunicação, e de outro, pela organização social dos que a comunicam. A comunicação diferencia, traduz, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpelam os objetos sociais ou as representações sociais de outros grupos, e com isso elas atuam diretamente na construção do universo consensual. Essa incidência da comunicação é avaliada por Moscovici em nível de emergência das representações, dos processos de formação, e no nível das dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta. Jodelet partindo de Moscovici examina estes níveis nos seguintes termos:

1)Ao nível de emergência das representações cujas condições afetam os aspectos cognitivos. Dentre essas condições encontram-se: a dispersão e a defasagem das informações relativas ao objeto representado e que são desigualmente acessíveis de acordo com os grupos; o foco sobre certos aspectos do objeto, em função dos interesses e da implicação dos sujeitos; a

pressão à inferência referente a necessidade de agir, de tomar posição e de obter o reconhecimento e a adesão dos outros – elementos que vão diferenciar o pensamento natural em suas operações, sua lógica e seu estilo;

2)Ao nível dos processos de formação das representações, a objetivação e a ancoragem que explicam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício, nos planos de organização dos conteúdos que lhe são conferidas;

3)Ao nível das dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação midiáticos. Estes, segundo pesquisas dos efeitos sobre sua audiência, têm propriedades estruturais diferentes, correspondentes à difusão, à propagação e à propaganda. A difusão é relacionada com a difusão de informações e a propaganda com a dos estereótipos. (Jodelet, 2001, p.30)

Sá (2002) ressalta que as dimensões da realidade social que afetam a emergência ou não de uma representação sobre determinado objeto em um dado grupo são: a dispersão da informação, a focalização do sujeito individual ou coletivo, e a pressão para inferência, a propósito do objeto socialmente definido. Essas três partes são descritas da seguinte forma:

*A dispersão da informação* reenvia para um defasamento quantitativo e qualitativo entre a informação disponível e a informação necessária para a compreensão sólida de um problema ou de um objeto. Mais, a informação que circula não é sempre claramente definida, é na maioria dos casos ambígua, imprecisa. Este defasamento não é independente das clivagens sociais: não só a informação não circula da mesma forma, como não circula o mesmo tipo de informação em todos os grupos sociais, como ainda ambigüidade de informações não se manifesta da mesma forma para todos;

*A focalização*:os recursos educativos, os interesses profissionais ou ideológicos parametrizam a focalização dos indivíduos em diferentes domínios do meio e gerem a pertinência de elaboração de uma representação ou de uma representação mais sólida e mais fluida acerca de um dado objeto;

*A pressão à inferência*: entre a constatação de um fenômeno e a necessidade de tomada de posição sobre ele vai um lapso de tempo mínimo. A posição a tomar não é, contudo, uma qualquer, deve servir a objetivos individuais ou grupais. Tal fato exige que os indivíduos ou grupos disponham de recursos que lhes permitam produzir uma opinião não só rápida, mas também conforme às suas

estratégias. Esses recursos são, em grande parte, as representações a que o fenômeno em causa faz apelo, e que refletem o posicionamento social dos indivíduos na sua relação com um grupo e de um grupo na sua relação com outros grupos. (Valla apud Sá, 2002, p.41-2)

Pensamos, em concordância com Abric (1998), que se as representações sociais possuem um papel fundamental na dinâmica e na prática das relações sociais, é por que elas correspondem às funções essenciais nos quadros em que se estabelecem as relações sociais, Abric separa essas funções em quatro são elas: 1) Função de saber, que permite aos indivíduos adquirirem conhecimentos, compreendê-los dentro de um sistema de valores sociais e estabelecerem, então, a comunicação social e as relações sociais, 2) Função identitária, que definem a identidade e permite a proteção das especificidades do grupo, 3) Função de orientação, que norteia os comportamentos e as práticas sociais; tem um caráter prescritivo dos comportamentos, definindo o que é aceitável ou não dentro de um contexto social 4) Função justificadora, onde permitem a posteriori, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos.

Quando se pensa no contexto de uma representação social essas quatro funções atuam juntas, através dos processos de ancoragem e objetivação que perpassam as quatro funções das representações sociais, e perpassando as três dimensões de uma representação, fazem de um conhecimento indireto um conhecimento direto, que constitui na perspectiva da teoria das representações sociais o único meio de nos apropriarmos do universo exterior. O importante é integrar um conhecimento, que é inicialmente estranho, em um tipo de conhecimento que a maior parte dos indivíduos pode lançar mão em seu cotidiano, trazendo-o a um quadro corrente do real, pela extração de um sentido ou de uma ordem através do que é relatado e pela manipulação de conhecimentos dissociados de seu contexto lógico normal. (Moscovici, 1978, p.55).

Moscovici estabelece que a representação social configura-se ao longo de três dimensões que são *informação, campo de representação e atitude*. A *informação*, relaciona-se à função de saber e abrange a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social. Junto às funções identitárias e justificadora temos o *campo de representação*, observamos aqui a tentativa de familiarizar o objeto, adaptando-o às concepções do grupo para poder explicar o fenômeno em questão. Nele se inscrevem as idéias de modelo social, sendo essa a dimensão em que as informações

do objeto são filtradas por critérios específicos de cada sociedade ou grupo. A terceira dimensão tratada é a da *atitude*, nessa os conceitos formulados nas dimensões anteriores fornecem uma orientação global em relação ao objeto da representação social, ela encontra-se junto à função orientadora. (Moscovici, 1978, p.72 / Abric, 1998, p. 28-0)

Essas três dimensões – informação, campo de representação e atitude – da representação social fornecem-nos, segundo Moscovici, uma panorâmica do conteúdo e do sentido de uma dada representação. (Moscovici, 1978). Sá (2002) afirma que Moscovici atribui à dimensão da *atitude* uma importância crucial, sendo para ele “razoável concluir que as pessoas se informam e representam alguma coisa somente depois de terem tomado uma posição e em função da posição tomada”(Moscovici, 1978, p. 72). A comparação dessas três dimensões leva-nos a pensar a delimitação dos grupos em função de sua representação social, uma vez que as definições de um grupo provêm de um feixe de pressupostos que confere peso diferencial a certo número de critérios. A diversidade de estruturação e de conteúdo ou o inverso; definem as especificidades de um grupo em função da visão que ele tem do mundo, e assim se concretiza um dos modos que conferem as representações seu caráter coletivo. (Moscovici, 1978)

Assim Moscovici considera, pensando o núcleo figurativo da representação social em sua estrutura, que esta se desdobra em duas faces pouco dissociáveis, que correspondem à *figura* e à *significação*, essas duas faces fazem atribuir a toda figura um sentido e a todo sentido uma figura. Essa proposta permite conceber as representações sociais como um processo que torna o conceito e a percepção intercambiáveis, uma vez que se engendram reciprocamente nas duas faces das representações sociais. Do conceito, a representação retém o poder de organizar, de unir e de filtrar o que vai ser reproduzido e reaprendido no domínio sensorial. Da percepção, ela conserva a aptidão para recorrer e registrar o inorganizado, o descontínuo (Moscovici, 1978).

Dessa formação estrutural, Sá ressalta que podemos extrair uma caracterização dos processos formadores, pois segundo ele a duplicação de um sentido por uma figura, pela qual se dá materialidade a um objeto abstrato, é cumprida pelo processo de objetivação; e a duplicação de uma figura por um sentido, através da qual se fornece um contexto inteligível ao objeto é cumprida pelo processo de ancoragem. (2002, p.46).

Ancoragem consiste na integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas. Esse processo é responsável pelo enraizamento social da representação e do seu objeto. Nesse sentido Moscovici descreve:

Desde que possamos falar sobre alguma coisa, avaliá-la e assim comunicá-la – ...– então podemos representar o não usual em nosso mundo usual, reproduzi-lo como uma replica de um modelo familiar.(...)[Nesse processo] a neutralidade é proibida pela própria lógica do sistema em que cada objeto e ser deve ter um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar numa hierarquia claramente graduada.”(Moscovici apud Sá, 1995, p.37)

A ancoragem realiza-se através de duas operações que são a *classificação* e a *denominação*. A classificação segundo Moscovici dá-se mediante o encaixe do objeto com um dos protótipos estocados na memória com o qual comparamos o objeto a ser representado e decidimos se ele pode ou não ser incluído em uma determinada classe. O que ocorre nessa instância, é um tipo de comparação que tende a generalizar ou particularizar o objeto partindo de algumas características mais salientes; a lógica dessa operação é a mesma que preside os universos consensuais.

Ainda compondo o processo de ancoragem temos a operação de *denominação*, Moscovici afirma que ao denominar alguma coisa a tiramos de um anonimato perturbador para dotá-la de uma genealogia, incluindo-a num contexto inteligível de acordo com a nossa identidade, com a nossa cultura. Sobre essa operação o autor descreve que “(a) uma vez denominada, a pessoa ou a coisa pode ser descrita e adquire certas características, tendências etc.; (b) ela se torna distinta de outras pessoas ou coisas através dessas características e tendências; (c) ela se torna objeto de uma convenção entre aqueles que adotam e partilham uma convenção.”(Moscovici apud Sá, 1995, p.39)

Articulado a ancoragem está o processo de objetivação das representações sociais, que consiste em uma operação imaginante e estruturante, pela qual se dá uma forma – ou figura – específica ao conhecimento acerca do objeto, tornado concreto, quase tangível, sendo o conceito abstrato materializando na palavra. Jodelet esmiúça esse processo em três operações, são elas: “(1) seleção e descontextualização de elementos da

teoria em função de critérios culturais, normativos; (2) formação de um núcleo figurativo, a partir dos elementos selecionados, como uma estrutura imaginante que reproduz a estrutura conceitual; (3) a naturalização dos elementos do núcleo figurativo, pela qual finalmente, “as figuras”, elementos do pensamento, tornam-se elementos da realidade, referentes para o conceito”. (Jodelet apud Sá, 1995, 41).

a objetivação, como se sabe, faz com que se torne real um esquema conceptual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material, resultado que tem, em primeiro lugar, flexibilidade cognitiva: o estoque de indícios e de significantes que uma pessoa recebe, emite e movimenta no ciclo de suas intracomunicações pode tornar-se superabundante (...) Objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as (e adotando assim certa distância a seu respeito). É também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo.” (Moscovici, 1978, p.111)

Na objetivação nossa resposta resulta de um duplo esforço de nossa parte, “primeiro um salto no imaginário que transporta os elementos objetivos para o meio cognitivo e prepara para eles uma mudança fundamental de status e função”(…) [e segundo] um esforço de classificação, que coloca e organiza as partes do meio ambiente e, mediante seus cortes, introduz uma ordem que se adapta a ordem preexistente, atenuando assim o choque de toda e qualquer nova concepção”. (Moscovici, 1978, p.113)

O processo de objetivação tem como operações essenciais, naturalizar e classificar, uma torna o símbolo real, a outra dá à realidade um ar simbólico. Uma enriquece a gama de seres atribuídos à pessoa (e nesse sentido pode-se dizer que as imagens participam do nosso desenvolvimento), a outra separa alguns seres de seus atributos para poder guardá-los num quadro geral de acordo com o sistema de referencia que a sociedade institui (Moscovici, 1978, p.113).

“Naturalizado o núcleo da representação social, é preciso ainda localizar e fixar condutas individuais, e ordená-las de maneira que estejam de acordo com esse núcleo. (...) A classificação permite atingir vários objetivos que nos são necessários para nos orientarmos em nossas relações com outrem e com o meio ambiente: a) Faz-se uma escolha entre os diversos sistemas de categorias (e assim indicam suas preferências)(...); b) A definição de caracteres comuns

permite estabelecer uma equivalência (ou diferença) entre os indivíduos(...); c) Reconhece-se um significado em certos comportamentos e a eles se atribui um *nome*.” (Idem.)

Assim, pode-se dizer sobre o processo de objetivação que: são socialmente transmitidas informações sobre determinado objeto na dimensão da informação, o que gera um esforço por parte do grupo para traduzir essas informações em formas de conhecimento úteis às situações cotidianas de interação, assim: “... o processo de objetivação é o processo através do qual o que é abstrato se torna concreto, dotado de materialidade. O conhecimento (idéias ou crenças) sobre um fenômeno, quando objetivado, não só é visto como exterior aos indivíduos, como informação, e por isso válido, como se torna um estímulo como se de uma realidade física se tratasse, para a organização dos comportamentos e de novos conhecimentos.” (Vala, 1998:91 apud Junqueira, 2001). Moscovici diz que:

A representação social torna-se através desses processos, o que chamarei um instrumento referencial, um modelo de ação que tem uma dimensão simbólica e imaginária, e que não se mantém ao nível dos conceitos (...). Para citar um exemplo, se a objetivação mostra como elementos de uma ciência integram uma realidade social, a amarração permite compreender o modo como eles contribuem para modelar as relações sociais e como as exprimem. (Moscovici, 1978, p.175-6)

A conversação é o veículo mais importante de preservação da realidade, ela perpassa os processos e funções das representações sociais de modo que se concebe a vida cotidiana do indivíduo em função do movimento incessante de um aparelho conversacional que mantém, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva. Através da contínua interação, cada um sensibiliza-se para o que lhe é estranho e apropria-se dos elementos que lhe convém. (Moscovici, 1978, p.100). Em última instância o esforço central das representações sociais no cotidiano é trazer ao âmbito familiar em que os indivíduos conhecem as regras de interação, informações, ou objetos que antes não faziam parte desse universo.

Considera-se que seja qual for o nível de educação dos indivíduos, eles estão armados de maneira idêntica para comunicar ou emitir uma opinião nos limites de seu grupo de interação de modo que o esforço essencial do sujeito é para destacar e por em relevo dos objetos ou fenômenos representacionais, perspectivas que se harmonizem com suas orientações, sistemas de interpretação comuns a seu grupo; estas por sua vez marcam o sentido, o conteúdo e os atributos positivos ou negativos das classes que são ordenadas e manipuladas pelo raciocínio, da mesma forma que as tradições históricas e a estratificação, colocam o sujeito pensante no caminho determinado.

Esses quadros de pensamento, não são, é claro, indiferentes às posições sociais ocupadas e ao objeto representado, uma vez que o olhar sempre parte de algum lugar e isso tem diversas implicações na forma como se representam os objetos. Uma representação social é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa. Em suma, uma pessoa ou coletividade é focalizada porque, como tal durante a interação social, ela está implicada ou empenhada na substância e nos efeitos de seus próprios juízos ou opiniões (Moscovici, 1978, p.252). Nesse sentido, Doise citado por Sá (2002) esclarece:

É a análise das regulações efetuadas pelo metassistema social no sistema cognitivo que constitui o estudo propriamente dito das representações sociais, desde que suas ligações com posições específicas em um conjunto de relações sociais sejam explicitadas. Segundo as posições os metassistemas variam; elas podem, por exemplo, implicar uma aplicação rigorosa de princípios lógicos, quando de um trabalho científico, ou visar sobretudo uma defesa da coesão do grupo, quando de um conflito com outro grupo. (Doise apud Sá, 2002, p.34)

Pensando as representações sociais enquanto um conhecimento voltado à prática, Spink (1995) afirma que elas são simultaneamente estruturadas e estruturantes, e revelam o poder de criação e de transformação da realidade social. Seguindo o pensamento da autora, em muito equivalente ao de Bourdieu, temos que as representações sociais são estruturas estruturadas, ou estruturas objetivas na medida em que tratamos de que são também indivíduos inscritos numa determinada situação social e cultural, da qual não podem escapar. E estruturas estruturantes por que são também expressões da realidade intra-individual, remetendo nesse sentido a Bourdieu em seu conceito de *habitus* que são:



"sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro" (BOURDIEU apud MICELI, 1987: XL). "(...) sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados" (Bourdieu apud Azevedo 2003).

Nesse sentido, enquanto estruturas estruturantes, ou campos socialmente estruturados, a análise das representações sociais, deve ser realizada à luz do contexto em que a representação social foi produzida. Ou seja, à luz das condições objetivas e intersubjetivas de sua produção, considerando aí a disposição dos indivíduos no espaço social, seu *campo*, assim como o *habitus* envolvido em determinada produção. Nesse sentido Spink, problematizando a noção de contexto, afirma que este é essencialmente “intertextual”, sendo “a justaposição de dois textos: o texto sócio-histórico que remete às construções sociais que alimentam a nossa subjetividade; e o texto-discurso, versões funcionais constituintes de nossas relações sociais.”(1995, p.122)

A autora considera também que o contexto pode ser definido não apenas pelo espaço social em que se desenrola a ação como também a partir de uma perspectiva temporal. Nessa perspectiva Spink afirma que é importante considerar, na perspectiva temporal, três tempos: O tempo curto da interação que tem como ponto fundamental a funcionalidade das representações; o tempo vivido, que se delinea pelo processo de socialização – o território do *habitus* (Bourdieu:1983), das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais; e o tempo considerado longo, no qual

prevalecem as memórias coletivas, e onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, imaginário social.(Spink,1995:122)

Pensando como Doise, citado por Sá, que a teoria das representações sociais “é basicamente uma teoria geral sobre o metassistema de regulações sociais que intervêm sobre o sistema de funcionamento cognitivo”(Doise apud Sá, 2002, p.50). Sejam quais forem as instâncias de representação social focalizadas, esta concepção genética da teoria se mantém, embora deva eventualmente ser completada por proposições mais específicas. Este é o âmbito explicativo das grandes teorias como convêm Doise:

No meu entender, grandes teorias nas ciências humanas são concepções gerais sobre o indivíduo e/ou o funcionamento societal que orientam o esforço da pesquisa. Elas devem não obstante, ser completadas por descrições mais detalhadas de processos que sejam compatíveis com a teoria geral, mas que podem também ser compatíveis com outras teorias. (Doise apud Sá, 2002, p.50)

Foi nesse sentido, como uma abordagem complementar, a teoria das representações sociais que foi proposta, a Teoria do Núcleo Central elaborada por Abric em 1976, cuja hipótese central é apresentada nos seguintes termos: “ a organização de uma representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado à representação.”( 1998, p.31).

A origem dessa proposta encontra-se, segundo Sá (2002), na teoria geral das representações sociais sob a noção de “núcleo figurativo”, o autor explica que “em linhas gerais o núcleo figurativo é a estrutura imagética em que se articulam, de uma forma mais concreta ou visualizável, os elementos do objeto de representação que tenham sido selecionados pelos indivíduos ou grupos em função de critérios culturais e normativos.” Assim descontextualizados, reestruturados em estruturas diversas tais elementos gozam de uma considerável autonomia em relação a totalidade da representação. Tal recriação nuclear do objeto, segundo o autor, pode ser amplamente utilizada, como forma básica do conhecimento, em uma variedade de situações e circunstâncias, em associação com

outros saberes e outras informações, definindo essas informações e intermediando o acolhimento de outras. (Sá, 20002,p.65)

Segundo Abric (1998), temos articulados na estrutura das representações sociais dois elementos, que também traduzem dois sistemas distintos, mas complementares, são eles o sistema central e o sistema periférico, o núcleo central, também chamado núcleo estruturante corresponde ao sistema central que é determinado pela natureza do objeto representado e pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ideológico do momento e do grupo, constitui-se como elemento de significação das crenças, atitudes e opiniões de um objeto determinado. O sistema periférico é constituído de elementos que dão sustentação ao núcleo central, seus componentes são mais acessíveis, mais vivos e mais concretos.

Abric (1998) afirma que núcleo central é todo elemento que desempenha um papel central na representação, no sentido que os outros elementos dependem dele, posto que é em relação a ele que se definem seu peso e seu valor para o sujeito. Ele fundamenta-se como o elemento, ou os elementos, que possuem a propriedade de estabilidade da representação, são os elementos que asseguram a continuidade em contextos móveis e evolutivos, ele é resistente à mudanças, e qualquer modificação nele se traduz em completa transformação da representação (Abric,1998; SÁ, 2002). O núcleo central assume, segundo Abric(1998), duas funções fundamentais, são elas: a geradora e a organizadora, as quais descreve da seguinte forma:

*Uma função geradora:* ela é o elemento através do qual se cria, ou se transforma o significados dos outros elementos constitutivos da representação. É através deles que os outros elementos ganham um sentido, um valor.

*Uma função organizadora:* é o núcleo central que determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos de uma representação. Nesse sentido o núcleo é o elemento unificador e estabilizador da representação. (Abric, 1998, p.31)

O núcleo central é nessa perspectiva o elemento que subsidia o sentido mais fundamental e abrangente da representação social, é através dele que se verifica a natureza do objeto representado, e os tipos de relações que o grupo mantém com ele, o sistema de valores e os padrões sociais que constituem o ambiente de vida, em sua dimensão objetiva ou subjetiva, do indivíduo e do grupo. Considera-se que ele atua

através de duas dimensões diferentes, são elas a *Funcional* e a *Normativa*, na primeira, “como ocorre em situações com uma finalidade operatória: serão então privilegiados na representação e constituindo o seu núcleo central os elementos mais importantes para a realização da tarefa”. A dimensão *Normativa*, por sua vez, está “em todas as situações onde intervêm diretamente dimensões sócio-afetivas, sociais ou ideológicas. Nesse tipo de situações, pode-se pensar que uma norma, um estereótipo, uma atitude fortemente marcada estarão no centro da representação”. (Abric, apud Sá, 2002, p.71)

Outro importante aspecto ressaltado com relação ao núcleo central é a importância de se observar a organização interna de seus elementos, nesse sentido, Abric (1998) ressalta que a simples identificação do conteúdo de uma representação não basta para o seu reconhecimento e especificação, uma vez que representações diferentes podem apresentar o mesmo conteúdo, não sendo iguais, uma vez que cada uma tem uma organização interna que lhe é própria, o que se dá na atribuição de diferentes pesos a diferentes aspectos e/ou categorias.

Ao redor do núcleo central, Abric (1998) considera a existência de elementos periféricos, segundo ele esses elementos constituem o essencial do conteúdo da representação, seus componentes diferentes dos do núcleo central são mais acessíveis, mais vivos, e mais concretos. Esse sistema está em contínuo diálogo com o núcleo central, e é ele quem fornece coerência ao fato de as representações sociais serem simultaneamente rígidas e flexíveis, estáveis e móveis; eles regulam e adaptam o sistema central aos constrangimentos e às necessidades cotidianas do indivíduo ou grupo realizando a conexão entre o sistema central e a realidade cotidiana. Os elementos periféricos exercem três funções primordiais: função de concretização, de regulação e de defesa da representação descritas por Abric da seguinte forma:

*Função de concretização:* diretamente dependente do contexto, os elementos periféricos resultam da ancoragem da representação na realidade. Eles constituem a interface entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é laborada ou colocada em funcionamento. Eles permitem a formulação da representação em termos concretos, imediatamente compreensíveis e transmissíveis.

*Função de regulação:* mais leves que os elementos centrais, os elementos periféricos tem um papel essencial na adaptação da representação às evoluções do contexto. Então, as informações novas ou transformações do meio ambiente

podem ser integradas na periferia da representação. Elementos suscetíveis de entrar em conflito com os fundamentos da representação poderão ser integrados, seja lhes atribuindo uma importância menor, seja lhes reinterpretando na direção do significado atribuído pelo núcleo central, ou ainda lhes atribuindo um caráter de execução. Face à estabilidade do núcleo central, os elementos periféricos constituem o aspecto móvel e evolutivo da representação.

*Função de defesas:* o núcleo central de uma representação – como já dissemos – resiste a mudança, posto que sua transformação provocaria uma alteração completa. Então, o sistema periférico funciona como sistema de defesa da representação. Ele constitui o que Flament(1994) chama de para choque da representação. A transformação de uma representação se opera, na maior parte dos casos, através da transformação de seus elementos periféricos: mudança de ponderação, interpretações novas, deformações funcionais defensivas, integração condicional de elementos contraditórios. É no sistema periférico que poderão aparecer e ser toleradas as contradições. (Abric, 1998, p.32)

Flament, complementando o trabalho de Abric, afirma que os elementos periféricos são *esquemas* organizados pelo sistema central que garantem de modo instantâneo o funcionamento da representação como guia de leitura de uma situação (Flament apud Abric, 1998, p. 32-3). A importância desses esquemas resulta das seguintes características; primeiramente, eles são prescritores de comportamentos e de tomadas de posição do sujeito. Eles indicam o que é normal de se fazer ou de se dizer em uma dada situação, possibilitando assim, a orientação das ações e das reações dos sujeitos sem necessidade de recurso aos significados centrais. Em seguida, eles permitem a transição personalizada das representações e das condutas a elas associadas, de modo que uma mesma representação pode dar lugar a diferenças aparentes, que são ligadas à apropriação individual ou a contextos específicos, sob a condição, que essas diferenças sejam compatíveis com um mesmo núcleo central. Finalmente, os esquemas periféricos protegem o núcleo central, em caso de necessidade. (Abric,1998,p.32).

Abric (1998) afirma que os dois componentes de uma representação, núcleo central e sistema periférico, funcionam como uma entidade organizando seu próprio funcionamento. O núcleo central possui uma determinação social associada às condições históricas, sociológicas e ideológicas, ligando-se diretamente aos valores, crenças e

normas de uma sociedade. Ele é a base propriamente social e coletiva que define a homogeneidade de um grupo, sendo relativamente independente do contexto imediato dentro do qual o sujeito utiliza e verbaliza as suas representações. Já o sistema periférico possui uma determinação mais individualizada e contextual, na qual as características individuais do sujeito e o ambiente em que vive são norteadores da construção da representação social, eles permitem modulações pessoais em referência ao núcleo central, gerando representações mais individualizadas, permitindo a integração de informações e até de práticas diferenciadas. Moliner citado por Abric esclarece que “Os esquemas centrais (o núcleo central) são normativos no sentido de que eles expressam a normalidade, mas não a certitude, enquanto que os elementos periféricos condicionais, expressam o freqüente, às vezes o excepcional, mas nunca o anormal”(Moliner apud Abric,1998, p.33). Esse duplo sistema permite compreender como as representações são simultaneamente estáveis e móveis, rígidas e flexíveis, e ainda, consensuais e marcadas por fortes diferenças individuais.

A identificação do núcleo central e sistema periférico assinalam-se através de quatro características marcantes: a saliência, a conexidade, o valor simbólico e o poder associativo. As duas primeiras características (a saliência e a conexidade) estão igualmente direcionadas às técnicas de coleta mais quantitativas das representações. Já as duas últimas (o valor simbólico e o poder associativo) se direcionam a técnicas de coleta qualitativas (SÁ, 2002, p.112-4).

### 3.METODOLOGIA DE PESQUISA

Moscovici considera como condição de estudo sobre os fenômenos de representação social, que se tenha definido o “objeto” que é representado, e o grupo que o representa. Nesse sentido enfatizo dois recortes, primeiro, o objeto que desejo apreender, que são as representações sociais da violência. E o grupo em que pretendo investigar tais representações são jovens entre 15 e 17 anos. As representações sociais da violência são aqui consideradas sistemas de interpretação através das quais a juventude goianiense pensa a violência, elaborando discursos e inserindo-a na sua vivência.

O critério para a seleção da faixa etária a ser pesquisada deve-se ao fato de que esse trabalho é parte do projeto *Imagens Cruzadas: Juventude e Representação Social*, que trabalha com critérios de triangulação a partir de metodologias qualitativas e quantitativas. Como o projeto global realizou um *survey*, o uso de um recorte equivalente permite que eu possa recorrer aos dados coletados a fim de responder as questões que me proponho. Outro fator me é dado por Cavalli (2004) que apoiado no ensaio sobre as gerações de Manheinn e em estudos correntes da psicologia social, considera que no final da adolescência, valores, opiniões e atitudes a respeito da esfera política são formados e tendem a se tornar estáveis no curso da vida adulta.

As representações sociais da violência são diariamente expostas nos diversos meios de comunicação, sobre elas se constroem discursos, e formas de conduta. Elas exercem, através do medo e do sentimento de insegurança que transmitem, influências no modo como os indivíduos se relacionam com o seu grupo de pares, e com os outros. Assim, pode-se dizer que elas respondem positivamente ao critério de “relevância cultural”, apontado por Sá (1998) como fundamental para se conceber o fenômeno de Representações Sociais.

Respondido acima o primeiro critério para se definir um fenômeno de representações sociais, passemos ao segundo com a pergunta: As representações sociais da violência estão presentes no cotidiano dos jovens? Nesse sentido, o estudo quantitativo, perfil da juventude brasileira<sup>4</sup>, realizado junto a jovens entre 15 e 24 anos de áreas urbanas e rurais de todo o Brasil, incluindo ambos os sexos e classes sociais nos dá

---

<sup>4</sup> <http://www.craj.unifesp.br/download/perfil.ppt#4> (última consulta julho de 2007)

uma resposta enfática, uma vez que 55% apresentaram a violência como sua a maior preocupação.

Considerando a amplitude do objeto representações sociais da violência urbana e as características epistemológicas desse fenômeno, faz-se necessário ao estudo um recorte mais preciso do tema. Dentre as condições epistemológicas que pedem maior recorte temos que “as representações sociais se organizam de maneira muito diversa, segundo as classes, culturas e grupos que constituem tantos objetos de opinião quantas classes e culturas existem”. (Moscovici, 1978, pág.67). Considero, como Elias (1994), que por nascimento estamos inseridos num complexo funcional de estrutura bem definida, de acordo com o qual devemos nos moldar, onde até nossa liberdade de escolha entre as funções preexistentes, depende largamente do ponto em que nascemos e crescemos nessa teia humana. (1994, p.21) E pensando nos termos da análise proposta observo que os indivíduos diferentemente posicionados nessa teia de interdependências possuem formas específicas de avaliar e lidar com a violência, portanto, deve-se estar ciente que, ao se falar em juventude, estamos lidando com indivíduos de diferentes posições sociais, que constituem grupos distintos presentes na abordagem que se pretende fazer, tendo cada um desses grupos estruturas de campos e habitus que lhes são específicas.

Pensando os recortes que nos possibilitam a análise destes grupos de forma relacional temos, partindo da proposta de Bourdieu, na definição do espaço social, um espaço que se configura de modo que os grupos se distribuem em função de sua posição social, que é definida a partir das diferentes distribuições de capitais econômico, social e cultural, que segundo ele:

“...se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do habitus); ou, em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de habitus (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses habitus e de



suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo.” (Bourdieu, 1996, p.21)

Partindo da lógica proposta por Bourdieu consideramos, em concordância com Ribeiro (2005), que a diferenciação social relaciona-se com a crescente especialização de tarefas, pensando que diferentes especializações exigem investimentos de capitais de diferentes tipos, e que retornam aos indivíduos ou unidades familiares com “lucros” diferenciados, gerando diferenças de atributos e de recursos, hierarquias de poder e de status, modelos diferenciados de apropriação do espaço, diferenças de preferências em matéria de vizinhança, etc. entre os segmentos sociais que compõe a sociedade. Essa diferenciação social do espaço urbano acaba produzindo uma divisão espacial desse mesmo espaço. Como afirma Bourdieu:

“...uma classe ou uma fração de classe é definida não apenas por suas posição nas relações de produção tal como elas podem ser identificadas através de índices como a profissão, as rendas ou mesmo o nível de escolaridade, mas também por um *sex-ratio*, uma distribuição determinada do espaço geográfico (que não é jamais socialmente neutro) por um conjunto de características auxiliares que, sob o título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão reais sem jamais ser formalmente anunciados (é o caso por exemplo do pertencimento étnico ou do sexo); vários critérios oficiais servem, com efeito, como máscaras de critérios ocultos, o fato de se exigir um diploma determinado podendo ser uma maneira de exigir de fato uma origem social determinada.(Bourdieu, apud Ribeiro, 1999, p.2-3)

Com efeito, pensando o espaço social e espacial a partir dessa proposta teórico-metodológica temos que “a noção de distância social coagulada das distâncias físicas é entendida como manifestação dos poderes das classes sociais em se apropriarem da cidade como recurso.” (Ribeiro, 2005, p.10).

Assim considerando, adoto no corrente estudo a tipologia sócio-espacial construída pelo Grupo de Pesquisa Observatório das Metrôpoles – IPPUR-UFRJ. Essa tipologia objetiva caracterizar socialmente áreas geográficas da cidade. Sua aplicação baseia-se na

análise de variáveis consideradas como centrais na descrição e interpretação dos princípios de divisão do espaço. Nesse sentido, Ribeiro (2005) considera que existem três aspectos fundamentais a serem observados: a) escolha da unidade social de análise; b) escolha das variáveis pelas quais a distribuição das pessoas no espaço será descrita, e c) escolha da unidade social a partir das quais à descrição será efetuada.

Observando os três aspectos considerados fundamentais para que pudéssemos utilizar a tipologia sócio-espacial para definir as posições sociais dos indivíduos participantes do survey, consideramos como unidade social de análise a família, isso porque estávamos lidando com jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos, que em sua maioria ainda dependem financeiramente de sua família; escolhida a unidade social de que nos apropriamos na análise passemos a identificação das variáveis pelas quais a distribuição das pessoas no espaço será descrita. Foram escolhidas e utilizadas como complementares as variáveis: a ocupação dos pais – optando-se por escolher a ocupação de status superior –, escolaridade dos pais, tipo de habitação, número de carros, número de banheiros, etc.; para cumprir ao terceiro critério recorreremos à categorização dos bairros de Goiânia, que já havia sido realizada pelo Observatório das Metrôpoles. Assim, utilizando conjuntamente esses critérios construímos a variável hierarquia social, com três categorias<sup>5</sup>: Posição Superior, a Posição Média, e a Posição Inferior<sup>6</sup>, sob as quais construímos as análises empíricas, tanto do survey quanto das entrevistas.

Como já foi dito, a maior parte das análises contidas no texto tem como parâmetro comparativo a posição social, e tem como objetivo apreender os padrões de comportamento, opiniões e imagens com relação a violência. Considerando como Souza Filho (1995) a dificuldade em comparar frequências de categorias simbólicas simplesmente a partir de percentagens, optei em minha análise pelo teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ) que, segundo o autor, é eficiente para avaliar a associação existente entre variáveis quantitativas. O princípio básico deste método é comparar as divergências entre as frequências observadas e as esperadas.

---

<sup>5</sup> O estudo do Observatório das Metrôpoles para a Região Metropolitana de Goiânia criou as seguintes categorias: superior, médio superior, médio, operário, popular, popular agrícola e agrícola. Simplificamos os tipos para os objetivos deste estudo.

<sup>6</sup> As categorias de hierarquia social serão representadas nas tabelas pelas siglas PS, PM e PI que remetem respectivamente as Posições Superior (PS), Posição Média (PM) e Posição Inferior (PI).

De modo geral, pode-se dizer que dois grupos se comportam de forma semelhante se as diferenças entre as frequências observadas e as esperadas em cada categoria forem muito pequenas, próximas a zero.

O  $\chi^2$  é calculado pela fórmula:

$$\chi^2 = \sum \frac{(fo - fe)^2}{fe}$$

$fo$  = frequência observada  
 $fe$  = frequência esperada

Ao trabalhar com o teste  $\chi^2$  parte-se de duas hipóteses:

H0: não há associação entre os grupos

H1: há associação entre os grupos

As frequências observadas são obtidas diretamente dos dados das amostras, enquanto que as frequências esperadas são calculadas a partir destas. Na prática, a frequência esperada em uma determinada célula é calculada pela multiplicação do total de sua coluna (Tc), pelo total de sua linha (Tl), dividindo-se o produto pelo total geral da tabela (N).

$$E = (Tc \times Tl) / N$$

Tc : total da coluna

Tl : total da linha

Uma vez calculado o  $\chi^2$ , procura-se na tabela de distribuição de  $\chi^2$  o valor do  $\chi^2$  crítico considerando o nível de significância adotado e os graus de liberdade. Os graus de liberdade da tabela são obtidos por:

$$gl = (\text{número de linhas} - 1 \times \text{número de colunas} - 1)$$

Considera-se que se o  $\chi^2$  obtido for igual ou maior que o  $\chi^2$  crítico, e a relação apresentar um grau aceitável de significância, existe associação entre as variáveis.

Na pesquisa qualitativa trabalhamos com dois tipos de metodologia, foram eles o Discurso do Sujeito Coletivo<sup>7</sup> metodologia desenvolvido por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre a partir dos pressupostos da Teoria das Representações Sociais,

---

<sup>7</sup> No decorrer do trabalho chamaremos os Discursos do Sujeito Coletivo trabalhados pela sigla DSC.

e a análise hermenêutica das falas, largamente utilizada nas ciências humanas de forma geral.

O DSC enquanto metodologia de análise propõe a utilização de quatro figuras metodológicas para organizar e tabular os depoimentos dos entrevistados, para então se proceder à análise e interpretação dos discursos. Essas quatro figuras metodológicas são: Ancoragem, Expressões-chave, Idéia central, Discurso do Sujeito Coletivo.

Todos os discursos apresentam de alguma forma a ancoragem. Alguns discursos possuem uma ancoragem clara. Outros têm uma ancoragem mais genérica, da qual é difícil, ou impossível, fazê-los emergir. (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003). Segundo Moscovici (2003) a ancoragem é um processo através do qual o indivíduo nomeia ou classifica algo, trazendo-o para o seu âmbito familiar. Segundo ele, a partir do momento que conseguimos categorizar e rotular o objeto somos capazes de falar sobre ele, de imaginá-lo e de representá-lo. Isso acontece justamente quando aquilo que não tinha nome passa a tê-lo, tornando-se familiar ao nosso mundo. Dessa forma, estabelecemos uma relação positiva ou negativa de acordo com imagens de nossa memória, categorizando o objeto. Outra figura metodológica usada por Lefèvre et al. (2006b) é a idéia central. Esta traduz, através das afirmações, o que é essencial do conteúdo discursivo expresso pelos sujeitos pela fala nas entrevistas. Trata-se de uma descrição sucinta e objetiva do discurso, podendo este ter mais de uma idéia central.

A idéia central é a figura que individualiza determinado discurso ou o conjunto destes. É importante salientar que no conjunto de todos os discursos, várias idéias centrais podem ser semelhantes ou complementares. As idéias centrais, juntamente com as expressões-chave se articulam para a formação dos Discursos do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003).

As expressões-chave são transcrições literais de partes do depoimento. Normalmente correspondem às questões do estudo e resgatam o que é essencial do discurso. Essas expressões chave são fundamentais, pois é por elas que o pesquisador poderá julgar a importância da seleção dos depoimentos através da comparação dos trechos selecionados com a íntegra do discurso e com as afirmativas que são reconstruídas sob a forma de idéias centrais e ancoragens. São com expressões-chave que se constroem os Discursos do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE *et al.*, 2006a).

Assim, no sentido em que as idéias centrais apresentam uma descrição objetiva do discurso, as expressões-chave representam o conteúdo substancial do mesmo. Estas se remetem à idéia central corporificando-a. Observa-se assim, que estas duas figuras metodológicas são de grande importância no que se refere à obtenção do verdadeiro sentido do discurso. Pode-se dizer que as idéias centrais e as expressões-chave possuem uma inter-relação dialética, sendo fundamental para o resultado da pesquisa que deseja apresentar os reais sentidos dos discursos (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003).

O Discurso do Sujeito Coletivo é a principal das quatro figuras metodológicas, e apresenta a crítica ao desenvolvimento do processo tradicional de categorização. Lefèvre & Lefèvre (2003) o definem como um “discurso síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas expressões-chave que têm a mesma idéia central ou ancoragem” (p.18). Ainda cita que a proposta do Discurso do Sujeito Coletivo é uma “crítica ao procedimento tradicional de categorização” (p.18).

Ao citar o termo “procedimento tradicional”, Lefèvre & Lefèvre (2003), se remetem à forma tradicionalmente utilizada para tabulação de dados provenientes de questões abertas. Uma tabulação que consiste em identificações de palavras, conceitos e expressões que represente a essência do sentido da resposta. Assim, seriam criadas categorias, nas quais as respostas do sujeito seriam enquadradas por serem equivalentes. Desta forma, segundo os autores, os discursos deixam de existir, pois são substituídos pelos títulos das categorias organizadas, perdendo-se os significados do pensamento do sujeito. Perde-se a característica do pensamento, pois ele é quantificado. Isto porque se desconsidera a discursividade, dando grande ênfase a palavras ou fragmentos do discurso, desprezando-a. Há assim, um comprometimento da pesquisa pela falta da apreensão dos significados dos depoimentos do sujeito (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2003).

Ressalto que apesar das críticas dos autores acima citados, as análises qualitativas tradicionais são utilizadas neste trabalho como complementares a técnica do DSC. Essa opção se deu devido ao fato de encontrarmos consideráveis diferenças discursivas quando inseríamos nas entrevistas algumas questões, porque em alguns momentos foi necessário consolidar os DSC em falas específicas dos grupos que a produziram, mas que constituíam respostas à outras questões, que não a que estavam sendo postas no DSC produzido, mas que lhes eram complementares.

Em ambos os casos adotamos nas análises a coerência das falas, e DSC, pensando-as de acordo com o conteúdo total das entrevistas, ou seja, as falas não foram recortadas afim de que se adequassem a análise, como critica Lefèvre (2003), mas sim tomadas enquanto um discurso, para o qual pautamos as análises hermenêuticas.

Durante toda a pesquisa realizada e análise de dados seguimos a proposta de Bourdieu, partindo do princípio de contínua vigilância epistemológica, e do contínuo diálogo entre a teoria e o objeto em questão.

### *3.1 – Instrumental de coleta de dados*

Foram adotadas duas frentes principais de coleta de dados, são elas: a abordagem estatística que realizamos por meio do survey, e as entrevistas com roteiro pré-estruturado. Ambas as técnicas e a forma como foram aplicadas no decorrer do estudo serão tratadas a seguir.

Utilizamos ainda, como técnica auxiliar a observação nos espaços de interação dos jovens na faixa etária estudada, nesse sentido, foram realizadas observações em shows, ônibus, campos de futebol, escolas, parques dentre outros. De um modo geral, não intervimos nas situações de interação, apenas observamos a forma como elas se estabeleciam, como por exemplo, a clara separação entre grupos díspares em parques e feiras, as posturas hostis em lugares públicos e teoricamente abertos a todos. As informações relativas a essas interações foram diariamente registradas, e servem aqui como pano de fundo da análise de alguns discursos.

Pensando conjuntamente essas três metodologias trabalhamos a análise a partir da triangulação, partindo dessas diferentes metodologias e técnicas, mas produzindo um texto único, permitindo-nos apreender: quais as representações sociais da violência na juventude, e de que forma, para os jovens, as informações circulantes na sociedade moldam seu cotidiano ou compõem o seu imaginário, e em se tratando de uma forma de conhecimento capaz de orientar a ação, de que forma esses conteúdos influenciam os grupos em seus processos de interação e em suas tomadas de posição. Apreendendo, como essas diferentes instâncias de produção e assimilação de conhecimento complementam.

### 3.1a – Survey

O survey foi iniciado em junho de 2005 e foi até fevereiro de 2007, juntamente com o Grupo de pesquisa *Imagens Cruzadas: juventude e representações sociais* sob a coordenação da professora Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza.

Essa fase pode ser dividida em três períodos, primeiro a elaboração dos questionários, os pré-testes, e os ajustes que julgamos necessários. Seguindo essa fase prosseguimos simultaneamente com a coleta dos dados e composição do banco de dados, sendo esse o primeiro survey que realizamos, tivemos de realizar já no banco de dados diversos ajustes, como recategorização de variáveis, agrupamento de categorias semelhantes, e categorização das variáveis abertas. No decorrer de todo esse período, estudamos quais seriam as melhores formas de analisar os dados que havíamos coletado.

O survey é composto por uma amostra de 381 questionários aplicados em jovens entre 15 e 17 anos habitantes da cidade de Goiânia. A amostra foi calculada a partir dos dados do Censo de 2000 por faixa etária, e sua distribuição pelas posições sociais foi proporcional a representatividade de cada posição na cidade de Goiânia<sup>8</sup>. Ficando o desenho da amostra como consta na tabela abaixo:

Tabela nº 01 – Hierarquia Social

Hierarquia Social	Quantidade	Percentual
Posição Superior	55	14,4%
Posição Média	101	26,5%
Posição Inferior	225	59,1%

O objetivo dessa parte do trabalho foi permitir uma aproximação inicial em relação ao objeto, e proporcionar informações, indicativos de informações e correlações que foram também investigados com o apoio das técnicas qualitativas.

A pesquisa quantitativa foi realizada em diversas escolas da rede pública e privada de diversas regiões da cidade de Goiânia. A escolha das escolas implicou na exclusão nessa fase da pesquisa dos jovens que não a frequentam, entretanto, é importante ressaltar que essa escolha foi baseada principalmente em dois fatores intimamente ligados, primeiro o grupo que se propôs a realizar o trabalho contava com poucas pesquisadoras

---

<sup>8</sup> Faz-se necessário observar que devido a essa escolha tivemos de calcular para cada questão os percentuais internos por posição social a fim de evitar distorções dadas pelas diferenças numéricas na quantidade de entrevistados por posição social.



em campo, o que impossibilitaria a realização do survey dentro do prazo previsto; e segundo as escolas surgiram para nós como um lugar propício a realização da pesquisa uma vez que possibilitou uma maior facilidade de contato com os grupos de jovens.

Partindo dessas premissas entramos em contato com os dirigentes das escolas pesquisadas para os quais apresentamos a pesquisa expondo sua relevância e seus objetivos, bem como a autorização dada pelo conselho de ética para sua realização, esses procedimentos junto a análise dos questionários pela diretoria das escolas nos possibilitou na maioria das vezes, realizar o trabalho investigativo.

O questionário elaborado conta em sua primeira parte com questões que coletam variáveis sócio-demográficas, tais como, gênero, idade, local de moradia, escolaridade do entrevistado e da família, entre outras. Essa parte do formulário teve como intuito distribuir os jovens e suas famílias de acordo com as posições sociais por eles ocupadas. As demais questões são voltadas a uma caracterização geral da juventude em termos de mecanismos de apropriação cultural e material, buscando abordar questões diversas, dentre elas, as que nos interessam aqui, são questões relativas representações da violência e interação social.

O questionário foi aplicado nas próprias escolas e sua forma de aplicação foi alterada no decorrer da pesquisa. Ao todo o instrumento conta com 77 perguntas, que se desdobram em 151 variáveis, o tempo médio de preenchimento foi de 15 a 25 minutos. No início, a aplicação era feita individualmente, sendo que as questões eram lidas e preenchidas pelo entrevistador mediante a resposta do entrevistado. Novamente aqui a pequena quantidade de pessoas na equipe emergiu como um problema, essa forma de aplicação gerava transtornos à rotina normal das escolas, e reclamações por parte das diretorias e do corpo docente, em virtude desses problemas optamos pela auto-aplicação dos questionários com acompanhamento e conferência das pesquisadoras.

Assim, uma média de 6 a 8 alunos responderam individualmente e separadamente ao questionário, sendo monitorados pelas aplicadoras que ficaram a disposição para quaisquer esclarecimentos que os entrevistados tenham julgado necessários. À medida que os formulários eram preenchidos as aplicadoras conferiram todo o material na presença do jovem para evitar questões sem respostas ou preenchidas inadequadamente. Essa forma de aplicar o instrumento de coleta de dados revelou-se bastante eficaz, não

apenas respondendo aos problemas práticos da pesquisa, mas ainda permitindo que os jovens se expressassem com um menor constrangimento, o que ficou evidente no conteúdo das respostas.

Com as informações obtidas no survey formamos um banco de dados no programa SPSS, que serviu de base para as análises de todos os trabalhos do grupo de pesquisa, inclusive este.

### 3.1b – *Entrevistas*

Optamos por coletar os dados qualitativos através de entrevistas com roteiro semi-estruturado, segundo Lefèvre (2006.b) nessa técnica o sujeito usará da fala para se expressar, desencadeando um discurso. Este discurso contém um conjunto de respostas às perguntas do roteiro que representam o pensamento do entrevistado sobre o objeto em questão. É uma fonte de informação que nos fornecem fatos, idéias, crenças, maneiras de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de sentir, condutas, comportamentos, entre outras informações.

A entrevista semi-estruturada é utilizada no presente trabalho como um instrumento capaz de apreender dados importantes que não foram captados, ou foram apenas parcialmente captados através do survey. Sua finalidade é de apreender o discurso que o sujeito coletivo produz sobre as representações sociais da violência, pretendeu-se através do roteiro captar a definição de violência elaborada pelos jovens, suas experiências diretas ou não em relação ao fenômeno e a forma como esses discursos são pautados na existência de um “outro estigmatizado”, considerando que o referencial teórico de que se parte neste trabalho é a teoria das representações sociais como um todo, foi possível verificar nas entrevistas as tendências de separação e estigmatização do outro pautadas nas representações sociais da violência que muitas vezes mistura-se a uma intensa sensação de medo e insegurança.

Ao todo foram realizadas 23 entrevistas, e o critério utilizado para definir esse número foi à saturação de conteúdos, sendo que as nove primeiras não foram gravadas devido a falhas técnicas com os gravadores, todos os entrevistados foram voluntários e assinaram o termo de consentimento. Adotei como critério de seleção dos entrevistados os locais de moradia, e, baseando-me no bairro de moradia e na estrutura das casas defini a posição social dos entrevistados.

Nem sempre os locais em que as entrevistas foram realizadas eram adequados, em muitas fitas encontrei grandes dificuldades de transcrição, em algumas entrevistas deparei-me com partes inteligíveis, onde apenas fiz a observação na transcrição, tais problemas fizeram dessa parte do trabalho irremediavelmente lenta.

#### 4. Representações sociais da violência nas Juventudes Goianienses.

A preocupação com a violência nos espaços públicos é um tema central em nosso cotidiano. O estudo *Juventude Brasileira e Democracia*<sup>9</sup>(2005) aponta que questões relacionadas à violência, segurança e criminalidade são a tônica das apreensões dos jovens. Esse tema, segundo os dados da pesquisa, ocupa a primeira ou a segunda colocação em todas as regiões pesquisadas, sugerindo que os jovens possuem consciência dos riscos a que encontram expostos, o que se evidencia nas estatísticas que atribuem às chamadas causas externas, a principal causa da mortalidade desse grupo nas Regiões Metropolitanas.

Também os dados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira realizada no ano de 2003, apontam a violência entres os temas que atualmente mais preocupam os jovens, ela é citada em 55% dos casos no total de três menções, e hierarquicamente colocada em primeiro lugar em 27% dos casos, entretanto, à distribuição de variáveis categorizadas como violência mostra que o que as pessoas entrevistadas temem não é, na maior parte dos casos, um tipo específico de vitimização, o que retrata um profundo sentimento de insegurança. Observa-se no quadro esposto que dos 55% que espontaneamente apontaram a violência como uma das três maiores preocupações, e dos 27% que a colocaram em primeiro lugar, respectivamente 40%, e 18% não citaram um tipo específico de violência ou crime a que temem, tendo ou não sido vítimas.

Quadro nº 01- Problemas que atualmente mais preocupam os jovens\*

Problemas que mais preocupam atualmente [espontânea, em %]	Total de três menções	Primeiro lugar
<b>SEGURANÇA / VIOLÊNCIA</b>	<b>55</b>	<b>27</b>
Violência	40	18
Criminalidade/ assassinatos/ muitas mortes	4	2
Assaltos/ roubos	4	2
Guerra	3	1
Violência nas ruas/ nas cidades/ violência urbana	3	2
Falta de segurança/ segurança do cidadão	2	1
Violência sexual/ abuso em crianças/ estupros	1	*
Brigas/ discussão/ brigas de rua/ gangues	1	*
Armas/ posse de armas/ compra de armas	1	*

<sup>9</sup> [http://www.idrc.ca/uploads/user-S/11340655531ibase\\_relatorio\\_juventude.pdf](http://www.idrc.ca/uploads/user-S/11340655531ibase_relatorio_juventude.pdf) (última consulta agosto de 2007)

\*Quadro extraído da pesquisa do slide nº25. Perfil da Juventude Brasileira, 2003.

Em Goiânia, quando questionamos o que os jovens mais temiam, a violência aparece como a segunda categoria mais citada pelos jovens no survey, considerando que a primeira variável era *Perder os pais*, que envolve uma carga muito grande de motivações, sejam de ordem financeira, afetiva, ou ambas; consideramos significativo o fato de a violência aparecer em segundo lugar sendo citada por 31,7% dos 107 respondentes que apontaram qualquer das demais alternativas.

Tabela nº 02- Do que você tem mais medo

Categorias	Hierarquia social			Total
	PS	PM	PI	
<b>Perder os pais*</b>	72,7%	72,2%	71,1%	71,6%
<b>Violência</b>	46,6%	39,2%	25%	31,7%
<b>Morrer</b>	13,3%	25%	17,1%	18,6%
<b>Não tem medo</b>	6,6%	7,1%	26,5%	18,6%
<b>Da Polícia</b>	20%	21,4%	12,5%	15,8%
<b>Ficar doente</b>	13,3%	7,1%	18,75	14,9%
* A variável <i>perder os pais</i> foi desconsiderada na análise que se segue.				

Observar-se quanto “maior” a posição social maiores os percentuais internos em que essa a violência emerge como preocupação central, observa-se que das pessoas consideradas na análise 46,6% dos jovens da posição superior apontaram a violência como sua principal preocupação, na posição média o percentual cai para 39,2% e na inferior para 25%, tais dados somados ao percentual de experiências diretas e indiretas com assaltos nos dão uma noção da importância da violência enquanto categoria de compreensão da realidade para os jovens goianienses.

Observamos no survey que o percentual de vitimização por assaltos entre os jovens é considerável, chegando a 30,9% da amostra total, demonstrando uma leve dispersão pelas posições sociais, que entretanto não indicam no presente estudo uma tendência maior de uma ou outra posição social ser vitimizada. Já quando consideramos as experiências com assaltos nas famílias, o percentual sobe assustadoramente chegando o percentual de vitimização para a amostra total a 75,5%.

Tabela nº 03- Experiências diretas e indiretas com assalto\*

Você já foi assaltado			
PS	PM	PI	Total
34,5%	36,6%	27,5%	30,9%
X <sup>2</sup> observado 3,071 , x <sup>2</sup> esperado 17,03 significância 0,215			

Alguém da sua família já foi assaltado			
PS	PM	PI	Total
80%	80,1%	72,4%	75,5%
X <sup>2</sup> observado 2,949, x <sup>2</sup> esperado 13,43 significância 0,229			
*Consideramos para a análise destas questões apenas as respostas afirmativas.			

Na produção das representações sociais mesclam-se experiências diretas ou indiretas, e a partir dessas experiências e dos fatores que culturalmente as definem, construímos discursos e praticas que nos ajudam a nos posicionar perante estes fatos ou objetos sociais em nosso universo de interação, gerando atitudes referenciadas a esse conhecimento, vivido e produzido. Considerando conjuntamente os dados de vitimação direta e indireta e o fato de a violência ter sido citada em segundo lugar como fator de que se tem mais medo, apresenta nesse fenômeno uma importante categoria de percepção da realidade social entre os jovens goianienses, seja por sua vivência direta e indireta, seja por conta do espaço que essa ocupa no imaginário social destes jovens.

Partindo da importância que os jovens atribuem a violência e as diferentes formas em que ela se encontra presente em suas vidas é que prosseguimos a análise buscando captar as representações sociais sobre elas produzidas, e os impactos destas no cotidiano dos jovens das diferentes posições.

#### 4.1 – Violência, o que é?

Essa primeira parte do trabalho focou o que os jovens definem como violência, ficou centrada nas análises quantitativa e qualitativa, aqui utilizadas como complementares. A metodologia de análise qualitativa adotada foi o DSC, seguido da busca de compreensão hermenêutica apreendendo as especificidades das representações de cada grupo abordado, considerando com esse intuito primeiro a resposta especificamente dada à questão, e depois a entrevista como um todo, atentando para a insistência sobre determinadas idéias, que serviram de base à construção do DSC e foram adotadas como linha mestra para as análises aqui propostas.

Ao analisar os discursos sobre violência partindo das idéias centrais e ancoragens perceptíveis, encontramos duas definições que apesar de possuírem elementos em comum, distanciam-se quanto à organização dada às categorias que as compõe, nesse sentido, temos um discurso composto por jovens das posições média e superior e outro formado com os jovens da posição inferior.

Os discursos produzidos pelos jovens das posições média e superior apresentaram idéias centrais e ancoragens muito semelhantes, considerando como Lefèvre & Lefèvre (2006) que o DSC é construído através da reunião das expressões chaves presentes no material verbal, que tem idéias centrais e ancoragens de sentido semelhantes ou complementares, e considerando a semelhança dos discursos dessas duas posições construímos partindo das falas desses jovens um único discurso, signo de suas falas:

*Violência é qualquer ato que gere confronto entre duas pessoas em que uma vai estar gerando algum dano seja mental, físico, qualquer tipo de dano. Para mim é tudo o que agride outra pessoa física e psicologicamente, qualquer coisa que gere desgosto para outra pessoa, depende muito da forma como a outra pessoa recebe, o fato de eu xingar, de fazer um gesto ou então agredir fisicamente acho que é violência. Em ultima instância, a violência é você ver no outro um objeto e não um semelhante.*

Entre os jovens da posição inferior, a violência foi predominantemente definida através de atos considerados violentos, foram realizadas sobre esse tema diversas perguntas e houve grande insistência por parte dos jovens sob os aspectos objetivos da

violência. Outras formas de violência, como a humilhação, agressão verbal etc. são citadas, mas sempre como complementares a agressão física.

*Violência pra mim é traficantes, muita gente que faz assalto, muita troca de tiro a noite, policial prendendo muitos. Violência para mim é um ato muito agressivo, uma coisa muito horrível, por que o tanto de pessoas ai que mata pai essas coisa, para mim, isso são coisas tão horríveis, tão monstruosas, eu acho violência uma coisa muito ruim. Mas todo lugar tem violência, lugar que não tem violência é nos Estados Unidos que é pena de morte.*

Existem partindo dos DSC construídos, consideráveis diferenças na concepção de violência entre os jovens das diferentes posições sociais. Enquanto para os jovens da posição inferior a violência é inconcebível sem a agressão física, para os das posições média e superior, a agressão verbal, as humilhações etc... são partes constitutivas do fenômeno, que mesmo acontecendo isoladamente são consideradas como tal.

Considerando as diferenças apontadas entre os DSC, consideramos adequado recorrer à análise hermenêutica de algumas falas com o fim de esclarecer o que foi dito. Assim, as seguintes falas ilustram a visão dos jovens da posição inferior. As questões e comentários que foram realizados pela pesquisadora estão em negrito, julguei importante fazê-los constar, pois sendo esse um aspecto fundamental da percepção do fenômeno da violência, e lidando diretamente com os limites do aceitável ou não em nossa sociedade, não poderia enquanto pesquisadora correr o risco de considerar de forma precipitada a visão apresentada pelos jovens.

**Você acha que existe violência sem ter agressão física?**

Existe, só no dedo, só na distância.

**Mas a própria bala entrando no corpo é agressão física.**

Não aí não existe não, não tem como.

**-Esses atos de Chingar, humilhar outra pessoa, isso pode ser considerado violência?**

Pode sim, começa a tirar, o cara fala se ta me tirando, é agressão, fica emburrado os homens vai no puc puc, as porrada, vai acabar na morte. Ou então a pessoa agride uma outra com a palavra e o outro sai e já volta com uma faca, um revólver, um trem, ofendido, ruma o cano. Dependendo da palavra, se for pesada.(Entrevista nº 14, 16 anos, masculino, Goiânia viva).

**Na sua opinião pode existir violência sem ter agressão física?**



Não.

**Para você toda a violência tem que ter o bater, o machucar outra pessoa?**

Sim, muitas as pessoas que vai roubar uma pessoa, já vai roubar mesmo, rouba só, mas não, vai lá e bate na pessoa.

**Você acha que existe violência sem ter agressão física?**

Acho que não. (Entrevista n°13, 16 anos, sexo feminino, João Braz)

Ambos os discursos apresentados foram muito claros quanto à centralidade da agressão física na definição do fenômeno da violência, o que nos possibilita dizer que para os jovens da posição inferior a agressão física é o que define a violência e as outras formas do fenômeno, como a agressão verbal, preconceito, violência estrutural etc. não deixam de ser percebidas, mas sua significação é diretamente dada pela ligação com a agressão física.

Considerando as idéias centrais apresentadas no DSC que buscava definir a violência e as falas apresentadas, acredito que quando falamos em agressão física estamos perante o núcleo central que dá significação às representações sociais da violência dos jovens da posição inferior, em torno do qual se organizam os demais elementos.

Os jovens das posições superior e média apresentam em seus discursos uma visão mais abrangente da violência, agrupando no seu núcleo central de significação, não só a agressão física, mas também a agressão verbal, emocional e estrutural, como o citado nas duas falas seguintes, o racismo.

**Você acha que pode existir violência sem agressão física?**

Pode claro, o preconceito é uma forma de violência sem agressão. Se uma pessoa, por exemplo, se uma pessoa pobre vê alguma coisa na televisão que critica que curte da cara dos pobres, ela vai se sentir agredida. (Entrevista n° 08, 16 anos, Jardim América).

**Você acha que pode existir violência sem que ocorra agressão física?**

Uma violência, meio que... Igual o racismo, que nem aqui se você escolheu uma pessoa... Branca, só porque é branca, deixa uma preta isso é um tipo de violência, você pode tá machucando uma pessoa psicologicamente, mudando... Dificultando a vida da pessoa essas coisas. (Entrevista n° 10, 17 anos, masculino, Bueno).

Baseando-nos no fato de que as representações sociais funcionam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o meio físico e social, determinando seu comportamento e suas práticas; e buscando complementar os discursos aqui analisados recorreremos para complementar a análise as informações obtidas pelo survey na questão; Avalie a gravidade dos seguintes atos: *Humilhar travestis, Humilhar prostitutas, Humilhar homossexuais, Agressões em festas e boates, Pichar muros e prédios públicos, Abrir extintor de incêndio, deprestar orelhão, placa de sinalização etc., Queimar mendigos*, foi oferecida aos jovens a escala de avaliação, gravíssimo, muito grave, grave, e comum/normal, entretanto, para fins de análise, as categorias gravíssimo e muito grave foram unidas.

Analisaremos aqui cada quadro de avaliação isoladamente, seguindo os tipos de violência contidos nos atos. Primeiro será apresentada uma tabela com os dados referentes às agressões simbólicas no caso, serão analisadas respectivamente as variáveis *Humilhar travestis, Humilhar prostitutas e Humilhar homossexuais*. Seguindo serão analisados os atos que envolvem agressão física: *Agressões em festas e boates, Queimar mendigos*, e, por ultimo, serão considerados os atos contra patrimônio: *Pichar muros e prédios públicos, Abrir extintor de incêndio*, que serão analisados em comparação com as variáveis anteriores.

Tabela nº 04<sup>10</sup> – Avaliação da gravidade dos atos de humilhar considerando a amostra total.

Categorias de Avaliação	Humilhar travestis			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	42,5%	39,0%	40%	40,4%
Grave	46,2%	46,3%	39,6%	42,3%
comum	11,1%	13,4%	20,2%	17,11%
X <sup>2</sup> observado 4,749, x <sup>2</sup> esperado 1,88 significância 0,57				
Categorias de Avaliação	Humilhar prostitutas			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	32%	41,4%	38,7%	38,5%
Grave	56%	47,4%	39,7%	44,2%
comum	11,3%	11,1%	21,4%	17,2%
X <sup>2</sup> observado 10,939, x <sup>2</sup> esperado 2,17 significância 0,09				
Categorias de Avaliação	Humilhar Homossexuais			
	PS	PM	PI	Total

<sup>10</sup> A tabela acima e as que se seguem apresentam entre parênteses os números absolutos, enquanto os percentuais foram calculados a partir dos dados de cada posição social, essa escolha foi pautada na possibilidade de se comparar os dados por posição social sem correr o risco de cair na super representação da posição inferior, que compõe a maior parte da amostra.

	PS	PM	PI	Total
Muito grave	48,1%	43,2%	37,8%	40,8%
Grave	44,4%	45,3%	41%	42,7%
comum	7,4%	11,3%	21%	16,4%
X <sup>2</sup> observado 9,318 , x <sup>2</sup> esperado 1,59 significância 0,156				

Observamos que entre 16,4 e 17,2% dos jovens categorizaram o ato de humilhar homossexuais, prostitutas e travestis como comum, normal. E apenas na variável humilhar prostitutas, que observamos uma tendência de desfecho linear de resposta correlacionando-a com a variável de hierarquia social, o que indica que as avaliações dos jovens quanto aos atos humilhar homossexuais e humilhar travestis são semelhantes, independente da posição social que ocupam.

Os dados coletados indicam que a violência discursiva, no que tange as agressões tratadas, não aponta nesse caso para uma diferença frente às atitudes e posições tomadas pelos jovens de acordo com a sua posição social. Já pensando no ato de humilhar prostitutas, houve uma tendência linear de desfecho da resposta, indicando possibilidades maiores dos jovens da posição inferior avaliar o ato entre *comum/normal*.

Essa observação faz emergir alguns aspectos das representações sociais sobre violência construídas pelos jovens, é certo que os jovens das posições média e superior, em seu discurso de definição da violência indicaram a agressão verbal, humilhação e preconceito como formas de violência, entretanto, pensando que as representações sociais emergem de um contexto e são voltadas para a prática social, verificamos que nas representações sociais construídas pelos jovens sobre o fenômeno da violência, existem pesos diferentes para as diferentes categorias de pessoas.

Ora, em nossa sociedade, travestis, prostitutas e homossexuais são considerados escória, grupos que transgridem a ordem, no máximo considerados “cidadãos de segunda classe” e, talvez, essa seja uma das possibilidades por onde se possa compreender que as avaliações dos atos cometidos contra esses grupos, sejam consideradas normais/comuns por considerável percentual de jovens das diferentes posições sociais.

Quando inserimos nessa questão o recorte de gênero – o que não foi necessário na análise de DSC, uma vez que os discursos apresentavam idéias semelhantes - observamos nas avaliações dos atos, uma mudança radical de perspectivas nos três atos avaliados. Existe quanto aos três atos, uma tendência linear dos jovens do sexo masculino de

considerá-los como menos graves, pois é entre eles que encontramos os maiores níveis de avaliação comum/normal para os três atos, o que remete ao fato de os homens apresentarem limites mais tênues no que se considera aceitável ou não em termos de violência.

Tabela nº 05 - Avaliação dos atos de humilhar considerando a amostra total por sexo

Categorias de Avaliação	Humilhar travestis		
	Feminino	Masculino	Total
Muito grave	55,7%	44,3%	100%
Grave	44,9%	55,1%	100%
comum	19%	81%	100%
X <sup>2</sup> observado 28,531, x <sup>2</sup> esperado 5,7 significância 0,000			
	Humilhar prostitutas		
	Feminino	Masculino	Total
Muito grave	48,2%	51,8%	100%
Grave	47,5%	52,5%	100,0%
comum	22,2%	77,8%	100%
X <sup>2</sup> observado 14,506, x <sup>2</sup> esperado 6,57 significância 0,002			
	Humilhar Homossexuais		
	Feminino	Masculino	Total
Muito grave	57,6%	42,4%	100%
Grave	41,8%	58,2%	100%
Comum	16,4%	83,6%	100%
X <sup>2</sup> observado 30,829, x <sup>2</sup> esperado 4,82 significância 0,000			

Inserindo junto à hierarquia social o recorte de gênero, observamos que não há entre os jovens do sexo masculino, nenhuma correlação significativa entre a variável hierarquia social, e a avaliação dos atos, podendo-se supor que quantitativamente as avaliações dos atos entre os jovens do sexo masculino são semelhantes. É importante observar nos dados da tabela abaixo que humilhar travestis, e humilhar prostitutas, apresentam um percentual de avaliação *comum/normal* muito superior ao dado na avaliação de humilhar homossexuais.

Outro fator a ser pensado é que as avaliações dos jovens do sexo masculino nas questões: humilhar travestis e prostitutas, ficou predominantemente centrada na categoria *grave*, sendo que na variável humilhar homossexuais o maior percentual de avaliação fica em 52% como muito grave. O que parece indicar um efeito positivo das campanhas contra a homofobia e sua criminalização.

Tabela nº 06 - Avaliação dos atos de humilhar considerando a Hierarquia Social e o Sexo Masculino

Categorias de Avaliação	Humilhar travestis			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	22,7%	30,6%	35,2%	32,5%
Grave	50%	50%	37%	42,3%
comum	27%	19,3%	27,7%	25,1%
X <sup>2</sup> observado: 4,167 , x <sup>2</sup> esperado: 1,08 significância: 0,654				
	Humilhar prostitutas			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	27,2%	32,3%	38,6%	35,4%
Grave	50%	50,7%	34,4%	41,2%
comum	22,7%	17%	26,8%	23,3%
X <sup>2</sup> observado 9,144, x <sup>2</sup> esperado 0,76 significância 0,166				
	Humilhar Homossexuais			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	59,3%	61,1%	46,4%	52%
Grave	37,5%	30,5%	43,4%	39,5%
comum	3,1%	2,7%	8,0%	5,9%
X <sup>2</sup> observado 7,658 , x <sup>2</sup> esperado 0,76 significância 0,264				

Com relação aos demais grupos analisados, travestis e prostitutas, verifica-se que há entre os jovens uma tendência de maior aceitação dos atos de humilhação a eles referentes. A compreensão disso pediria um estudo mais aprofundado sobre as identidades desses grupos, fatores estes que fogem ao escopo desse estudo. Assim, consideramos aqui os limites de aceitação dos atos de violência simbólica. Essas figuras foram escolhidas para a análise por serem figuras estigmatizadas, e por terem um valor considerado socialmente menor, a violência contra elas é algo tolerável.

Quando observamos as mulheres, temos as avaliações centradas na categoria muito grave exceto na variável humilhar prostitutas. Observa-se aqui a tendência de atribuição de maior gravidade aos atos, que é intimamente ligada à variável sexo, enquanto entre os homens o percentual de avaliação *comum/ normal* atingiu 25,1% na variável humilhar travestis, entre as jovens o maior índice de classificação como *comum/normal* foi de 7,1% na variável humilhar travestis.

Observa-se entre as jovens uma correlação entre as variáveis de hierarquia social e avaliação do ato humilhar prostitutas, apresentado uma tendência linear no desfecho da resposta. De forma que o fato de um indivíduo pertencer à determinada posição social, indica que ele tende a avaliar essa variável de forma mais ou menos grave. É interessante observar, ainda nessa questão, que apenas 40,7% das mulheres consideraram o ato de humilhar prostitutas como muito grave, sendo esse o menor percentual apontado nessa

categoria de avaliação para os três atos. Indicando uma tendência por parte das mulheres de estigmatizar, visando com isso seu distanciamento social em relação ao grupo de mulheres socialmente inferior.

Tabela nº 07 - Avaliação dos atos de humilhar considerando a Hierarquia Social e o Sexo Feminino

Categorias de Avaliação	Humilhar travestis			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	78,2%	55,5%	45,4%	79,7%
Grave	43,7%	38,8%	42,4%	41,9%
comum		1,8%	11,1%	7,1%
X <sup>2</sup> observado: 7,553 , x <sup>2</sup> esperado: 0,38 significância: 0,273				
Categorias de Avaliação	Humilhar prostitutas			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	34,3%	55,5%	37,3%	40,7%
Grave	59,3%	38,8%	44,4%	46,1%
comum	3,1%	5,5%	5,0%	4,7%
X <sup>2</sup> observado 11,201, x <sup>2</sup> esperado 1,53 significância 0,082				
Categorias de Avaliação	Humilhar Homossexuais			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	59,3%	61,1%	46,4%	52%
Grave	37,5%	30,5%	43,4%	39,5%
comum	3,1%	2,7%	8,0%	5,9%
X <sup>2</sup> observado 6,746 , x <sup>2</sup> esperado 0,77 significância 0,345				

Trataremos agora a avaliação de atos envolvendo agressão física. Houve nessas questões considerável homogeneidade em termos de avaliação, tanto por hierarquia social, quanto por sexo, provavelmente por que elas se encontram em um eixo de avaliação, que é comum as representações sociais construídas pelos diferentes grupos, que é a agressão física como tradução da violência. Considerando esse fator não adotaremos aqui um recorte por posição social ou sexo.

Tabela nº 08 - Avaliação dos atos de agressão a pessoa considerando na amostra total.

Categorias de Avaliação	Agressões em festas e boates			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	67,2%	60,3%	48,8%	54,6%
Grave	20%	28,7%	32,8%	29,5%
comum	12,7%	10,8%	18,8%	15,8%
X <sup>2</sup> observado: 10,437 , x <sup>2</sup> esperado: 0,29 significância: 0,107				
Categorias de Avaliação	Queimar mendigos			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	98,1%	93%	90,5%	92,3%
Grave	1,8%	5,9%	8,1%	6,6%
comum	-	0,9%	1,3%	1%
X <sup>2</sup> observado 10,985, x <sup>2</sup> esperado 0,14 significância 0,203				

As avaliações de ambos os atos ficaram predominantemente na categoria muito grave, apesar de não terem sido observadas correlações significativas entre as variáveis de hierarquia social e as avaliações. É interessante observar que na posição inferior é que encontramos os menores percentuais de avaliação *muito grave* em ambos os atos, o que indica como mostram as entrevistas e o DSC produzido, uma visão da violência mais reduzida à agressão física.

Trataremos agora a avaliação de atos contra o patrimônio, que são as variáveis *Pichar muros e prédios públicos*; e *Abrir extintor de incêndio*. Como mostram os dados abaixo, há uma tendência significativamente maior dos jovens da posição superior em avaliar negativamente o ato de *pichar prédios públicos*, enquanto obtivemos nas posições média e inferior um percentual de avaliação *comum/normal* entre 16,3% e 21,2% , na posição superior essa contou com apenas 3,7% . Já o ato seguinte foi considerado predominantemente *muito grave* pelos jovens de todas as posições sociais.

Tabela nº 09 - Avaliação dos atos de vandalismo considerando na amostra total.

	Abrir extintor de incêndio, depredar orelhão, placa de sinalização etc.			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	56%	65,9%	69%	66,4%
Grave	34,5%	26,8%	25,1%	26,9%
comum	9%	13,4%	3,1%	6,6%
X <sup>2</sup> observado 9,067, x <sup>2</sup> esperado 0,29 significância 0,337				
Categorias de Avaliação	Pichar muros e prédios públicos			
	PS	PM	PI	Total
Muito grave	58,4%	55,1%	42,9%	48,3%
Grave	37,7%	28,5%	35,7%	34,1%
comum	3,7%	16,3%	21,2%	17,4%
X <sup>2</sup> observado: 13,007 , x <sup>2</sup> esperado: 1,30 significância: 0,043				

Pensando como um todo de informações os dados que nos foram passadas nessa parte, temos que o maior percentual de avaliação negativa, considerando a amostra total, o ato de humilhar foi de 40,8% encontrado na variável *humilhar homossexuais*, este foi seguido de *humilhar travestis* com 40,2% e *humilhar prostitutas* com 38,5%; *Agressões em Festas e Boates* é considerado *muito grave* por 54,6% dos jovens. Enquanto que os atos de *Pichar muros e prédios públicos* e *Abrir extintor de incêndio, depredar orelhão*,

*placa de sinalização etc.* são respectivamente avaliados como muito grave por 48,3% e 66,4% da amostra total.

Pode-se dizer daí, que os jovens consideram mais grave a depredação de bens públicos e privados, do que agressões físicas, e humilhações a determinados grupos. Tal configuração antes de se apresentar como algo chocante, vem de encontro aos valores e padrões de comportamento vigentes na sociedade de consumo, onde cada um vale o que tem, ou seja, os bens emergem em alguns aspectos com um valor superior ao do ser humano. Não se chega a pontos extremos, como seria numa avaliação mais tênue do ato *Queimar mendigos*, entretanto, as avaliações ficam num ponto intermediário e perigoso, posto que o bem-estar das pessoas, e a agressão contra elas são avaliados como menos grave do que atos de vandalismo.



#### 4.2 – A Cidade e a Periferia.

Considerando que se mesclam na produção das representações sociais experiências diretas e indiretas, buscamos através da pesquisa qualitativa apreender as percepções dos jovens sobre a violência na cidade de Goiânia, buscamos inicialmente as percepções dos jovens sobre a cidade como um todo, verificando em seguida suas percepções sobre o seu bairro, e as regiões mais violentas. Sempre que possível, utilizamos juntamente com as entrevistas, os dados coletados através do survey.

Pensando qual a percepção dos jovens em relação à violência na cidade questionamos: *Você considera Goiânia uma cidade violenta? Explique.* As respostas para essa questão variaram consideravelmente de acordo com a posição social dos entrevistados, sendo que os jovens das posições média e superior avaliaram a cidade como relativamente perigosa; enquanto que entre os jovens da posição inferior, a cidade é consensualmente considerada perigosa.

Para os jovens da posição média e superior, há uma linha simbólica que separa a cidade entre os locais violentos, e os não violentos, sendo os últimos consensualmente considerados como sinônimo das periferias. Pensando que os discursos das posições média e superior apresentaram idéias centrais e ancoragens muito semelhantes, seria desnecessário para a análise a construção de um DSC para cada uma dessas posições, assim, optamos aqui por produzir um único discurso partindo da fala dos jovens das duas posições sociais.

*Acho que depende muito da região, por exemplo, na vila Mutirão lá eu acho muito violento, aqui no Jardim América eu acho tranquilo, mas no setor Bueno também é violento, mas não é aquela violência tão nítida como é a dos bairros mais pobres. No Marista, no Bueno, tem furtos...mas é comum toda cidade que você for, toda cidade grande que você for vai ter violência assim. Porque se existe uma favela, pode ter certeza que por causa do distúrbio social que tem lá vai existir pessoas que estão causando violência nesses bairros mais nobres. Tem problemas com violência tem, assim como todas as cidades do Estado e do Brasil.*

Em seu discurso, como se pode ver, os jovens das posições média e superior traçam uma linha de separação simbólica sobre os espaços da cidade, consideram de um lado os bairros nobres, e de outro os bairros pobres. Considera-se a existência de alguns tipos de violência nos bairros de sua habitação, como se observa no trecho “No Marista, no Bueno, tem furtos...mas é comum toda cidade que você for, toda cidade grande que você for vai ter violência assim”. Entretanto, consideram tipos diferentes de violência para cada região, sendo a violência dos bairros nobres menos grave que a das periferias, também consideradas como os locais de onde vêm os criminosos.

As entrevistas realizadas com os jovens da posição inferior demonstram que estes vêem a violência na cidade de forma mais difusa, são os *malas* na rua, os menores de idade, os bandidos soltos, as brigas, as brigas de trânsito etc. seus discursos revelam novamente a visão que estes possuem de uma violência mais evidente, traduzida em fatos e exemplos.

*Sim, em alguns bairros ela é violenta, eu acho. Por que tem muito mala na rua, bandido solto, esses molequinhos que andam na rua, os de menor que mata só para ver o tombo. Passa muito no jornal as violência tem o povo batendo nos outros, briga na rua, briga de trânsito, e também por causa das drogas, aí tem uns que pega drogas fiado, num paga, aí os caras chega e mata o cara, entendeu moça? Aqui já morreram vários caras assim, de drogas essas coisas assim, é muito violenta.*

Nos discursos dos jovens da posição inferior, assim como nos das posições média e superior, encontramos a visão da periferia como local violento. Nesse sentido solicitamos aos entrevistados que nos dissessem quais as regiões de Goiânia consideravam mais violentas. Entre os jovens da posição média e superior todos citaram *periferia* como locais de violência. Já entre os jovens da posição inferior, foram citados os nomes de diversos bairros populares, dentre eles alguns próximos aos locais de entrevista, e algumas cidade do entorno de Goiânia, como Aparecida de Goiânia, etc., em apenas dois casos os jovens citaram seus próprios bairros como violentos, e quando o fizeram, esclareceram que são apenas os *malas* do bairro que cometiam crimes, e que em geral as brigas eram entre eles mesmos; de forma a deixar a entender que a violência ocorrida era apenas dos “maloqueiros entre eles mesmo”. Antes de dizer que a violência

estava localizada nos bairros periféricos, os jovens já justificavam sua existência distanciando-se das figuras estigmatizadas e dos fatos em si.

Questionando especificamente sobre as áreas em que se concentra a violência em Goiânia, é interessante observar no discurso dos jovens das posições média e superior, que a periferia emerge enquanto uma categoria explicativa global. Para esses grupos é como se todo o bairro periférico compartilhasse as mesmas características, periferia para eles é todo o bairro pobre que, no seu entender, conta com falta de estrutura em todas as suas bases. Na periferia não se tem estrutura de educação, não só nas escolas, mas também em casa com os pais. As famílias são vistas como unidades desestruturadas. Em última instância, é como se o pobre nascesse num lugar sem saída, e seu destino quase certo fosse à criminalidade.

*Acho que todos os setores de periferia são mais violentos. Devido à pobreza, acho nível de escolaridade, educação mesmo de família, estrutura familiar, toda região que não tem uma boa infra-estrutura de educação, de saúde, acho que tem uma tendência a ser mais violenta. Acredito que violência mesmo tem em todos os lugares, mas eu creio que em regiões de classes menos abastadas, esses bairros mais simples, aí eu acho que o índice é mais grave.*

É desnecessário falar que os jovens dessa posição social afirmaram serem os pobres, que assim como a noção de periferia, aparece nas falas como um grupo genérico, o grupo social que mais comete crimes. Entretanto, como para fins de análise é importante ressaltar os argumentos sobre os quais se pautam os discursos, optei aqui por utilizar as falas dos jovens em si, e não um DSC construído a partir delas, pois creio que essa estratégia nos permitirá uma maior proximidade com esse universo de pensamento.

Os pobres, por causa da condição de vida em que eles vivem, que nem eu falei no começo, não tem escolaridade, não tem..., o que eles podem fazer com o ensino que eles têm, quem vai querer empregar uma pessoa sem ensino. (Entrevista n° 07, 17 anos, feminino, Jardim América).

Quem mais comete crime é os pobre por que é mais fácil, as pessoas não que lutar pra ter as coisa vai ai rouba, apronta, num tem respeito. (Entrevista n°6, 16 anos, masculino, Granville)

Porque não tem, as pessoas não tem conscientização, porque se a pessoa, pelo fato dela morar em uma área de periferia ela não tem direito à educação, e se ela não tem direito a boa educação, ela não vai querer passar no vestibular pra ser alguma coisa, porque seria bem mais fácil ela com 11 anos estar roubando, ta conseguindo 50 reais por semana pra família do que esperar até os 18/20 anos pra conseguir entrar na faculdade que é o que geralmente acontece, para então poder ganhar dinheiro. Às vezes acha um atalho que é o mais fácil que é os assaltos, os pequenos furtos, essas coisas assim. (Entrevista n° 08, 16 anos, feminino, Jardim América).

Olha, vinha se falando muito na classe média rebelde, na classe média que está caindo no mundo das drogas que aí, é, está roubando...mas eu creio que aqui em Goiânia, pelo que eu conheço, num sei, eu acho que essa coisa de classe média ladra, eu acho que isso não cola não, eu acho que quem realmente pratica mais crime aqui são as pessoas que precisam, são esses meninos que estão na rua sem uma família, sem um apoio, sem um apoio familiar, sem lugar para ir, falta de estrutura na família, eu acho que essas pessoas é que cometem crimes. (Entrevista n°9, 17 anos, masculino, Nova Suíça)

As falas colocam a criminalidade como o caminho quase certo para os jovens pobres, pressupõe-se que eles não têm escolaridade e que não estão dispostos a lutar para obtê-la, e que, portanto, não conseguirão se integrar ao mercado de trabalho, e por esse motivo vão ceder ao caminho mais fácil, que é a criminalidade. Faz-se necessário observar que se de um lado a responsabilidade pela inserção do jovem na criminalidade é atribuído a sua falta de vontade pessoal, por outro, culpa-se também as famílias, que desestruturadas, como se pressupõe, não dão apoio aos jovens para que estes sigam um caminho “correto”. Ou seja, por um lado considera-se o pobre sujeito passivo no espiral da criminalidade, mas por outro, lhe culpam a escolha considerada inevitável.

É interessante observar a visão dos jovens da posição inferior a respeito do envolvimento dos pobres na criminalidade, ao contrario do que foi observado nas falas da posição superior, aqui os jovens atribuem o envolvimento dos pobres com a criminalidade a dificuldade de acesso a bens de consumo, aos vícios e a “safadagem”, sendo o vício e principalmente o acesso aos bens de consumo os mecanismo que mais influenciam à inserção na criminalidade:

A maioria que ta presa e pobre e é preto mesmo, mas alguma coisa eles fizeram

para estar preso, muitos tã ali por safadagem, vício e necessidade. Mas a maioria é vício, por que tem muitos que não precisa, tipo a mãe é aposentada ganha um salário, mas dá para sustentar, agora o cara quer ver o lado dele né, o cara não ta agüentando mais ficar quebrado, por que ninguém gosta de ficar sem dinheiro, por que esse mundo de hoje é dinheiro, se você quiser comer uma coisa aqui você tem que ter dinheiro para comprar. Então ninguém pode ficar sem dinheiro. (Entrevista nº14, 17 anos, masculino, Goiânia Viva)

Os jovens pobres também indicaram predominantemente os bairros pobres como mais perigosos, entretanto atribuem a violência nessas áreas, à falta de lazer e de outras atividades que “ocupem a mente dos jovens”. Aparecem também nas falas o desemprego, o uso de drogas, a violência policial, e especialmente a ausência de perspectivas em relação ao futuro.

**Por que você acha que a violência fica concentrada nesses lugares?**

Muitos neguinhos desempregados né, passa necessidade em casa sai pra roubar. Também é o vício, por causa do vício também fica instigação, por exemplo, o cara pega dez real de droga ali...Igual essa droga nova que saiu aí, a base o cara fuma ela uma vez ela é pior que a merla, um ano o cara fumando ela o cara ta no IML em um ano, fumando todo dia. Ela instiga, instiga e o cara quer fumar mais. O cara fica com o olhão estatalado assim, olhando pra lá e pra cá, esquisito. (Entrevista nº14, 16 anos, masculino, Goiânia Viva)

**Por que você acha que a criminalidade fica concentrada em algumas áreas?**

Por causa dos noiados<sup>11</sup>. Não tem dinheiro para pagar os outros aí eles mata, mata por qualquer dívida. (Entrevista nº15, 16 anos, masculino, Goiânia Viva)

Por que os caras num tem o que fazer, você num tem sonho, num tem caminho para seguir...eu mesmo, antes de entrar para o Hap eu assaltei um casal de namorados que tava caminhando, na avenida Milão, o meu amigo tinha ido, conseguido uma grana assim, e eu não conseguia trabalho, não conseguia nada, bebi, fumei e assaltei os dois. Só pela adrenalina, tinha nada que perder. (Entrevista nº19, 17 anos, masculino, Curitiba)

Um fator que não pode ser ignorado nas entrevistas dos jovens do sexo masculino

---

<sup>11</sup> A expressão noiados remete a pessoas que usam drogas.

moradores das regiões periféricas é de um lado a visão das pessoas, que muitas vezes trabalham a vida toda e não constroem nada, ou muito pouco, em termos de bens materiais passíveis de oferecer uma vida estável e confortável para si e para sua família; e por outro a criminalidade que aparece como um negócio lucrativo, um meio que apesar de arriscado é eficaz, uma vez que permite o acesso aos bens de consumo para quem sabe como “usar a cabeça”, nesse sentido um dos jovens descreve:

Igual tem muitos colegas meus que trabalhava nunca mexeu com droga, eles revoltos, quatro anos trabalhando nunca conseguiu nada, parou de trabalhar. Uns morreu outros tá aí ainda, tem uns que até ganha dinheiro começaram com bicicleta já tá é com Astra, depois passa pra um Golf...num fica só com um carro não. São os Neguinho que usa a cabeça. (Entrevista nº14, 16 anos, masculino, Goiânia Viva)

Como se pode ver, os jovens pobres vêm na criminalidade uma faca de dois gumes, a vida das pessoas que se envolvem pode ser curta e arriscada, como disse um dos rapazes não se chega aos 25 anos de vida. Por outro lado, como mostra a fala anterior, se a pessoa que se envolve, sabe como “trabalhar” as chances de “crescimento profissional” são muito grandes, como ilustra a fala: “Uns morreu outros tá aí ainda, tem uns que até ganha dinheiro começaram com bicicleta já tá é com Astra, depois passa pra um Golf...num fica só com um carro não.”

Um malandro ia ver um colega dele morrer, você acha que ele ia morrer também, ia não, o cara ia quietar, ou quietava ou morria queria ver se o Brasil não ia para a frente. De um jeito ou de outro eles não chega aos vinte e cinco de vida. (entrevista com diversos jovens no Goiânia Viva)

Se para os jovens da posição superior e média a periferia emerge como uma categoria de referência geral, referindo-se predominantemente a locais violentos, o mesmo não acontece com os jovens da posição inferior, a começar, que a palavra periferia pouco aparece em seus discursos, o que não significa dizer que ela não exista em seu imaginário. Assim recorreremos ao survey com o objetivo de expor a forma como os jovens das diferentes posições sociais se posicionam frente à noção de periferia, que pareceu-nos um elemento central nas representações sociais da violência, posto que, na maior parte dos discursos, é na periferia que se localiza a violência.

Questionando os jovens sobre as estratégias de segurança adotadas para fugir à violência, observamos que da amostra total, 51,4% afirmam que para evitar a violência

evitam *determinados lugares*. Em termos de frequência das atitudes tomadas, a baixa correlação dessa atitude com as variáveis de hierarquia social mostra que os jovens das diferentes posições sociais agem de forma semelhante, sendo essa medida adotada em grande escala na população entrevistada, apresentando nos percentuais relativos por hierarquia social a seguinte distribuição: posição superior em 52,7%, posição média em 57,4% e os da posição inferior em 48,0%.

Entretanto, quando verificamos os *determinados lugares evitados por questão de segurança*, a semelhança de hábitos das classes se desfaz quase que completamente.

Tabela nº10 – Locais que evita para fugir da vitimização.

Locais que evitam				
Categorias	Hierarquia Social			Total
	P S	P M	P I	
Locais de Lazer	3,4%	32,7%	36,6%	30,6%
Periferia	37,9%	25,8%	17,4%	22,9%
Locais de Grande Aglomeração	6,8%	12%	15,5%	13,2%
Locais escuros e isolados	13,7%	8,6%	12,8%	11,7%
Outros	27,5%	5,1%	10,1%	11,2%
Não especificou	10,3%	15,5%	7,3%	10,2%
x <sup>2</sup> obtido 25,1 x <sup>2</sup> esperado 2,81 significância de 0,005				

Verificando se as diferenças percentuais apresentadas, demonstravam uma diferença real das avaliações em termos de posição social, testamos a variável dentre os testes não paramétricos e obtivemos com uma significância de 0,005 e um x<sup>2</sup> de 25,1, enquanto o esperado seria de 2,81, o que indica uma grande diferença entre os hábitos das posições sociais consideradas com relação aos determinados lugares evitados. As diferenças no que tange a variável periferia, é o que trataremos a seguir, as demais variáveis serão tratadas posteriormente afim de que não fuçamos ao objetivo do tópic.

Dos 51,4% que responderam adotar essa medida, 37,9% dos jovens da posição superior afirmam *evitar Periferias, onde segundo eles moram pessoas de baixa condição social*<sup>12</sup>, a mesma alternativa foi citada por 25,8% dos jovens de posição média e por 17,4% dos jovens da posição inferior. Assim recorrendo novamente ao survey de forma a compreender melhor a relação que os jovens traçam entre violência e a periferia, partimos

<sup>12</sup> A variável locais evitados foi anotada num campo do questionário e posteriormente tabulada pelas pesquisadoras.

da análise das seguintes afirmações: *Há muitos "malas" na periferia da cidade; Pobres são mais propensos a cometer crimes e infrações; Quem vive em locais violentos certamente vai se tornar violento.*

Pensando a afirmação *Há muitos "malas" na periferia da cidade*, com a qual 89,7% dos entrevistados concordaram demonstrando uma grande unicidade de avaliação, ficando os níveis de concordância de cada posição social os seguintes: posição superior 90,9%, média 87,1% e inferior 89,7%, fazendo-nos crer que para a maior parte dos jovens das diferentes posições sociais, existem sim, muitos *malas* na periferia da cidade. Como mostra a distribuição colocada na tabela<sup>13</sup>:

Tabela nº 11 - Há muitos "malas" na periferia da cidade

Concordam que há muitos "malas" na periferia da cidade				
	PS	PM	PI	Total
Amostra total	90,9%	87,1%	89,7%	89,2%
X <sup>2</sup> esperado 2,02 X <sup>2</sup> obtido 2,203 significância 0,699				
Masculino	91,3%	86,1%	88,8%	88,2%
X <sup>2</sup> esperado 0,76 X <sup>2</sup> obtido 1,247 significância 0,870				
Feminino	90,6%	88,8%	90,9%	90,4%
X <sup>2</sup> esperado 1,34 X <sup>2</sup> obtido 2,473 significância 0,649				

Refletindo através da pesquisa qualitativa, o significado da expressão *mala*, temos que, na maior parte das entrevistas, a expressão remete à gíria comumente usada para designar pessoas que têm o costume de se envolver com atividades ilícitas, sendo sinônimo de pessoas que cometem crimes como deixam entrever as falas abaixo:

Pequenos roubos e assaltos com certeza, é coisinha de malinhas de rua.  
(Entrevista nº10, 17 anos , masculino, Nova Suíça)

Eu não sei te falar, que os outros é que fala que é perigoso, que tem maloqueiro. (Entrevista nº12,15 anos, feminino, Pq. Industrial João Braz)

Maloqueiros que cometem mais crimes  
(Entrevista nº13, 16 anos, feminino, Pq. Industrial João Braz)

<sup>13</sup> A tabela acima foi construída considerando apenas os jovens que concordaram com a afirmação, nas colunas estão distribuídos os dados por posição social, e nas linhas em **T** que é a linha da amostra total, **M** pessoas do sexo masculino e **F** que se refere ao sexo feminino. Todas as tabelas que se seguem apresentam a mesma organização.



Analisando os níveis de concordância da afirmação *Pobres são mais propensos a cometer crimes e infrações*; obtivemos um percentual de concordância de 51,9% da amostra total, penso, partindo das considerações dos jovens sobre a expressão *malas*, que essa afirmação une-se à primeira na caracterização dos moradores de periferia como violentos, observando-se aí como já mencionado na análise das entrevistas, a emergência da criminalidade como caminho inevitável para as pessoas pobres.

Tabela nº 12- Pobres são mais propensos a cometer crimes e infrações

Concordam que Pobres são mais propensos a cometer crimes e infrações				
	PS	PM	PI	Total
Amostra total	54,5%	58,4%	48,4%	51,9%
X <sup>2</sup> esperado 26,42 X <sup>2</sup> obtido 2,948 significância 0,229				
Masculino	65,21%	55,3%	54,4%	55,8%
X <sup>2</sup> esperado 10,15 X <sup>2</sup> obtido 0,931 significância 0,628				
Feminino	46,8%(15)	63,8%(23)	40,4%(40)	46,7%(78)
X <sup>2</sup> esperado 14,95 X <sup>2</sup> obtido 5,850 significância 0,054				

Pensando os mecanismos que levam a esse pensamento seguimos com a análise da seguinte afirmação: *Quem vive em locais violentos certamente vai se tornar violento* obteve um percentual de concordância de 49% da amostra total, entretanto observamos que há nessa questão uma tendência linear de desfecho de resposta apontando que quanto “maior” a posição social, maior a tendência de se concordar com a afirmação. Observamos nesse sentido entre os jovens da posição inferior o menor percentual de concordância, 43,3% enquanto que na posição superior o valor ficou em 65,4%.

Tabela nº13- Quem vive em locais violentos certamente vai se tornar violento

Concordam que Quem vive em locais violentos certamente vai se tornar violento				
	PS	PM	PI	Total
Amostra total	65,4%	48,5%	43,3%	49%
X <sup>2</sup> esperado 26,99 X <sup>2</sup> obtido 7,177 significância 0,028				
Masculino	52,1%	43%	48%	46,9%
X <sup>2</sup> esperado 10,80 X <sup>2</sup> obtido 0,699 significância 0,705				
Feminino	75%	58,3%	41,4%	51,4%
X <sup>2</sup> esperado 15,52 X <sup>2</sup> obtido 11,780 significância 0,003				

Pensando os percentuais encontrados nas três afirmações, temos mais uma vez corroborada a representação do pobre e dos bairros periféricos como violentos, devido aos altos níveis de concordância, e de coerência interna das avaliações, podemos dizer que no centro das representações sociais da violência estão vinculadas inúmeras noções referentes aos pobres e a periferia. Considerando a problematização de Spink(1995), sobre a noção de contexto, acreditamos que a representação social apresentada é parte do que a autora chama de texto sócio histórico que segundo ela remete às construções sociais que alimentam a nossa subjetividade, por esse motivo, os indivíduos das diferentes posições sociais, inclusive os da posição inferior estabelecem essa relação. Acreditamos assim que o fato de a violência emergir ligada a duas ancoragens, que são: A periferia é o lócus da violência, e, os pobres são criminosos em potencial, coloca esses dois elementos como elementos definidores de tal representação.

Assim, considerando conjuntamente os dados das entrevistas e do survey, observamos que a periferia aparece aos jovens das diferentes posições sociais, como uma categoria descritiva dos locais onde se encontra a violência e os criminosos. Tal avaliação aqui feita pauta-se, de um lado, no grande percentual de concordância encontrado nas três afirmações tratadas, e de outro nas falas dos jovens, em que a periferia e os pobres são predominantemente descritos como violentos e/ou imersos num espiral de criminalidade.

### 4.3 – Bairros Ricos X Bairros Pobres

Pensando ainda a citada visão sobre periferia, passaremos aqui a análise comparativa do cotidiano dos bairros periféricos em relação aos bairros nobres, pensando nesse contexto as imagens que os jovens de cada grupo formam de seus bairros e dos outros. Para isso buscamos apreender as percepções que os jovens têm de seu cotidiano e do cotidiano de outras posições sociais. Assim solicitamos aos jovens da posição superior que falassem sobre o cotidiano de bairros pobres, posições médias sobre o cotidiano de bairros muito ricos e bairros pobres, e assim, sucessivamente obtivemos as imagens cruzadas dos jovens considerando a si mesmos e ao “outro”.

Considerando que as idéias centrais e expressões-chave ficaram muito dispersas, muito mais em uma diferença discursiva do que em diferenças de visão, optamos por realizar a análise hermenêutica de uma entrevista por cada posição social. As entrevistas foram escolhidas após a leitura de todas as falas, selecionando-se a que mais caracterizava a fala do grupo, partindo daí, analisamos as idéias recorrentes e sempre que possível, as informações obtidas pelo survey.

As respostas que analisarei a seguir são resultado das questões em que busquei apanhar as visões dos jovens em relação ao seu “outro”, e são essas respostas, o material em que inicio a abordagem desse tópico. A entrevista selecionada para introdução da análise é resposta de uma jovem da posição superior à pergunta: “Quais são para você as características de um bairro pobre?”

Falta de saneamento, falta de educação, falta de comprometimento da população. As pessoas não tem muita consciência de higiene, sabe. As casas são, pelo menos as casas que eu já visitei de periferia são absurdas de bagunçada. Eu conheci uma família que usavam a roupa por uma semana e depois jogava fora, sabe, não tinha aquele comprometimento de higiene, não ensinavam os filhos. Ah, e educação também, as professoras de escolas públicas estaduais não se preocupam em levar isso para a casa do aluno, se ele tirar nota boa, para ela está bom. (Entrevista nº7, 16 anos, feminino, Jardim América, Posição Superior)

Observa-se aí, por parte da jovem uma tendência à generalização das características que considera negativa, falta de higiene, falta de educação em casa, falta de educação na escola. A jovem legitima sua fala em exemplos que reforçam quase caricaturalmente a sua visão, em toda a sua entrevista as idéias centrais de pobres mal educados, violentos é presente. Assim recorrendo ao survey observamos que não é apenas nessa posição social que os jovens pobres carregam o estigma da falta de educação e grosseria, avaliando à afirmativa *Jovens de periferia são mal educados e grosseiros*, obtivemos, como mostram os dados de  $\chi^2$  obtido e esperado da tabela uma distribuição que não apresentou diferenças significativas em relação a posição social.

Tabela nº14- **Jovens de periferia são mal educados e grosseiros**

Concordam que Jovens de periferia são mal educados e grosseiros				
	PS	PM	PI	Total
Amostra total	40%	38,6%	49,7%	45,4%
X <sup>2</sup> esperado 24,97 X <sup>2</sup> obtido 4,263 significância 0,119				
Masculino	65,1%	81,5%	78,4%	77,9%
X <sup>2</sup> esperado 10,37 X <sup>2</sup> obtido 3,564 significância 0,168				
Feminino	43,7%	38,8%	48,4%	45,5%
X <sup>2</sup> esperado 14,56X <sup>2</sup> obtido 1,030 significância 0,598				

Temos, nessa afirmação, um nível de concordância de 45,4% da amostra total, o que demonstra a força do estigma que recai sobre os jovens da posição inferior, estigma esse, com o qual eles compactuam, posto que, na amostra total, é entre eles que encontramos os maiores percentuais de concordância, 49,7%. É interessante observar, que mesmo não sendo observadas tendências lineares a resposta, considerando o sexo dos entrevistados, o percentual de concordância entre as mulheres é proporcionalmente muito menor que o dos homens, isso considerando não só a amostra total, mas todas as posições sociais, indicam uma tendência desse grupo de avaliar menos negativamente os jovens de periferia, o que pode indicar uma postura mais tolerante.

O discurso seguinte, ainda pensando os jovens da posição superior, parte do pressuposto que os laços familiares nos bairros pobres são mais frágeis, é interessante observar, que essa idéia também é recorrente nos discursos dos jovens da posição média.

O cotidiano...acho que principalmente o laço familiar influencia muita coisa na vida das pessoas,...tem muitas crianças que se drogam pelo fato de não ter

atenção da família. A família não dá apoio alguma coisa assim. Eu acho que enquanto nos bairros de classe média ou classe alta, a criança pode não ter o apoio dos pais pelo fato deles trabalharem muito, mas tem tudo que ele precisa, tem educação, tem casa, tem comida. Nos bairros de classe pobre além da criança viver com o conflito de ter uma família com problemas, pais drogados e tal, ela ainda não tem como estudar, a escola não tem qualidade tem dificuldade para se alimentar e tudo mais.(Entrevista n°7, 16 anos, feminino, Jardim América, Posição Superior)

Observa-se nessa entrevista o determinismo econômico das faltas financeiras que levam, segundo a visão exposta, à fragilidade dos laços “Eu acho que enquanto nos bairros de classe média ou classe alta, a criança pode não ter o apoio dos pais pelo fato deles trabalharem muito, mas tem tudo que ele precisa, tem educação, tem casa, tem comida.” Verifica-se aí uma diferença fundamental nas considerações referentes a cada grupo social, as famílias de classe média e alta não dão apoio aos filhos devido ao fato de os pais trabalharem muito; já quando fala da falta de apoio dos pais nas famílias pobres essa falta é atribuída não ao trabalho, mas ao fato de serem famílias com problemas com drogas e etc. Temos na fala da jovem que: “Nos bairros de classe pobre além da criança viver com o conflito de ter uma família com problemas, pais drogados e tal, ela ainda não tem como estudar, a escola não tem qualidade tem dificuldade para se alimentar e tudo mais.”

A consideração feita pela jovem colocando de um lado a falta de tempo dos pais das posições média e superior explicando que estes “trabalham muito”, e de outro, a desestrutura familiar das famílias pobres que as impede de dar aos filhos uma estrutura para que não incorram na violência. Revela-nos uma sub-representação pautada no preconceito que pode ser traduzida na seguinte afirmação: *Pobreza é resultado de falta de disposição para o trabalho*, que obteve 63,2% de concordância. Ora, se aceitamos que pobreza é resultado de falta de disposição para o trabalho, pressupomos que as pessoas pobres são preguiçosas, assim sendo, de certa forma, elas escolhem sua vida de restrições, o que implica dizer que as demais posições sociais não têm responsabilidade alguma sobre isso.

Tabela nº15- **Pobreza é resultado de falta de disposição para o**

**trabalho**

Concordam que Pobreza é resultado de falta de disposição para o trabalho				
	PS	PM	PI	Total
Amostra total	45,4%	66,3%	66,2%	63,2%
X <sup>2</sup> esperado 20,21 X <sup>2</sup> obtido 8,763 significância 0,013				
Masculino	43,4%	70,7%	69,6%	67,1%
X <sup>2</sup> esperado 7,56 X <sup>2</sup> obtido 6,567 significância 0,037				
Feminino	46,8%	58,3%	61,6%	58%
X <sup>2</sup> esperado 13,41 X <sup>2</sup> obtido 2,160 significância 0,340				

Nesse sentido é interessante observar que há uma tendência linear de desfecho a resposta quando consideramos a variável de hierarquia social, entretanto, faz-se necessário ressaltar, que são os jovens das posições média e inferior os que mais atribuem a pobreza à falta de disposição para o trabalho, ressaltando que apenas na posição superior o percentual de concordância ficou em 45,4%, nas posições média e inferior, os percentuais respectivamente apresentados foram de 66,3% e 66,2%, com relação aos jovens da posição média essa avaliação parece indicar uma estratégia de distanciamento social da pobreza e dos estigmas a ela atribuídos. Entre os jovens da posição inferior, creio que essa postura pauta-se em dois aspectos: de um lado pode-se pensar que os pobres atribuem às pessoas à sua volta os estigmas lançados sobre a pobreza, o que não significa que seja essa sua auto-imagem, uma vez que essa é uma forma de estabelecer distâncias pensando-se “outro” dentro do seu próprio grupo, estabelecendo-se assim uma relação do tipo “os jovens de periferia são violentos, mas eu, mesmo morando aqui não sou”, ou “os jovens de periferia são grosseiros e mal educados, mas eu e minha família não somos.”

Seguindo essa linha de análise inserimos aqui uma segunda afirmação, *Pessoas de “bem” devem evitar conviver com pessoas da periferia*. Muito menos unânime do que a afirmação anterior, o percentual total de concordância foi de 27,8%, observando-se uma diferença estatisticamente significativa quanto à hierarquia social, apontando para uma tendência linear no desfecho de resposta, que indica entre os jovens da posição inferior uma tendência maior de concordância. Isso como se pode observar pelos x<sup>2</sup> observados e esperados, e suas respectivas significâncias, ocorrem não só para a amostra como um

todo, mas também quando avaliamos isoladamente com os recortes sexo/ hierarquia social.

Tabela nº16- **Pessoas de “bem” devem evitar conviver com pessoas da periferia.**

Concordam que Pessoas de “bem” devem evitar conviver com pessoas da periferia.				
	PS	PM	PI	Total
Amostra total	16,3%	16,8%	35,5%	27,8%
X <sup>2</sup> esperado 15,06 X <sup>2</sup> obtido 16,096 significância 0,000				
Masculino	17,3%	20%	36%	29,1%
X <sup>2</sup> esperado 6,43 X <sup>2</sup> obtido 6,743 significância 0,034				
Feminino	46,8%	58,3%	61,6%	58%
X <sup>2</sup> esperado 8,24 X <sup>2</sup> obtido 9,575 significância 0,008				

Observamos nos recortes sexo/hierarquia social, uma tendência maior dos jovens da posição inferior em avaliar positivamente essa afirmação. Considerando que ela carrega uma carga de distanciamento social que salta aos olhos, observamos que há uma tendência discriminação social dos pobres contra os pobres, o que nos faz pensar na necessidade dos grupos não criminalizados de se distanciarem de imagens que podem ser ligadas a esses, que já observamos nas falas através das expressões: malas, noiados, aviõezinhos, etc.

Tendo introduzido a noção de periferia enquanto elemento das representações sociais da violência, em alguns momentos, perpassada pela imagem de seus moradores, iniciamos uma abordagem mais pautada no cotidiano dos jovens das diferentes posições sociais. Nesse sentido buscamos captar as diferenças entre os cotidianos das posições sociais. Estas se mostram claramente demarcadas, pois os jovens da posição média e superior vivem e descrevem de forma semelhante seus cotidianos, ambos citam a pratica de esportes, cursos de línguas, acesso à internet e o lazer, como diferenças de cotidianos, mencionando, por outro lado, que nos bairros pobres as crianças e jovens ficam o dia todo pela rua, sem ocupação alguma. Nesse sentido:

**Em que você acha que o cotidiano dos bairros pobres mais se diferenciam dos de classe média e média alta?**

Média e média alta a pessoa passa o dia inteiro na escola, vai fazer esporte, fica em casa, entra no computador, vê televisão. Agora, pelas crianças que eu convivo lá na vila Mutirão no trabalho que eu faço, é o dia inteiro na rua. Uma

menina que mais dá trabalho pra gente lá, ela passa o dia inteiro com meninos atrás, no pé dela querendo que ela beije na boca deles...A menina, a mãe dela já é prostituta, ela sofreu violência sexual, tinha 4 anos. E todos os meninos lá são assim, passa o dia inteiro na rua, se passa e qualquer hora você acha eles. Eles dando um jeitinho de ganhar dinheiro sabe, pra poder ir na lan house, coisa que a gente faz a qualquer hora, pessoa de classe média e alta faz a qualquer hora quando tiver em casa. Aí lá eles estão sempre se virando da maneira como eles conseguem, aqui a gente não precisa dar um jeito de se virar, a gente tem nossos pais pra se virar pela gente.

É interessante observar na descrição da jovem que as diferenças dos cotidianos são atribuídas ao fato de que nas posições inferiores os jovens têm de se virar sozinhos, *“Aí lá eles estão sempre se virando da maneira como eles conseguem, aqui a gente não precisa dar um jeito de se virar, a gente tem nossos pais pra se virar pela gente.”* Outra visão nessa linha como mostra a fala abaixo remete o cotidiano nos bairros periféricos ao cotidiano de uma cidade de interior, entretanto, ressalta que há nesses bairros uma grande carga de violência *“lá os habitantes são mais preparados para a violência eu acho que já nasce mais preparados que a gente aqui que lá são mais vividos.”*A violência aparece como algo certo no cotidiano dos jovens de periferia, como diz a jovem eles passam o dia inteiro na rua.

**Em que aspecto você acha que o cotidiano dos bairros pobres se diferencia dos bairros igual esse, igual Marista também, o que você acha que diferencia o cotidiano desses bairros mais pobres e desses bairros um pouco mais ricos?**

Olha, eu acho que o que diferencia que lá as crianças brincam na porta de casa, menos movimento, igual uma cidade do interior agora aqui já não compensa mais. E o caso que lá os habitantes são mais preparados para a violência eu acho que já nasce mais preparado que a gente aqui que lá são mais vividos né, acho que é isso. Já passaram por situações que muitos aqui nunca passaram, pode até não passar, ser preso alguns, ser violentado por policial, ser vitima de alguma coisa, esse aspecto. ( Entrevista n° 10, 17 anos, masculino, Bueno)

Assim como os jovens das posições média e superior, os jovens da posição inferior vêem que existem diferenças, mas essas raramente são descritas; como ocorre na fala dos primeiros, fala-se entre eles de uma diferença genérica, sempre favorável aos



jovens das posições média e superior, unidos por eles numa única categoria. Para os jovens dessa posição existem ricos e pobres, consideram sim, diferentes níveis de riqueza, mas fala-se sempre em ricos e pobres, em nenhuma entrevista foi mencionada expressão alguma que pudesse remeter a classe média, temos assim as seguintes visões sobre os bairros nobres em comparação aos bairros dos entrevistados:

Eles deve ter condições melhores. Então quando agente vê os pobres a questão de ônibus cheios. Então eu acho que rola bem diferença também, eles vivem uma vida mansa, por que esses deputados eles quase não trabalham, agora os pobres em relação dá uma desigualdade.( Entrevista nº12, 15 Anos, feminino, João Braz )

É interessante observar que ao contrário dos jovens da posição média e superior, que definiram as diferenças entre as posições sociais baseando-se principalmente nas atividades de lazer, a vida escolar, etc. a jovem da posição inferior remete como diferença de cotidiano, ao fato de pegar ônibus cheios e ao fato de os jovens das demais posições trabalharem menos, terem uma “vida mansa” como coloca. Essa visão, também está presente nos jovens de posição superior, por exemplo, quando a jovem diz : “ lá eles estão sempre se virando da maneira como eles conseguem, aqui a gente não precisa dar um jeito de se virar, a gente tem nossos pais pra se virar pela gente”.

Mas é por causa que tem uns bairros que tem mais policiamento, outros não tem. Bairro pobre demora mais para vir os policiamento, bairro rico não, parece que eles é mais seguro. (Entrevista nº13, 16 anos, feminino, João Braz)

Outro fator colocado no cotidiano dos jovens é a falta de policiamento de seus bairros. Nas falas desses jovens, este é um dos fatores que faz de seus bairros mais violentos, há entre eles uma clara percepção do policiamento extensivo dos bairros nobres e o policiamento repressivo da periferia, são ressaltados também aspectos como a demora no atendimento de ocorrências em bairros periféricos e a atitude agressiva e autoritária dos policiais. Os policiais emergem entre os jovens da posição inferior como uma figura dúbia, falam que são safados, que agredem os jovens, mas que são também necessários à questão da segurança, necessários não como unidade de manutenção da

ordem, mas como força repressiva. Nesse sentido faço aqui uma breve referência a duas falas espontâneas que descreveram a atuação policial, uma em um bairro periférico e outra em um bairro nobre da capital.

**Que crime você acha que mais acontece aqui em Goiânia?**

Assalto, policial matando muitas pessoas, batendo em muitas pessoas aqui, tem gente que não tem nada a ver, e os policial chega aqui batendo, gritando com os outros, eu acho isso muito...

**Geralmente os policiais pegam as pessoas pela aparência ou eles pegam pessoas que já cometeram algum crime?**

Eles procuram mais com crimes no passado, quem tem mais passagem. Tem muitos corruptos né, ....nem pergunta o nome já chega batendo...quero ver a passagem, quem tem a passagem eu vou...Eu já levei um bacu já, eles já chega perguntando: “Vocês tem passagem?”Se você falar que tem, eles até dá um mais ou menos, mas se você falar que não tem aí eles puxa a ficha, aí eles é mais mau, quebra mesmo.

**E você já foi agredido por policiais?**

Não, só falando alto mesmo, sabe, mas nunca me bateu não.

**Na questão do baculejo, quando eles vão dar baculejo aqui fazem alguma coisa com vocês?**

Maioria faz, é a maioria. Tem o Celsão, Celsão é o que bate, ele nem pergunta o nome das pessoas. Ele se você tiver numa rodinha de amigos conversando e ele não gostou ele põe para correr mesmo. ( Entrevista nº 14, 16 anos, masculino, João Braz)

**Você considera seu bairro violento?**

Violento não, mas, é perigoso né, depois de uma certa hora eu acho perigoso.[**Como assim?**]é porque as ruas ficam vazias né a noite ai eu acho perigoso andar, porque de vez em quando, igual eu te falei, tem muitos moleques de rua rondando aí, e a gente até é alertado pelos policiais sobre isso. (Entrevista nº 10, 17 anos, masculino, Bueno).

Creio que as próprias falas são suficientemente explicativas de seu conteúdo, o jovem da posição superior menciona a atuação dos policiais no sentido de alertar sobre os perigos da região, já a fala do jovem da posição inferior mostra a postura do policial que já considera a todos “culpados até que se prove o contrário”, e se for culpado, mesmo que já tenha cumprido sua pena, o castigo é maior.

Observam-se também os limites de poder que os policiais exercem em cada caso, no caso do jovem da posição superior e média os policiais alertam, no caso da posição inferior eles coagem, e exercem poderes muito superiores às suas atribuições, e o mais interessante nisso é que os jovens da posição superior conhecem as atitudes policiais nas regiões periféricas, mas a indiferença que pauta a relação entre os grupos é tanta, que falam de tal problema como algo a que os jovens da posição inferior já estão preparados, algo que já esperam, e aqui estamos perante uma visão cada um por si, presente em todas as posições sociais.

Voltando aos discursos dos jovens, temos na posição inferior que a condição econômica define o tipo de drogas utilizadas pelos jovens, na fala dos jovens do sexo masculino dessa posição as drogas utilizadas pelos jovens das posições média e superior são drogas que não destroem tanto o organismo. É interessante observar que, se por um lado, o uso dessas drogas é atribuído ao potencial econômico dos indivíduos, por outro, consideram que os jovens de periferia têm mais “atitude” traduzindo-se aqui como coragem, não tem medo de morrer, ou das seqüelas que podem ter.

As diferenças...acho que é os noiados mesmos. Que tem gente que, esses ricos assim gosta mais de pó, mais de lança perfume. Igual vai fazer uma entrevista lá no Bueno igual você está fazendo aqui, lá é só playboy, lá os cara cheira é pó esses trem, você vai perguntar de droga eles só sabem esses trem. Os caras só cheira pó, num fuma base, esses trem que arrebenta muito com a pessoa, que eles tem dinheiro, né...Agora aqui não, aqui, são os caras que já tem nada a ver mais, num que nem saber da vida deles mais. Aqui tem gente que é mais atitude, é mais desiludido da vida, e eles acaba fazendo...colega meu também suicidou já, já vi altos já. Vila Aurora ali mesmo o cara se suicidou do nada, pendurou a corda e no outro dia é só o resultado.... (Entrevista nº 14,16 anos, masculino, João Braz)

O interessante a se observar é que essa *atitude*, recorrente nos discursos, vêm do fato de que não se tem nada a perder, citada aqui e intimamente ligada à falta de perspectivas de futuro, o que gera um ódio social que pautado no desafio de se poder dominar uma pessoa socialmente mais forte, faz crescer ainda mais as barreiras de separação social já existentes, levando a um distanciamento social, cujos limites e

conseqüências desconhecemos. E que pode ser entrevistado na fala abaixo.

**Em que aspectos você acha que o cotidiano dos bairros pobres é diferente dos bairros ricos?**

Em muita coisa, bairro pobre tem nada para fazer aqui...os rico, o povo vai lá só para matar também..., é assaltar os ricos.

**Quais que você acha que são as maiores diferenças entre um bairro rico e um bairro pobre?**

Rico tem mais poder que o pobre. Não sei falar mais não.

**-Você acredita que as pessoas de classe média, e média alta convivem com os pobres?**

Não.

**-Por que você acha que não existe essa convivência?**

Por que os ricos quer ser maior que os pobres, chega na loja compra tudo, enquanto o pobre fica só olhando.

**-Qual foi a última vez que você conversou com um rico da sua idade?**

Nunca, nunca conversei não.

**Você acha que os pobres tem mais chances de se envolver com criminalidade que os ricos?**

O rico comete mais crime, por que é criado subindo mais alto que os pobres, quer ganhar mais dinheiro, aí fica assalta os outros os ricos, aí quer traficar, aqueles cantores mesmo, ta ganhando dinheiro e quer ganhar mais dinheiro em cima do tráfico, aqueles cantor mesmo, o Belo. (Entrevista n°15, 16anos,masculino, Goiânia Viva )

Observa-se dentre as muitas questões colocadas na fala do jovem, o impacto das gritantes diferenças em termos de capital social e financeiro, que se traduz numa visão agressiva do outro, como afirma o jovem os ricos têm mais poder, e através desse poder se impõe de forma direta ou não, seja comprando bens de consumo almejados pelos jovens como um todo, seja se envolvendo na criminalidade pela ambição desmedida. O jovem da posição inferior demonstra em sua fala um grande teor de revolta contra os jovens da posição superior. Para ele as pessoas desse grupo desrespeitam os demais “O rico comete mais crime, por que é criado subindo mais alto que os pobres.” Esse desrespeito pode não vir de um ato direto, mas de fatores estruturais como cita o jovem: *Por que os ricos quer ser maior que os pobres, chega na loja compra tudo, enquanto o pobre fica só olhando.* Pensando o somatório de fatores que pautam essa relação

seguimos a análise.

Analisando a visão dos jovens da posição superior quanto à visão que acreditam que um jovem pobre constrói deles temos a seguinte exposição:

**Você acha, por exemplo, que uma pessoa que trabalha o dia inteiro e é obrigado a estudar a noite, você acha que ele tem a mesma possibilidade de rendimento que uma pessoa que não trabalha e tem a chance de só estudar?**

-Não, porque pesa muito, vê, “nossa eu to aqui ralando enquanto tem tanto filhinho de papai por aí...”, sabe, bate indignação e é nessas horas de indignação que revira a cabeça, e “não, vou achar um jeito mais fácil para mim, pra mim sobreviver”.

**Você acha que justifica essa raiva que surge?**

Se eu tivesse do lado deles eu acho que... a gente tem que aprender a se colocar no ponto de vista da pessoa sabe, porque deve ser muito difícil você batalhar o dia inteiro depois você ter que chegar 11 horas, ir para escola, chegar 11 horas da noite aí se ter que cuidar de irmão sabe, deve ser muito difícil. Se a pessoa não tiver uma cabeça muito centrada ela pode vacilar e entrar num mundo que não vale a pena.

**Você acha que justifica o preconceito que existe dos pobres com relação à classe média e média alta?**

Justifica, não justifica ele entrar no mundo do crime, mas a raiva que eles tem da gente tem motivo. (Entrevista nº 08, 16 anos, Jardim América).

Observa-se aí uma mudança no foco do discurso, a jovem considera que nas condições de vida que acredita viverem os jovens pobres, a raiva social que eles têm contra um grupo favorecido são compreensíveis, o que não justifica a entrada para a criminalidade, mas legitima o estigma lançado contra os jovens da posição média e superior. Ainda nessa linha pedimos para que a jovem descrevesse como as pessoas do seu grupo falam e descrevem uma pessoa pobre.

**Que imagem você acha que essas pessoas, seus colegas de escola tem dos pobres?**

Ah, eles colocam como se fossem pessoas de outro mundo, para eles não tá ali do lado deles, eles estão acostumados a ver imagens de São Paulo, mas eles não param para se perguntar: “nossa eu tenho aqui em Goiânia também isso?” sabe, eles não procuram ajudar. É eles colocam uma barreira sabe, eles mesmos não querem ver, eles sabem que existe ali do lado da casa deles, se você andar 10 metros você encontra uma pessoa passando necessidade, mas eles não querem enxergar isso sabe...

**Que tipo de comentários eles fazem com relação aos pobres?**

Curte pela maneira como a pessoa vive sabe, pelo fato da pessoa andar sempre de ônibus, pelo fato da pessoa se vestir, pelo fato da pessoa não cuidar dela sabe, família, como a pessoa fala, todos os ângulos que eles acham, eles estão curtindo.

A entrevista da jovem converge em diversos aspectos com a fala do jovem da posição inferior exposta acima, ela coloca que os jovens que participam do seu convívio têm dos pobres uma visão totalmente preconceituosa, baseando suas críticas nas restrições da vida desse grupo, como diz a jovem: “Curte pela maneira como a pessoa vive sabe, pelo fato da pessoa andar sempre de ônibus, pelo fato da pessoa se vestir, pelo fato da pessoa não cuidar dela sabe, família, como a pessoa fala, todos os ângulos que eles acham, eles estão curtindo”.

#### 4.4 – Cotidiano: lazer, interação e violência.

Iniciaremos a abordagem desse tópico traçando um perfil dos espaços de interação dos jovens das diferentes posições sociais. Temos assim, retomando a tabela nº10 sobre a avaliação dos locais que são evitados para se fugir a violência as seguintes informações:

Tabela nº11 – Locais que evita para fugir da vitimização<sup>14</sup>

Locais que evita				
Categorias	Hierarquia Social			Total
	P S	P M	P I	
Locais de Lazer	3,4%	32,7%	36,6%	30,6%
Periferia	37,9%	25,8%	17,4%	22,9%
Locais de Grande Aglomeração	6,8%	12%	15,5%	13,2%
Locais escuros e isolados	13,7%	8,6%	12,8%	11,7%
Outros	27,5%	5,1%	10,1%	11,2%
Não especificou	10,3%	15,5%	7,3%	10,2%

X<sup>2</sup> esperado 2,81 X<sup>2</sup>obtido 25,122 significância 0,005

Observa-se aí que as posições média e inferior, afirmam que para prevenir a violência evitam *locais de lazer*, que nas respostas usadas para a tabulação compreendiam: *bares, festas e boates*; e *locais com grandes aglomeração* cujas respostas tabuladas citavam: *estádios, comícios e festas funks*. Estas alternativas são citadas em somatória por apenas três jovens da posição superior, demonstrando a disparidade em relação aos comportamentos apresentados pelas diferentes posições sociais.

Pensando isoladamente as alternativas, temos na primeira um percentual de concordância na posição superior de 3,4%, enquanto que nas posições média e inferior os percentuais foram respectivamente 32,7% e 36,6%. A alternativa seguinte, *locais de grande aglomeração*, a distribuição um pouco menos gritante, aponta ainda uma grande diferença, sendo essa medida adotada por 13,2% da amostra total, temos percentuais relativos, de 6,8% para a posição superior, 12% posição média, e 15,5% posição inferior. Observa-se através da iniciativa de se evitar esses locais para se proteger da violência o impacto que essa exerce no cotidiano dos jovens e de suas famílias, favorecendo o

<sup>14</sup> A primeira menção da tabela 11 está na página 54, em que fizemos a análise da variável periferia.

distanciamento em relação ao espaço público considerado perigoso, e incentivando as atividades de interação em “ambientes familiares”, fechados, protegidos. Tal perspectiva é corroborada pela escolha dos tipos de lazer favoritos que se observa na tabela abaixo:

Tabela nº17- Tipos de lazer favoritos por Hierarquia Social

Atividades favoritas						
PS		PM		PI		
Reuniões na casa de amigos	52,7%	Reuniões na casa de amigos	42,5%	Cinema	37,3%	
Cinema	40%	Shopping	42,5%	Reuniões na casa de amigos	34,6%	
Boates	34,5%	Cinema	41,5%	Clubes	32,4%	
Shopping	32,7%	Jogos eletrônicos	25,7%	Shopping	28,8%	
Academia	18,1%	Futebol de rua	24,7%	Futebol de rua	28,4%	
Bares	16,3%	Clubes	24,7%	Boates	18,6%	
Show de Pop Rock	16,3%	Eventos religiosos	16,8%	Jogos eletrônicos	18,2%	
				Eventos religiosos	18,2%	

Faz-se necessário observar que como a questão cujos dados estão expostos na tabela pedia para que os jovens indicassem seus três tipos de lazer favoritos sem solicitar nenhuma classificação, optamos por analisar os dados em números absolutos pela frequência com que apareceram no total da amostra por posição social, assim, todos os percentuais foram calculados com base em 100% da amostra de cada posição social, como se pode ver na tabela acima a soma dos percentuais das linhas são muito superiores ao total da mostra, mas considerando que os jovens poderiam indicar até três alternativas consideramos mais corretos analisar cada uma com relação às 100% de chances disponíveis para escolhê-la.

Como se pode observar, as atividades predominantemente listadas pelos jovens como suas formas de lazer favoritas, são atividades que se encerram em ambientes privados: reunião na casa de amigos, cinema, boates, shopping, etc. Observa-se que não há nas atividades de lazer dos jovens da posição superior nenhuma atividade que envolva a permanência no espaço público; apesar dessa tendência também estar presente nas



demais posições sociais, nelas ainda encontramos entre as atividades de lazer favoritas o futebol de rua, e os eventos religiosos.

Temos assim a seguinte distribuição *reuniões na casa dos amigos* estão entre as atividades de lazer favoritas dos jovens das três posições sociais, entre os jovens das posições média e superior, ela é colocada em primeiro lugar, já entre os da posição inferior ela se coloca em segundo lugar, citada ao todo por 39,4% da amostra. 52,7% da amostra de jovens da posição superior afirmam ser essa sua forma de lazer favorita, seguida pelo cinema citado por 40% dos jovens e das boates citadas por 34,5% deles. Na posição média duas atividades apontam com o mesmo percentual de aceitação, são: a reunião na casa de amigos e shopping, que apresentaram 42,5% de indicação, seguidas muito de perto da atividade cinema citada por 41,5% da amostra nessa posição. Entre os jovens da posição inferior, 37,3% declaram como seu lazer preferido o cinema, seguido de reuniões na casa de amigos com 34,6% e de clubes com 32,4%.

Pensando na importância dos espaços de interação familiares, como a casa de amigos citada por 39,4% dos jovens da amostra total, e ficando em primeiro e segundo lugar para as três posições sociais, é importante pensar quais os espaços em que esses jovens conhecem os amigos que compõe seu ciclo de interação. A maior parte dos jovens, independente da posição social ocupada, alega escolher seus amigos respectivamente na escola, apontada por 78,7% e no bairro citado por 55,3%, em ambos os casos, as festas e demais locais frequentados são também citados, mas num percentual muito menor, 16% tendo-se em consideração a amostra total. Esses fatores indicam-nos que são nos espaços de interação cotidianos que os jovens estabelecem suas relações.

Tabela nº18- Locais em que escolhe os amigos

Onde você escolhe seus amigos				
Categorias	Hierarquia Social			Total
	P S	P M	P I	
Na escola	81,8%	80,2%	77,3%	78,7%
No bairro	30,9%	58,4%	31,1%	55,3%
Nas festas e locais que frequenta	12,7%	14,8%	17,3%	16%
Na internet	3,6%	3,9%	1,7%	2,6%
Outros	9%	5,9%	10,2%	8,9%

Faz-se necessário observar que assim como na tabela anterior todos os percentuais foram calculados com base em 100% da amostra de cada posição social, como se pode ver na tabela a soma dos números absolutos e percentuais das linhas são muito superiores ao total da mostra, mas considerando que os jovens poderiam indicar até duas alternativas consideramos mais corretos analisar cada uma com relação ao total de chances disponíveis para escolhê-la.

Observa-se na tabela, que além dos locais cotidianos bairro e escola, os jovens apontaram *as festas e os locais que freqüentam* como os locais onde escolhem seus amigos. Nesse sentido verificamos através dos survey quais as suas percepções em relação aos locais a que freqüentam. A maior parte dos jovens, 80,6% classificou os locais que freqüentam como *Acessíveis a pessoas de todos os níveis sociais*. Observa-se aqui que houve uma tendência linear no desfecho de resposta da questão apontado uma tendência muito maior de a alternativa ser aceita pelos jovens da posição inferior e média do que da posição superior.

Na classificação seguinte que afirma serem os locais freqüentados restritos a grupos sociais específicos, de 55 (14,4%) jovens que concordaram 24(43,6%) são jovens da posição superior, isso, pensando o percentual de concordância apontado na primeira alternativa, indica que os jovens dessa posição têm uma percepção mais clara que os demais das barreiras que os separam do “mundo”.

Tabela nº19 – Como você descreve os locais que freqüenta

Como você descreveria os locais que freqüenta				
Categorias	Hierarquia Social			Total
	P S	P M	P I	
Acessíveis a pessoas de todos os níveis sociais	52,7%	83,2%	86,2%	80,6%
Restritos a grupos sociais específicos	43,6%	9,9%	9,3%	14,4%
Não Sabe/não responde	3,6%	6,9%	4,4%	4,9%
X <sup>2</sup> observado 46,373, x <sup>2</sup> esperado 0,14 significância 0,000				

A separação social aparece-nos novamente quando pensamos a forma como os jovens escolhem os locais à que freqüentam. A alternativa citada por 68% da amostra total a essa questão foi *Pelo ambiente e pelas pessoas que freqüentam*. A segunda mais citada, é *Pela influência do seu grupo de amigos*, citada por 17,6% dos jovens. Quando

se pensa que os amigos são pessoas do mesmo espaço de interação e que os indivíduos afirmaram escolher os locais que freqüentam *Pelo ambiente e as pessoas que freqüentam*, temos um círculo vicioso em o indivíduo só convive com pessoas “iguais” a eles, traduzindo-se no fato de que quanto maior a distância social de uma posição para outra, menores as chances dos jovens se encontrarem ou estabelecerem relações entre si.

Tabela nº20 – Como você escolhe os locais que freqüenta

Como você escolhe os locais que freqüenta				
Categorias	Hierarquia Social			Total
	P S	P M	P I	
Pelo ambiente e pelas pessoas que freqüentam	65,5%	82,2%	62,2%	68%
Pela influência de seu grupo de amigos	18,2%	12,9%	19,6%	17,6%
Indicação de outras pessoas	16,4%	4%	25,4%	11,3%
Propaganda	–	1%	4,9%	3,1%
X <sup>2</sup> observado 18,211 esperado 1,73 significância 0,006				

Nesse sentido temos, pensando a importância dos amigos enquanto eixo de interação social, que 35,7% dos jovens afirmam que seus amigos, em sua maioria são pessoas que possuem um nível social equivalente ao seu. O segundo posto mais citado para se definir a interação com os melhores amigos, é o fato de eles terem idéias semelhantes, citado por 22,83% do total de entrevistados. Apenas 10% dos jovens afirmam serem seus amigos pessoas diferentes, o que novamente nos indica o ciclo vicioso de convivência entre iguais, apontando-nos na direção proposta por Bourdieu que as pessoas pertencentes a uma mesma classe compartilham dentro de seu campo de interação, de um mesmo habitus.

Tabela nº 21- Como você descreveria seus melhores amigos:

Seus melhores amigos são:				
Categorias	Hierarquia Social			Total
	P S	P M	P I	
Do mesmo nível social	47,3%	26,7%	36,9%	35,7%
Pessoas que tem as mesmas idéias	20%	22,8%	23,6%	22,8%
Gostam do mesmo tipo de lazer	9,1%	16,8%	14,7%	14,4%

Pessoas que tem os mesmos gostos	12,7%	14,9%	8,4%	10,8%
São pessoas diferentes	1,8%	12,9%	10,7%	10%
Do mesmo nível cultural	9,1%	5,9%	5,8%	6,3%
X <sup>2</sup> observado 14,486 esperado 3,46 significância 0,152				

Esses fatores nos remetem as propriedades de campo e habitus trabalhado por Bourdieu, pensando a partir desse conceito, observo que não existem espaços de interação compartilhados pelos jovens das diferentes posições sociais, ficando cada qual na sua posição em termos de sua estrutura no campo de interações sociais. Remetendo ao poder simbólico que permeia toda a relação de dominação presente dentro de determinada estrutura social.

Os dados sobre os espaços de interação indicam-nos a inexistência de espaços de sociabilidade comuns aos jovens das diferentes posições sociais e, por isso, buscamos através das entrevistas saber as experiências de convivência entre jovens de diferentes posições sociais. Também essa parte da pesquisa corroborou a percepção do survey quanto pouca ou nenhuma interação existente entre os jovens das diferentes posições sociais. Não foi raro encontrar jovens que não conheciam bairros periféricos, assim como não foi raro encontrar entre os jovens da posição inferior os que não conheciam bairros ricos. Como se pode ver nas seguintes falas de ambas as posições sociais:

**Você conhece algum bairro pobre?**

De nome, saber de nome, ou de ter ido?

**De ter ido.**

Não. (Entrevista nº11,15anos,feminino,Nova Suíça, PS )

**Quais são as regiões mais violentas de Goiânia em sua opinião?**

- Ah eu acho que esses bairros mais simples né, ai eu acho que o índice é mais grave.

**Você conhece algum desses bairros?**

- Não.

**Você acredita que as pessoas de modo geral de classe alta elas tem uma convivência com os pobres, regular ou quase nunca?**

Bom eu acho que... isso depende muito das famílias... das pessoas né, tem muita pessoa boa gente de uma classe mais pobre mais alguns também uma questão de vista.

**Qual foi a última vez que você conversou com uma pessoa pobre da sua idade?**

-Não! isso... eu tenho amigos, eu vou pra fazenda eu sou amigo dos peão dos peões, coisa converso com muita gente, não tenho preconceito não.

**Mas da mesma idade que você qual foi a última vez que você conversou aqui na cidade?**

Aqui na cidade? ah deve ter um mês. Era o irmão da babá da minha irmã, ai ele foi na minha casa com a irmã dele, visitar a irmã, aí eu conversei, eles ficaram lá em casa um tempo. (Entrevista n° 10, 17 anos, masculino, PS).

Nenhum dos dois jovens conhece os bairros pobres de Goiânia, entretanto, em suas entrevistas ambos consideram esses bairros como os mais violentos da cidade, ou seja, antes mesmos de colocar seus pés nas regiões periféricas os jovens da posição superior já classificam essas regiões como perigosas. Ora, se pensamos que as representações sociais são sistemas de interpretação da realidade social que fornecem informações sobre como os indivíduos devem se portar perante o mundo à sua volta, temos que estes jovens de antemão já consideram a violência do contexto a que estariam submetidos nestes ambientes.

A convivência com os pobres é vista pelos jovens da posição superior como uma espécie de obrigação moral, o que comprovaria a sua ausência de preconceitos com relação a esse grupo. Não é raro ouvir nas entrevistas expressões dos jovens negando seu preconceito com afirmações do tipo, eu não tenho preconceito, tenho até amigos pobres. Tal postura em termos de interação social implica num distanciamento social que se traduz no desconhecimento do outro. Quando pessoas de diferentes posições sociais estabelecem algum tipo de relação de convivência, a relação é excessivamente tensa, pautada na maior parte das vezes em relações de poder desigualmente distribuídas. Na maior parte das vezes isso ocorre quando os pobres estão prestando serviços nas casas dos mais abastados ou em situações que os últimos consideram de risco eminente, como a pressuposição de assalto, quando jovens pobres os abordam “pedindo” dinheiro, lanches etc. de forma agressiva, dando a entender que ou se dá por bem, ou perderá de qualquer maneira. É o que mostra a fala abaixo de um jovem da posição média:

**Quais crimes você acha que são mais comuns aqui em Goiânia?**

Pequenos roubos e assaltos com certeza, é coisinha de malinhas de rua que chegam: “Há me dá um real”, há não tem, é sempre a mesma abordagem; “ me da um real”, “me dá um lanche”....Ai você diz que não tem, aí eles partem para uma abordagem mais ...com algum tipo de arma, não digo arma de fogo, mas sempre um canivete alguma coisa assim, as vezes nada, mas eu creio que o principal sejam esses crimes menores, essa coisa de assalto de rua mesmo assim, até mesmo de dia.

Assim, a percepção de convivência dos jovens da posição superior e média com os jovens da posição inferior é algo muito tenso. Os primeiros, quando a relação de interação não ocorre em ambientes familiares, em casa, na fazenda, etc. – parecem experimentar uma grande sensação de insegurança e medo. Na percepção dos jovens da posição inferior os espaços em que ocorrem as poucas situações de interação, são os locais de trabalho pessoais ou o local de trabalho dos pais. Ou seja, sempre ambientes em que as relações tendem a se estabelecer de forma impessoal, pautadas no limite da educação.

**Você acredita que as pessoas de classe média, e media alta convivem diariamente com pessoas pobres?**

Convivem, no local de trabalho, não sei.

**Qual foi a ultima vez que você conversou com uma pessoa rica da sua idade?**

Não sei, não lembro.

**Você já teve algum amigo mais rico, mais ou menos da sua idade? Como era a relação de vocês?**

Já, tipo assim, deixa eu te explicar né, não tinha amizade não, era só conversa, mais nada. Só assuntos mais gerais assim.

**-Você acha que em Goiânia existem espaços onde pessoas de classes sociais diferentes podem se encontrar, se tornarem amigos..?**

Sim.[Você pode me falar algum espaço desse tipo?]Uai, qualquer lugar mesmo pode se encontrar, pode ser em qualquer lugar mesmo. (Entrevista nº12 , 15Anos, feminino, João Braz )

**Você acredita que as pessoas de classe média e alta convivem diariamente com as pessoas pobres?**

Acho que sim, convive.

**-Qual foi a ultima vez que você conversou com um jovem rico da sua idade?**

E, já faz tempo, ano passado. Minha mãe trabalhava para a família dele aí eu conversava com ele.[E como era essa conversa entre vocês?]Ele perguntava onde eu morava, um monte de coisa assim.[Ele tinha curiosidade para conhecer seu dia a dia?]Não, tinha não.[E Você tinha curiosidade para conhecer a rotina dele?] Não.

**No que você observou, o que tinha de mais diferente entre o que você vivia e o que ele vivia?**

Nada, que ele era igual eu, ia pro colégio e voltava só. (Entrevista nº13, 16 anos, sexo feminino, João Braz)

Observa-se que um dos fatores de tensão apontados pelos jovens pobres e que não chega a ser citado pelos jovens de outras posições sociais é o acesso aos bens de consumo e, em ultima instância são as questões socioeconômicas que separam os grupos. Essas duas perspectivas serão analisadas a seguir e pautam-se nas seguintes falas:

**Você acredita que as pessoas de classe média, e média alta convivem com os pobres?**

Não.

**Por que você acha que não existe essa convivência?**

Por que os ricos quer ser maior que os pobres, chega na loja compra tudo, enquanto o pobre fica só olhando.

**Qual foi a ultima vez que você conversou com um rico da sua idade?**

Nunca, nunca conversei não. (Entrevista nº15, 16 anos , masculino, Goiânia Viva)

**Você acha que existe convivência entre pessoas ricas e pessoas pobres?**

Não, por que nesse mundo de hoje, moça, é cada um por si, ninguém está aí para ninguém mais não, isso ai, isso aí...ainda mais um pobre andar com um rico, vai crescer o olho no dinheiro dele, no que ta montado, fala que é amigo.

**E você acha que isso realmente acontece, ou você acha que é noia de rico mesmo?**

Dependendo da amizade, igual eu tenho muito colega rico, montado, mas é difícil eles aparecer por aqui, muito difícil, só uma vez no ano, aparece, conversa nois curte uma balada. No outro dia vaza e...Por que eles tem dinheiro, tem muita coisa pra ocupar a cabeça, Pai tem dinheiro, mãe também. Agora aqui não, aqui é só cada um por si, igual, mãe não dá dinheiro pra nós não, nós mesmo que tem que fazer as nossas correrias.

**-Qual foi a ultima vez que você conviveu com um a pessoa rica da sua idade?**

Nunca num convivi muito não, da minha idade assim não, só com os pobres mesmo. (Entrevista n° 14, 16 anos, masculino, Goiânia viva)

Observa-se que os próprios jovens pobres colocam a relação com o outro, subordinada à questão financeira, coloca-se a questão do jogo de interesses pautados na inveja, e também o maior número de atividades a que os jovens da posição superior podem ter acesso, observa-se também a necessidade dos jovens pobres se colocarem na relação, eles compensam as faltas financeiras numa espécie de independência colocada nos termos “eles” filhinhos de papai, tem dinheiro, pai e mãe dão dinheiro para eles, enquanto eu tenho de me virar sozinho, “fazer nossas correrias”.

Considerando que a interação social entre os jovens das posições superior e média e os da posição inferior são raras, e geralmente quando ocorrem são tensas, pensaremos aqui quais as imagens que os jovens das diferentes posições sociais fazem de si e dos outros, apoiar-nos-emos no survey, nas avaliações das seguintes afirmações: *A maioria dos jovens de periferia se envolve com gangues; Jovens de periferia são violentos, Jovens de periferia são mal educados e grosseiros; Os jovens de elite só querem saber de curtir a vida e cuidar da aparência; Os jovens de elite são frescos e mimados; Os jovens da elite são fúteis e preconceituosos.*

Tabela nº22 – Representações sociais dos jovens de periferia

A maioria dos jovens de periferia se envolve com gangues				
	PS	PM	PI	Total
Amostra Total	72,7%	79,2%	79,1%	78,2%
X <sup>2</sup> esperado 11,98 X <sup>2</sup> obtido 1,137 significância 0, 0,566				
Masculino	65,2%	81,53	78,4%	77,9%
X <sup>2</sup> esperado 5,08 X <sup>2</sup> obtido 2,670 significância 0,263				
Feminino	78,2%	75%	79,7%	78,4%
X <sup>2</sup> esperado 6,90 X <sup>2</sup> obtido 0,362 significância 0,835				
Jovens de periferia são violentos				
Amostra Total	56,3%	63,3%	71,1%	66,9%
X <sup>2</sup> esperado 18,19 X <sup>2</sup> obtido 5,131 significância 0,077				
Masculino	56,5%	61,5%	68,8%	65,2%
X <sup>2</sup> esperado 7,99 X <sup>2</sup> obtido 1,863 significância 0,394				
Feminino	56,2%	66,6%	43,7%	68,8%
X <sup>2</sup> esperado 9,96 X <sup>2</sup> obtido 3,552 significância 0,169				
Jovens de periferia são mal educados e grosseiros				
Amostra Total	40%	38,6%	49,7%	45,4%



X <sup>2</sup> esperado 24,97 X <sup>2</sup> obtido 4,263 significância 0,119				
Masculino	65,1%	81,5%	78,4%	77,9%
X <sup>2</sup> esperado 10,37 X <sup>2</sup> obtido 3,564 significância 0,168				
Feminino	43,7%	38,8%	48,4%	45,5%
X <sup>2</sup> esperado 14,56 X <sup>2</sup> obtido 1,030 significância 0,598				

As duas primeiras alternativas têm entre si uma ligação fortíssima, ora, se pensamos que as gangues são, no senso comum, grupos que se envolvem com criminalidade, e consideramos como na afirmação que os jovens de periferia se envolvem com gangues, que obteve um percentual de 78,2% de concordância, consideramos que corrobora a afirmação seguinte: os jovens de periferia são violentos que obteve 66,9% de concordância entre os entrevistados. Considerando os percentuais de concordância das duas primeiras alternativas temos consolidada a imagem dos jovens da posição inferior como pessoas mais propensas a se envolver com a criminalidade, como já havíamos demonstrado na avaliação sobre periferia como *locus* da violência, e os pobres como seus atores.

Pensando que na segunda afirmação *Jovens de periferia são violentos* observamos uma tendência significativa de maior concordância entre os jovens da posição média e inferior. Tal tendência pode nos indicar primeiro que os jovens dessas posições avaliam de forma mais rígida essas afirmações de forma a descolar as suas imagens delas. Os jovens de classe média, entretanto apresentam o desejo de se aproximar da posição superior, tendo, portanto necessidade de se distanciar da posição inferior e de seus estigmas. Segundo, para os jovens da posição inferior é ainda mais importante distanciar-se dos estigmas atribuídos à sua posição, assim, é compreensível a adoção de posturas do tipo “eles são violentos, mas eu mesmo sendo pobre não sou.”

A terceira afirmação, já anteriormente tratada no texto considera que *Jovens de periferia são mal educados e grosseiros* considerando o percentual total e os percentuais das posições sociais específicas observamos que os jovens da posição inferior lidam ainda com o fato de serem considerados grosseiros e mal educados.

Considerando as imagens dos jovens da posição média e superior, trataremos os percentuais de concordância das seguintes afirmações: *Os jovens de elite só querem saber*

*de curtir a vida e cuidar da aparência; Os jovens de elite são frescos e mimados; Os jovens da elite são fúteis e preconceituosos.*

Tabela nº23 – Representações sociais dos jovens de elite

<b>Os jovens de elite só querem saber de curtir a vida e cuidar da aparência.</b>				
	PS	PM	PI	Total
Amostra Total	70,9%(39)	84,1%(85)	90,2%(203)	85,8%(327)
X <sup>2</sup> esperado 7,80 X <sup>2</sup> obtido 1,961 significância 0,001				
Masculino	78,2%(18)	90,4%(57)	88,8%(111)	87,3%(186)
X <sup>2</sup> esperado 2,92 X <sup>2</sup> obtido 2,670 significância 0,375				
Feminino	65,6%(21)	77,7%(28)	91,9(91)	83,8%(140)
X <sup>2</sup> esperado 5,17 X <sup>2</sup> obtido 11,682 significância 0,001				
<b>Os jovens de elite são frescos e mimados</b>				
Amostra Total	63,6%(35)	76,2%(77)	84%(189)	79%(301)
X <sup>2</sup> esperado 11,55 X <sup>2</sup> obtido 5,131 significância 0,003				
Masculino	78,4%(51)	81,6%(102)	78,8%(168)	78,4%(51)
X <sup>2</sup> esperado 4,86 X <sup>2</sup> obtido 3,138 significância 0,208				
Feminino	62,5%(20)	72,2%(26)	86,8%(86)	79%(132)
X <sup>2</sup> esperado 11,55 X <sup>2</sup> obtido 11,68 significância 0,003				
<b>Os jovens da elite são fúteis e preconceituosos</b>				
Amostra Total	72,7%(40)	83,1%(84)	83,1%(187)	81,6%(311)
X <sup>2</sup> esperado 10,10 X <sup>2</sup> obtido 3,395 significância 0,183				
Masculino	82%(19)	81,5%(53)	84%(105)	83%(177)
X <sup>2</sup> esperado 3,89 X <sup>2</sup> obtido 0,189 significância 0,910				
Feminino	65,6%(21)	86,1%(31)	81,8%(81)	79,6%(133)
X <sup>2</sup> esperado 6,51 X <sup>2</sup> obtido 5,096 significância 0,078				

Os jovens de elite são considerados por 81,6% da população entrevistada como fúteis e preconceituosos, e apesar de apresentarem algumas diferenças em relação às avaliações das diferentes posições sociais, essas diferenças não apontaram tendências significativas, o que significa que essa visão é comum as três posições sociais. Já quando passamos as descrições dos atributos pessoais desses jovens temos uma tendência linear dos jovens da posição média e inferior de concordar em maior frequência com os atributos específicos desse grupo, como no caso, da afirmação *Os jovens de elite só querem saber de curtir a vida e cuidar da aparência* que obteve 84,1% de concordância entre os jovens da posição média e 90,2% na posição inferior. É interessante observar, que nas entrevistas os jovens da posição inferior não fazem distinção alguma entre os

jovens da posição superior e média, portanto pode-se pensar que suas avaliações nessas afirmações referem-se a um único grupo.

Considerando a afirmação *Os jovens de elite são frescos e mimados*, obtivemos um percentual de concordância de 79% considerando a amostra total, revelando uma tendência linear de desfecho nas respostas, novamente apontando para um maior percentual de concordância entre os jovens da posição média e inferior. É interessante observar que mesmo que os jovens da posição média e inferior tenham no survey avaliações semelhantes quanto aos jovens da posição superior, suas opiniões nas entrevistas distinguem-se desse grupo aproximando-se da posição superior, o que parece advir de uma convivência mais próxima entre os indivíduos dessas posições.

#### *4.5 – Por que ricos cometem crimes?*

As representações sociais da violência até agora traçadas no trabalho partem, centralmente de duas ancoragens, primeiro que a pobreza é o princípio gerador da violência, e segundo, que os pobres são o grupo social que mais cometem crimes.

Entretanto, observamos talvez pelo maior impacto midiático um envolvimento considerável de jovens das posições média e superior com casos de violência, dentre alguns casos chocantes temos o assassinato do índio Galdino, morto em uma “brincadeira” realizada por jovens de classe média”; o caso de Suzane Von Histoffen que planejou o assassinato dos pais, etc. Assim buscamos nas entrevistas captar como os jovens das diferentes posições sociais compreendem e avaliam a violência quando esta se desvincula da noção de pobreza. Nesse sentido, questionamos, por que motivo pessoas ricas se envolvem em atividades ilícitas?

E com isso obtivemos uma outra representação social da violência, falamos em outra representação, por que ela não apresenta aspectos convergentes com as representações expostas nos tópicos anteriores. E sua construção baseia-se em DSC e ancoragens distintas, ao todo encontramos nas entrevistas dois discursos centrais e dois que apontam elementos periféricos a eles associados.

O primeiro DSC produzido predominantemente com as falas dos jovens da posição inferior remete ao excesso de ambição, egoísmo e vaidade das pessoas ricas, bem como a necessidade destas de se colocarem acima dos “outros”, são os elementos que segundo os jovens dessa posição social levam pessoas que tem uma boa situação financeira a cometer crimes, nesse sentido produzimos a partir das falas dessa posição o seguinte DSC:

*Ambição, ansiedade, olhar grande, quer ter mais, eles não se contentam com o que tem. Também para pegar fama, pra dizer: “eu sou o bichão, tenho carro, tenho moto, tenho mulher, tenho tudo, eu sou o cara!”. Por que é criado subindo mais alto que os pobres, quer ganhar mais dinheiro, aí assalta os outros, quer traficar. Aqueles cantores mesmo, ta ganhando dinheiro e quer ganhar mais dinheiro em cima do tráfico, aqueles cantor, o Belo. Então eu acho que é egoísmo, avareza, falta de conscientização para ver realmente o que acontece no dia a dia de outras pessoas, é a pessoa que não tem nenhuma consciência, quer cada vez mais sem nem olhar para o próximo.*

Essa visão complementa-se com a imagem dos jovens de elite, já traçadas no tópico anterior, em que esses jovens são vistos como pessoas fúteis e preconceituosas, que só querem saber de curtir a vida, e cuidar das aparências, ou seja, pessoas que têm olhos apenas para si mesmas, para os seus anseios e desejos. A mesma visão se fortalece quando retomamos a afirmação de que jovens de elite só querem saber de curtir a vida e cuidar da aparência, com a qual 85,8% da amostra total concordaram plenamente, ou seja, são pessoas que não enxergam nada além de seus desejos e anseios.

A impunidade também emerge nas falas como um DSC comum aos jovens de todas as posições sociais estudadas; para eles pessoas ricas cometem crimes, pois sabem que nunca sofrerão as conseqüências dos seus atos, já que por sua condição financeira podem mobilizar ao seu favor a lei, a justiça e as ações policiais etc.

*Porque elas sabem que logo o advogado vai estar lá para defender elas, aí elas cometem crimes porque sabem que elas nunca vão ser presas. Acho que por que quer ganhar dinheiro, são ricas e ficam pensando que não tem perigo de ir para a cadeia, por que tem dinheiro para pagar. Ficam pensando que estão acima da lei por que tem dinheiro. Conheço altos, o cara é rico, tem dinheiro, tem tudo e tem a fama alta, polícia não bate. Igual tem patrão aí pra baixo aí que os homem num põe a mão, por que o cara tem dinheiro pra pagar o pau, tem advogado forte. Essas pessoas sabem que se forem presas um dia, vai ter alguém pra tirar elas da cadeia, vai ter alguém pra pagar para elas saírem...é muito fácil o rapaz comete o furto, aí o pai dele vai lá e tira ele da cadeia, a sociedade vai culpar ele e vai colocar ele na cadeia, mas o pai pode salvar.*

Esse discurso é fortemente ligado nas falas à inserção na criminalidade como forma de diversão, uma forma de se testar os próprios limites, uma espécie de esporte, cujo prazer é pago pelo “risco”, entretanto esse risco é apenas o risco de ser pego no ato, e não o de ser punido posto que por sua condição econômica essas pessoas têm ciência de que estão acima da lei. Nesse sentido temos produzido o seguinte DSC também comum aos jovens de todas as posições sociais.

*Muito filhinho de papai entra no crime só por esporte, adrenalina, por que num precisa não. Por diversão mesmo, elas acham que pichar o muro de uma casa só porque é proibido, é legal, que se elas e... pequenos delitos assim.*

Um terceiro DSC sobre esse tema, composto por duas ancoragens semelhantes são os que atribuem o envolvimento dos jovens ricos em atos violentos, às características individuais, tais como índole, maldade, doenças mentais, emocionais etc. Associando a estas características o fato de esses jovens se envolverem em más companhias, e por esse motivo se envolvem em atos violentos. Ou seja, o discurso formado nos diz que jovens ricos que se envolvem com atos de violência o fazem por ter a “mente fraca”, ou uma índole ruim, o que não são sinônimos, posto que o primeiro caso indica pessoas facilmente influenciáveis, enquanto o segundo define pessoas que já nasceram ruins. Assim, pessoas de “mente fraca” se envolvem em atos violentos por sofrerem a influência de pessoas de má índole, ou outras pessoas envolvidas com a criminalidade.

*Muitas vezes são doentes né, algum tipo de doença emocional, alguma coisa assim porque hoje é muito comum as pessoas terem problemas emocionais. Perturbação mesmo, eu acho que da índole da pessoa, maldade, não tem outra explicação maldade. Mente facilmente influenciável que nem no caso da Suzana acho que ela tem graves problemas na cabeça. Porque a sociedade fora da família é tentadora, um amigo seu chegar pra você e falar, nossa você vai viajar com essa droga aqui, experimenta.*

Faz-se necessário ressaltar que esses discursos não apareceram isolados nas entrevistas, produzimo-los com base nas idéias centrais e ancoragens encontradas, assim continuaremos a análise partindo das falas que originaram os DSC. Analisando a forma

como estes se associam, temos no discurso sobre a criminalidade por diversão a seguinte fala de uma jovem da posição superior:

Eu acho que é a pessoa que não tem nenhuma consciência, não tem auxílio da família, por diversão mesmo. Elas não têm nenhum propósito na vida delas, por diversão, elas acham que pichar o muro de uma casa só porque é proibido, é legal, que se elas e... pequenos delitos assim, elas sabem que se elas forem presas um dia, vai ter alguém pra tirar elas da cadeia, vai ter alguém pra pagar para elas saírem. Aí pelo fato de ser arriscado os jovens gostam muito disso, se é arriscado é melhor sabe. Aí pelo fato de ser proibido, eles acabam se envolvendo com gangues, com pequenos delitos assim. ( Entrevista n° 08, 16 anos, feminino, Jardim América)

Como se pode ver, na fala da jovem aparece a idéia central do exercício da criminalidade associado a diversão, cuja a idéia central do DSC relaciona-se com a ancoragem que se tem em torno da noção de a impunidade, uma vez que o risco corrido no exercício de atividades ilícitas está pautado na certeza da impunidade, como diz: “pequenos delitos assim, elas sabem que se elas forem presas um dia, vai ter alguém pra tirar elas da cadeia, vai ter alguém pra pagar para elas saírem. Aí, pelo fato de ser arriscado, os jovens gostam muito disso, se é arriscado é melhor sabe.”

É interessante notar, que o não auxílio da família, é citado por jovens da posição superior para justificar o espiral de criminalidade nas regiões periféricas. Retomando essa parte, questionamos os jovens sobre casos de famílias estáveis emocional e financeiramente, e que ainda assim tem membros envolvidos com a criminalidade, assim, obtivemos a seguinte resposta:

**Existem casos também, em que a família é muito boa, mas os filhos acabam indo por esse lado, o que você acha de pessoas que tem uma família estruturada, têm um certo suporte financeiro e ainda assim se envolvem com a criminalidade?**

Vai da consciência da pessoa mesmo né, porque ela teve todo apoio dos pais, acho que ela que não quis procurar porque ela ficava entre o “mundo certinho dos meus pais” e o “mundo legal” que ficava lá fora. Então ela<sup>15</sup> se deixou envolver por uma idéia que não era certa, um grupo de escola não sei, mas ela se envolveu por uma idéia que ela analisou como mais legal, não é legal, mas ela escolheu aquilo; escolheu viver com aquela idéia na cabeça e acabou que gerou aquele ponto, de chegar a matar os pais por causa de um namorado.

**E os outros dois, eles também eram de uma família boa, e se envolveram com a criminalidade, por que você acha que pessoas que tem um suporte familiar se envolvem com a criminalidade?**

- Porque a sociedade fora da família é tentadora, um amigo seu chegar pra você e falar, nossa você vai viajar com essa droga aqui, experimenta. A pessoa

---

<sup>15</sup> A entrevistada faz nessa parte referencia ao caso de Susane Histofofen, que na época estava sendo julgada.

mesmo ela tendo um auxílio muito grande da família, mesmo ela tendo sido conscientizada, se ela mesma não fizer o perfil dela. Não, eu não quero isso pra minha vida, eu não preciso disso para rir mais, aí, se ela não tiver isso na cabeça dela, ela se deixa levar muito facilmente. ( Entrevista n° 08, 16 anos, feminino, Jardim América)

Como se pode ver na fala acima, o envolvimento de jovens das posições média e superior com a criminalidade é visto como uma escolha individual, conta-se sim com a noção de risco e impunidade, mas em última instância e o que define esse envolvimento é a escolha individual. Nas representações sobre a violência em geral pensa-se uma espiral de envolvimento com a criminalidade, na qual os sujeitos se envolvem como numa corrente. Aqui, o que se observa é que jovens reconhecem a sua maior liberdade de escolha, como sugerido pela entrevista acima. Observa-se nessa posição, quando se fala em violência, a dicotomia entre “mundo certinho dos meus pais” e o “mundo legal” que ficava lá fora.

Observa-se ainda nessa fala uma idéia que é recorrente nos discursos de todas as posições sociais: concorrendo com a influência familiar positiva, está a influência de amigos, que contribuem para construção da identidade pessoal, ou seja, se você é uma pessoa forte, pouco importa o que acontece a sua volta, se você escolheu seguir o caminho “correto” nada lhe impede de continuar nele. Temos, portanto, uma ligação direta da fala com o DSC que julga o envolvimento na criminalidade como resultado de problemas mentais e emocionais, falta de personalidade e influência de “amigos”.

Finalizando esse tópico de análise recorreremos à seguinte experiência descrita por uma jovem da posição superior:

**Você considera seu bairro violento?**

Pelo fato de eu ter tido dois vizinhos que assaltaram a minha rua inteira, eu considero. Tinha um grupo de jovens que morava na casa ao lado que eles assaltaram a maioria das casas da região. Nunca entrou aqui em casa, só entrou pra roubar coisinha de carro essas coisas. Mas pelo fato de ninguém nunca ter ficado sabendo disso, só depois deles terem sumido, eu acho violento.

**Eles eram da mesma condição social que você?**

Não, eles alugaram uma casa boa, mas porque eles já tinham dinheiro com furto. Por que pra ter uma condição social precisa ter dignidade, e se eles conseguiram isso com furto então eles não estão numa condição social boa.

**Por quê você acha que eles se expuseram roubando de pessoas do próprio bairro, ou da própria rua?**

Não sei, acho que foi a facilidade porque ninguém ia imaginar que o assaltante ia estar naquela rua, não, aqui é um bairro de classe média alta, então não vai ter perigo de o assaltante estar aqui na região. Todo mundo acha que o



assaltante tem que vir da favela, aí por essa fuga mesmo de que todo mundo acha que eles poderiam estar longe, morar longe.

**E como você se sentiu quando soube que quem estava roubando a casa eram seus vizinhos?**

Eu fiquei abismada, porque se tá aqui do meu lado, se tem uma pessoa que mora aqui do meu lado e já está fazendo isso, imagina uma pessoa que mora na favela mesmo, que tem contato com traficante, contato com gangues muito fortes sabe, que tem esse contato maior, imagino o que que uma pessoa dessas não faria para poder fazer furtos maiores, roubar quantidades imensas de um banco ou então seqüestro, coisas assim. ( Entrevista n° 08, 16 anos, feminino, Jardim América)

Observa-se na fala a dificuldade da jovem, comum a maior parte dos entrevistados dessa posição em aceitar que alguém de uma posição social equivalente a sua se envolva com atos criminosos. Os jovens que roubaram as casas eram vizinhos dela, moravam na mesma rua, entretanto, segundo sua percepção eles não eram da mesma condição social que ela, por que, como diz: *Por que pra ter uma condição social precisa ter dignidade, e se eles conseguiram isso com furto então eles não estão numa condição social boa.* Ou seja, a condição social não se define apenas pelo padrão econômico, o que significa que para a jovem aquelas pessoas, apesar de terem condições financeiras semelhantes, não pertenciam à mesma posição social que ela, pressupõe-se que eram pessoas pobres que ascenderam socialmente por conta de atividades ilícitas, uma vez que o que possuíam era fruto de roubos.

O fato de ser roubada por pessoas que aparentemente eram de sua mesma posição social gera na jovem uma perplexidade que embaraçosamente faz reforçar sua visão dos pobres como agentes diretos da criminalidade. Em sua fala, esse aspecto fica claro nos seguintes termos: *Eu fiquei abismada, porque se tá aqui do meu lado, se tem uma pessoa que mora aqui do meu lado e já está fazendo isso, imagina uma pessoa que mora na favela mesmo, que tem contato com traficante, contato com gangues muito fortes sabe, que tem esse contato maior, imagino o que uma pessoa dessas não faria para poder fazer furtos maiores, roubar quantidades imensas de um banco ou então seqüestro, coisas assim.*

Com o que foi exposto e a partir das percepções em campo observamos que houve uma grande resistência e, até mesmo certa dificuldade entre os jovens para expor suas falas sobre violência quando esta foi desvinculada da variável pobreza. A referência a

casos concretos, e as diferentes formas como o tema é abordado pela mídia serviram de base para inserir o tema na maior parte das entrevistas, de forma que tivemos de citar alguns casos correntes na época, como no caso de Suzana Histoffen e outros crimes, predominantemente cometidos por pessoas das posições média e superior, como roubos virtuais, etc. Vale ressaltar portanto, que as questões analisadas aqui foram predominantemente estimuladas, já que todas as respostas espontâneas ligavam pobreza, pobres e violência.

#### 4.6 – Causas da violência

Considerando o que foi dito nos tópicos anteriores, julgamos necessário para uma visão geral do problema, apreender quais são para os jovens as causas predominantemente citadas. Assim, iniciamos a exposição com a abordagem das causas levantadas pelo survey. As categorias colocadas foram fechadas partindo de respostas abertas dadas à questão: quais as causas da violência?

A causa apontada por 57,9% dos jovens de todas as posições sociais foi a desigualdade social, alternativa em que agrupamos as respostas que ligavam a violência à pobreza, desemprego e a própria desigualdade social citada por muitos jovens. Observa-se que essa foi a alternativa predominantemente citada pelos jovens de todas as posições sociais. Entretanto, observamos através dos dados de correlação e significância, que as avaliações sobre as causas da violência apresentam uma tendência linear de desfecho na resposta, indicando que quanto maior a posição social, maiores as chances de centralizar as explicações sobre a violência em menos variáveis.

Tabela nº 24 – Causas da Violência

Causas da violência				
Causas Apontadas	Hierarquia Social			Total
	PS	PM	PI	
Desigualdade social	83,6%(46)	65,3%(66)	48,2%(1018)	57,9%(220)
Características Individuais	3,6%(2)	10,9%(11)	15,6%(35)	12,6%(48)
Preconceito		6,9%(7)	17,4%(39)	12,1%(46)
Inveja, Raiva e Revolta	5,5%(3)	5,9%(6)	5,4%(12)	5,5%(21)
Drogas e Álcool	1,8%(1)	5%(5)	6,7%(15)	5,5%(21)
Demonstração(querer aparecer, diversão)	5,5%(3)	1%(1)	3,1%(7)	2,9%(11)
Falta de Policiamento		2%(2)	1,8%(4)	1,6%(6)
Outros		2%(2)	1,3%(3)	1,3%(5)
Não sabe/ não responde		1%(1)	0,4%(1)	0,5%(2)
Total	100%(55)	100%(101)	100%(224)	100%(380)

X<sup>2</sup> observado 37,749, x<sup>2</sup> esperado 0,29 significância 0,002

Observa-se na tabela que na posição superior as causas dispersam-se em apenas cinco variáveis, sendo que Desigualdade contempla 83,6% das opiniões dessa posição, as demais opiniões divididas entre as variáveis *Inveja, raiva e revolta*(5,5%), *Demonstração*(5,5%), *características individuais*(3,6), *drogas e álcool*(1,8) com percentuais muito inferiores aos apresentados na primeira alternativa, considerando assim a centralidade dessa explicação de causalidade da violência.

Na posição média, o percentual em que é citada a causa *Desigualdade Social*, já cai para 65,3% da população, seguida das *características individuais*(10,9%), *preconceito*(6,9%), *Inveja, raiva e revolta*(5,9%), *drogas e álcool*(5%), nesse caso, também se observa a centralidade da desigualdade social como categoria explicativa das causas da violência, entretanto a dispersão de 34,7% das respostas em outras alternativas, traz a essa posição social novos elementos explicativos. Fator também observado na posição inferior, que apresentou o menor percentual de explicação das causas da violência ligado à variável *Desigualdade Social*, 48,2%, nessa posição segue-se da variável *preconceito* com 17,4%, *características individuais* 15,6%, *drogas e álcool* 6,7%, *Inveja, raiva e revolta* 5,4%.

É inegável entre os jovens, a centralidade da desigualdade social como categoria explicativa das causas da violência. Observa-se, entretanto, que à medida em que nos aproximamos da posição inferior, aumentam as variáveis envolvidas nessa causalidade. O mesmo fator foi observado nos tópicos anteriores e corroborado nas entrevistas, em que observamos uma maior gama de explicações sobre as causas da violência entre os jovens da posição inferior, do que nos discursos das demais posições sociais.

A pobreza aparece nas entrevistas como causa direta da violência, como pudemos observar nos discursos sobre as regiões mais perigosas de Goiânia. Entretanto, observa-se que se para a posição superior ela emerge como causa quase única da violência, nas demais posições essa explicação divide-se, saindo das questões estruturais e entrando em atributos dos sujeitos, como é o caso das características individuais, do preconceito, da raiva e da revolta, fatores estes que só aparecem nos discursos das posições média e superior, apenas quando estimulados pela pergunta: Por que pessoas ricas cometem crimes?

Retomando os DSC produzidos pelos jovens das diferentes posições sociais sobre as regiões mais violentas de Goiânia, temos a inegável centralidade da categoria Desigualdade Social, citada nas entrevistas e discursos como sinônimo de pobreza. Temos assim, para as posições média e superior a pobreza por si mesma carrega distúrbios que fazem das zonas periféricas mais violentas, sendo ela, portanto, sua causa central.

*Acho que todos os setores de periferia são mais violentos. Devido à pobreza, acho nível de escolaridade, educação mesmo de família, estrutura familiar, toda região que não tem uma boa infra-estrutura de educação, de saúde, acho que tem uma tendência a ser mais violenta. Acredito que violência mesmo tem em todos os lugares, mas eu creio que em regiões de classes menos abastadas, esses bairros mais simples, aí eu acho que o índice é mais grave.*

Também entre os jovens da posição inferior, observamos na construção do DSC uma grande centralidade atribuída à pobreza como causa da violência, mas nesse discurso, bem como nas entrevistas realizadas, houve uma gama maior de explicações justificando, descrevendo e esmiuçando essa relação. Observa-se que as explicações citadas pelos jovens convergem com os dados coletados pelo survey. Como se observa no seguinte DSC:

*A maioria que tá presa e pobre e é preto mesmo, mas alguma coisa eles fizeram para estar preso, muitos são ali por safadagem, vício e necessidade. Mas a maioria é vício, por que tem muitos que não precisa, tipo a mãe é aposentada ganha um salário, mas dá para sustentar, agora o cara quer ver o lado dele né, o cara não tá agüentando mais ficar quebrado, por que ninguém gosta de ficar sem dinheiro, por que esse mundo de hoje é dinheiro, se você quiser comer uma coisa aqui você tem que ter dinheiro para comprar. Então ninguém pode ficar sem dinheiro.*

Assim, podemos dizer que a desigualdade social pautada na noção da pobreza como mecanismo propulsor da violência, compõe o núcleo central de representação sobre

as causas da violência, sendo as demais categorias citadas no survey elementos periféricos, que predominantemente recorrem a ele (ao núcleo central) para se ordenarem no universo simbólico dessas representações espontaneamente construídas sobre a problemática da violência.

Passando aos elementos periféricos, temos na posição superior as principais menções em inveja, raiva e revolta, e na variável demonstração. Na posição média as principais menções são as características individuais, o preconceito, inveja raiva e revolta. Na posição inferior os principais elementos periféricos citados foram respectivamente: preconceito, características individuais, drogas e álcool, inveja, raiva e revolta. As explicações para estes elementos aparecem muitas vezes associadas, como se podem observar nos tópicos anteriores do trabalho e nas falas que se seguem:

**-Mas você acha que eles se tornam violentos por conta da droga ou eles já são violentos?**

Acho que mais é por causa da droga. Mas também tem muita revolta, eles revolta demais. Por que não tem o que quer, quando acaba tudo fica instigado, aí revolta da mãe também, “minha mãe também tem que me ajudar tem que me dar dinheiro”. Revolta também por que pai e mãe ao invés de chegar e dar conselho faz é “se ta mexendo com isso, e tal, não sei o que..” começa a brigar e tal e a pessoa talvez está precisando de uma palavra de conforto, carinho ou coisa parecida.

Igual tem muitos colegas meus que trabalhava nunca mexeu com droga, eles revoltos, quatro anos trabalhando nunca conseguiu nada, paro de trabalhar uns morreu outros ta aí ainda, tem uns que até ganha dinheiro começa com bicicleta já ta é com astra, depois passa pra um golf...num fica só com um carro não. Neguinho que usa a cabeça. (Entrevista n° 14, 16 anos, masculino, Goiânia viva)

**Você acredita que existem pessoas que são naturalmente más?**

- Não, não existe isso de nascer tombado pra algum lado, acho que o que acontece é a formação da pessoa sabe, a criança quando é pequena ela já sofre influência direta de coisas que vão influenciar bem no futuro delas sabe, acho que não tem isso da pessoa nascer, já nasceu mau. Um exemplo básico pode até ser pegar duas famílias de classe pobre, uma

em que os pais são viciados em bebida alcoólica, drogados, batem na criança sabe, não dão educação, não dão carinho, não dão nada. E outra em que mesmo sendo pobre a família tem consciência de que é uma dificuldade que eles têm superar, que eles precisam de trabalho, educam a criança pra aquilo com o pensamento de que a criança tem que vencer na vida, dão carinho, dão tudo, sabe acho isso influencia muito uma pessoa.

**Você acha que só o indivíduo querer algo faz conseguir alguma coisa, faz com que ele seja capaz de resistir à criminalidade?**

Não, não acho. Eu acho que não adianta nada o cara querer, ele falar: "eu vou estudar, vou me formar pra consegui um emprego". Ele estuda se forma dá o seu máximo, e na hora de ser escolhido pra um trabalho ele é discriminado, por exemplo, pela classe social ou pela cor, eu acho que não é só a pessoa querer. (Entrevista 7, 17 anos, feminino, Jardim América)

As falas acima registram a forma como os diferentes elementos citados se organizam em torno do núcleo central de representação das causas da violência, pois mostram o survey, os DSC e as falas, é a desigualdade social que se organiza em torno da pobreza e dos pobres. Apesar da pouca relevância no survey, as drogas e o álcool aparecem recorrentemente nas entrevistas como elementos causais da violência, motivo pelo qual faremos, a seguir uma breve análise qualitativa sobre ela. Na percepção dos jovens das diferentes posições sociais, as drogas e o álcool por interferirem direta ou indiretamente no comportamento dos indivíduos são elementos que favorecem o exercício de violências:

**O que você acha que é mais predominante aí à personalidade da pessoa ou o efeito da droga?**

A droga deixa a pessoa mais violenta isso é comprovado, o álcool tudo isso, deixa a pessoa mais violenta. Gera, isso é comprovado, brigas, por exemplo uma pessoa, o cara mexe com a namorada de outro, o outro se tiver bêbado já parte pra briga, não raciocina sabe, essas coisas, já parte pra agressão muito mais fácil do que se estivesse sóbrio. (Entrevista n° 10, 17 anos, masculino, Bueno).

Acho que tava drogado, tava escuro, eu nem olhei para aparência deles não, mas acho que eles tava drogado, que eles tava instigadão andando pra lá e pra cá. A maioria das pessoas que faz assalto, eles não vai de cara, vai tudo drogado que tem mais atitude, agora tem uns, os ladrão de carga mesmo eles vai de cara, agora fazer 157 assim, os cara usa droga, bebe, já não ta nem aí, vai ou pra um dos dois, já sabe.(Entrevista n° 14, 16 anos, masculino, Goiânia viva)

Entre as mulheres, a influência das drogas e do álcool, submete-se às características individuais, se a pessoa tem uma personalidade violenta, o uso destes elementos acentua esses traços, servindo muitas vezes de alibi para as ações violentas cometidas, é o que mostra as seguintes falas:

**Você acha que existe relação entre o consumo de drogas e violência?**

Existe, quando a pessoa quer usar droga ela faz de tudo para ter aquilo, então ela vai e comete a violência para ter aquilo.

**-Você acha que quando a pessoa está drogada é mais fácil cometer crime?**

É, muito mais fácil, por causa que ele ta drogado aí vai lá, e fica mais com vontade de fazer alguma coisa, faz um crime, mata uma pessoa por que tá drogado, mas não precisa nem ta drogado para fazer essas coisas.

**Mas você acha, que nesse caso o que pesa mais é a personalidade ou o efeito da droga?**

Os dois, personalidade e droga, mas o mais forte é a personalidade mesmo. (Entrevista n°13 , 15Anos, feminino, João Braz )

**-Você acha que existe relação entre consumo de drogas e a violência?**

Não sei, acho que muitas vezes, dependendo da droga altera o jeito da pessoa, a pessoa vai fazendo alguma agressividade, fica fora de si. Também, eu acho que é o efeito da droga, mas a personalidade da pessoa também tem influência, tem pessoas que já são agressivas aí ficam mais violentas ainda. (Entrevista n°12 , 15Anos, feminino, João Braz )

**Você acha que existe relação entre o consumo de drogas e violência?**

Acho que sim, acho que o próprio tráfico de drogas gera violência, quantas pessoas não morrem por que ta devendo pra traficante ou alguma coisa assim. Além do mais que uma pessoa drogada faz coisas assim que ela não faria se estivesse consciente. Acho que uma pessoa que tem... Por exemplo, um menino de classe baixa que já, às vezes ele é influenciado pelos amigos pra cometer um



furto, alguma coisa assim, quando ele usa a droga ele fica mais propício ainda pra fazer isso sabe. (Entrevista nº 7, 17 anos, feminino, Jardim América).

As drogas aparecem ainda como agentes causadores da violência também através do tráfico, da cobrança de dívidas, e do espiral de criminalidade gerado pelo seu comércio em algumas regiões. É o que mostra a última fala citada e as que apresento a seguir:

**Você considera a cidade de Goiânia uma cidade violenta? Por quê?**

Considero, muito. Por causa de drogas né ,aí tem uns que pega drogas fiado, num paga , aí os caras chega...-Num vai me paga não? e mata o cara. Entendeu? Que aqui já morreu vários caras assim, de drogas essas coisas assim, é muito violento. Mas agora, agora aqui ta mais de boa os policiais anda fazendo a limpa, né. É, agora aqui ta mais tranqüilo, mas antigamente aqui era mais tenso, antigamente era favela, né. (Entrevista nº 14, 16 anos, masculino, Goiânia viva)

#### 4.7 – Violência: soluções possíveis

Pensando as soluções possíveis para o problema da violência, temos as opiniões de todas as posições sociais predominantemente centradas nas soluções estruturais verificamos aqui uma alta correlação entre as variáveis de soluções e hierarquia social, indicando uma tendência linear inversa, apontando que quanto menor a posição social maior a dispersão respostas.

Observa-se assim que na posição superior 78,2% dos jovens citaram as soluções estruturais como solução para o problema da violência; dispersando-se as demais respostas em apenas quatro variáveis, sendo a segunda mais citada, mais policiamento, com um percentual de 12,7%. Apesar de uma maior dispersão nas demais posições sociais, também nelas as duas soluções mantiveram a mesma disposição, ficando as soluções estruturais em primeiro lugar, e mais policiamento em segundo, emergindo as demais variáveis com percentuais pouco significativos.

Tabela nº25 – Soluções Possíveis para o problema da violência urbana

Soluções para a violência				
Soluções Apontadas	Hierarquia Social			Total
	PS	PM	PI	
Soluções estruturais	78,2%(43)	52%(52)	42,9%(96)	50,4%(191)
Mais Policiamento (punições mais rigorosas, pena de morte)	12,7%(7)	32%(32)	33%(74)	29,8%(113)
Acabar com os preconceitos (diálogo, compreensão e respeito)	3,6%(2)	7%(7)	5,4%(12)	5,5%(21)
Ações Sociais(caridade e solidariedade)	3,6%(2)		3,1%(7)	2,4%(9)
Igreja, Deus, amor ao próximo.		2%(2)	1,8%(4)	1,6%(6)
Combater o tráfico, as drogas.			1,8%(4)	1,1%(4)
Não tem jeito	1,8%(1)	1%(1)	0,9%(1)	1,1%(4)
Família, afeto e educação familiar.		1%(1)		0,3%(1)
Outros		4%(4)	10,3%(23)	7,1%(27)
Não sabe/ não responde		1%(1)	0,9%(2)	0,8%(3)
Total	100%(55)	100%(100)	100%(224)	100%(380)
X <sup>2</sup> observado 37,235, x <sup>2</sup> esperado 0,15 significância 0,005				

É interessante observar que, se no tópico anterior, a desigualdade social – que é a causa estrutural mais gritante entre as respostas utilizadas para a categorização – apareceu em primeiro lugar na amostra total e em todas as posições sociais, neste tópico soluções estruturais são indicadas como principal solução para o problema da violência urbana. Isso corrobora a informação anteriormente obtida, reafirmando a centralidade dos elementos estruturais – dentre os quais foram listados acabar com a pobreza, com o desemprego, criar mais postos de emprego, etc – na construção das representações tanto das causas quanto das soluções referentes ao problema da violência.

Ainda na questão referente às causas da violência, a falta de policiamento aparece com um percentual de apenas 1,6% da amostra total, enquanto solução ela emerge em segundo lugar, com um percentual de 29,3% da amostra total, ou seja, mesmo reconhecendo que as causas da violência são estruturais, os jovens não hesitam em recorrer à repressão presente na tradição autoritária como forma de resolução dos conflitos. E considerando que são as posições média e inferior as que, proporcionalmente, sugerem maior policiamento e repressão como soluções para o problema da violência urbana, temos evidenciada uma tendência desses grupos a buscar soluções mais imediatistas e radicais. Entretanto, apesar da proximidade em termos de percentuais relativos apresentados na distribuição da variável mais policiamento, os dados qualitativos obtidos dos jovens da posição média tenderam a se aproximar daqueles da posição superior, propondo como solução para a violência a participação política, discurso este que trataremos adiante. Retomando a análise da variável mais policiamento temos o seguinte DSC produzido por jovens da posição inferior:

*Mais policiamento, pra isso precisa de dinheiro, o governo parar de roubar né, a prefeitura. Policia mesmo, tem a questão que as próprias polícias também não ajudam muito, também, igual uns que, não exercem direito a profissão deles, parar com esse policiamento aí, tirar os corruptos. Igual se o Lula tivesse opinião, o cara roubar uma balinha aqui é morto, queria ver se tinha bandido na rua, tinha não, os traficante. Ou senão cortava os dedos você olhava assim os dedos cortados olha lá um ladrão, aquele lá é um ladrão. Um malandro ia ver um colega dele morrer, você acha que ele ia morrer também, ia não, o*

*cara ia quietar, ou quietava ou morria queria ver se o Brasil não ia para frente. Ia morrer só o pobre, mas ia adiantar muita coisa.*

Observa-se nesse discurso um fator já registrado em tópicos anteriores, que são as diferenças apontadas quanto à conduta dos policiais nas regiões periféricas. É interessante observar que os jovens mencionam em suas entrevistas as experiências sofridas pela postura autoritária e corrupta adotada pelo corpo policial. Entretanto, estes mesmos jovens, que pedem uma polícia menos corrupta e, provavelmente violenta, propõem o enrijecimento das penas, a adoção lícita de penas de morte e mutilações, como evidenciado no seguinte trecho: *Um malandro ia ver um colega dele morrer, você acha que ele ia morrer também, ia não, o cara ia quietar, ou quietava ou morria.* É surpreendente pensar que estes jovens têm ciência que as maiores vítimas desse enrijecimento das penas serão os próprios pobres, mas aparentemente para eles isso não importa como demonstra a seguinte resposta que me foi dada ao insistir sobre esse aspecto:

**E você acha que seria justo matar uma pessoa que roubou?**

Ia morrer só os pobres, mas ia adiantar muita coisa. A maioria que tá presa é pobre e é preto mesmo, mas alguma coisa eles fizeram para estar preso, muitos tão ali por safadagem, vício e necessidade.  
(Entrevista n° 14, 16 anos, masculino, Goiânia viva)

Os discursos dos jovens das posições média e superior propõem como solução para a violência iniciativas da própria sociedade, no sentido de estabelecer uma rede de cobranças em torno das autoridades governamentais. Parte-se do pressuposto de que as soluções para os problemas vêm da observação das pessoas de cada região, e da organização delas, para a cobrança no campo da política. Fala-se nesse discurso, da omissão das classes média e alta em relação aos seus direitos, omissão essa, que prefere pagar vigias particulares a cobrar dos governantes, e em relação ao que acontece nas regiões periféricas, uma vez que para os jovens dessas posições a violência advém da desestruturação social nessas áreas da cidade. Assim elaboramos a seguinte fala:

*Acho que falta iniciativa. Não falo iniciativa do governo, porque o governo não faz as coisas porque a gente não cobra, sabe. Acho que iniciativa da classe média e classe alta cobrar o que nos é de direito do governo sabe. Porque se você confiar que um vereador ou que um prefeito pense por você, não dá certo, precisa de alguém ir lá cobrar, e como não tem nenhum cargo para isso, eu acho que a sociedade mesmo que precisa ver o que está acontecendo de errado, porque o bairro dela está tão perigoso, tem bairro aqui em Goiânia em que as pessoas se reúnem, pagam vigias sabe, já desistiram de ter ajuda do prefeito. Acho que se nos bairros de classe mais baixa tivesse escolas boas, diminuiria a violência, sabe. Se tivesse oportunidade de trabalho, incentivo sabe, em várias áreas, diminuiria bastante.*

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com esse estudo ter contribuído para a construção de conhecimentos acerca do universo cotidiano dos jovens goianienses, verificando a forma como estes representam o fenômeno social da violência urbana e como esses conhecimentos do senso comum construídos sobre o fenômeno pautam atitudes sociais a eles referenciados. Observamos ao buscar as representações sociais da violência, que esta se constitui num emaranhado de informações cujos elementos se misturam continuamente, variando em peso e medida, atribuídos a cada categoria, quando transitamos entre os universos de pensamento dos diferentes grupos.

Verificamos, como Ribeiro(2005), que também no universo do pensamento cotidiano há uma tendência à configuração do espaço social da ampulheta, tendendo à divisão dicotômica na qual encontramos de um lado ricos, e de outro pobres, ocupando a classe média um espaço cada vez menor, entretanto, mantivemos a separação entre as três posições sociais porque considera-se na sociologia que a classe média se define pelo consumo, estilo de vida que tende a se afastar dos pobres como um modo de garantir e marcar a sua posição. Acreditamos ser esse o motivo pelo qual os discursos da posição média, na pesquisa qualitativa, tendem a unificar-se com os da posição superior na maior parte das questões. Fator que fez com que, também no survey, essa posição aparecesse, maior parte das alternativas, com avaliações semelhantes às da posição superior.

Pelos dados coletados no survey, observamos que a violência encontra-se entre os maiores temores apontados pelos jovens goianienses de todas as posições sociais, o que nos parece justificável, já que como demonstramos no tópico *Representações sociais da violência na juventude goianiense*, os índices de vitimização direta e indireta são elevados. Assim considerando o fato das representações sociais serem uma forma de conhecimento que envolve as práticas cotidianas de seus atores, acreditamos, como é mostrado nesse tópico, que as experiências dos jovens em relação à criminalidade contribuem para a formação das representações sociais sobre o fenômeno e, conseqüentemente, para a orientação de práticas, posicionamentos e condutas em relação a eles.

Observamos nas definições dos jovens sobre *o que é violência*, diferenças cruciais na compreensão do fenômeno. Se os jovens da posição média e superior atribuem ao fenômeno uma gama de dimensões e aspectos, dentre eles: a violência física, emocional e simbólica, ressaltando-os como fenômeno de dupla via, cuja definição depende da forma como o ato é recebido pela vítima, naqueles da posição inferior, a definição dá-se pela agressão física, sendo as outras formas consideradas como complementares, mas não definidoras do fenômeno. Entretanto, quando partimos dessas definições e nos lançamos sobre a avaliação dos atos que envolvem os diferentes tipos de violência, observamos uma avaliação semelhante entre as diferentes posições sociais. Nessas avaliações, os jovens consideram mais grave a depredação de bens públicos e privados, do que agressões físicas e humilhações a determinados grupos. Tal configuração demonstra que para os grupos existem pesos e medidas diferentes que se misturam à avaliação prática de cada ato, como identificamos no tópico de análise sobre bairros ricos e pobres quanto ao policiamento ostensivo e repressivo. Os jovens das posições superiores percebem as diferenças, têm conhecimento do comportamento abusivo das forças policiais em regiões periféricas, mas para eles, os habitantes desses bairros já estão mais preparados para isso.

Para os jovens da posição superior os espaços sociais são divididos entre periferia e bairros nobres, sendo a periferia o *locus* central da violência, o local de onde advêm os criminosos. Para os jovens das posições média e superior à periferia é uma categoria global e remete a todos os bairros pobres. Consideram que nestes bairros tudo é desestruturado, não se tem infra-estrutura urbana, não se tem educação escolar ou familiar, as famílias são desestruturadas, os pais são alcoólatras e/ou drogados, a violência doméstica é lugar comum no cotidiano das famílias. Para estes jovens, é como se os pobres nascessem já presos a um espiral estrutural de criminalidade, e as chances de sair desse espiral fossem muito pequenas, ou quase nulas.

Na percepção dos jovens da posição inferior, por sua vez, a violência mesmo concentrada nos bairros pobres encontra-se difundida por toda a cidade, e que sua concentração nas periferias não se deve, como para as demais posições, à desestrutura familiar, à violência doméstica ou a falta de educação, mas sim, as escolhas individuais, “safadagem”, à dificuldade de acesso a bens de consumo, às drogas, que aparecem de um

lado como fatores que incitam a violência por conta da dependência que geram, fazendo com que as pessoas, no afã de satisfazer seus vícios, cometam crimes; e de outro lado como um espiral de comércio, onde os lucros são possíveis em um curto espaço de tempo, considerando-se de um lado os riscos, e de outro a possibilidade de ascensão social. Além destas, mas intimamente ligada a elas, emergem no discurso dos jovens o desemprego, a revolta contra a violência policial, que como indicam as experiências dos jovens, partem do pressuposto de culpabilidade do pobre. Aspectos que somados a falta de perspectivas em relação ao futuro, tornam-se um grande apelo à prática de atividades ilícitas.

Como demonstramos no tópico sobre lazer e interação, os jovens das diferentes posições sociais convivem muito pouco entre si, sendo assim pensamos que as imagens que os jovens formam uns dos outros são pautadas, partindo dessa não convivência, em preconceitos que compõe o universo de pensamento de nossa sociedade como um todo. Isso se corrobora quando observamos a unidade de argumentos com que se constrói a representação social da violência vinculada à imagem do pobre e da periferia. Não desconsideramos aqui o fato de essa imagem estar pautada também na vulnerabilidade social encontrada nos bairros pobres, fatores que contribuem, para defini-los como a ala violenta do espaço simbólico da cidade, e os pobres como criminosos em potencial.

Entretanto, a homogeneidade desse discurso nos diz que antes de pensar no cotidiano desses lugares, os jovens recorrem para construir sua visão, a um sistema de interpretação da realidade já constituído, ou seja, eles recorrem a uma representação social já existente para explicar um dado fenômeno que é a violência urbana. Isso é para nós compreensível na medida em que consideramos, como Moscovici (2003), que uma vez organizada a realidade em função de uma representação, a resposta com que essa pode contribuir a respeito de um determinado ponto é elaborada em função do sistema de interpretação como um todo.

Sob esse ponto é interessante observar que, quando forçamos uma mudança no núcleo central da representação, questionando por que pessoas ricas cometem crimes, observamos grande perplexidade por parte dos jovens, que inicialmente, encontraram dificuldades em articular seus discursos. Até esse tópico, tínhamos uma única representação que apresentava como núcleos centrais: a) que a pobreza é o princípio



gerador da violência e b) que os pobres são o grupo social que mais comete crimes. A partir da introdução da questão acima citada, uma nova representação da violência emerge quando os jovens pensam as atividades ilícitas de jovens da posição média e superior, pois estas são vistas por eles como casos esporádicos. Ao contrário do que acontece nos discursos sobre a pobreza, em que a violência aparece como caminho quase certo, para os jovens da posição superior ela é uma escolha, em alguns aspectos, quase um esporte. Nesse sentido emerge o DSC, que associa a criminalidade de jovens ricos à diversão, fortemente associado a esse DSC temos o DSC convergente a todas às posições sociais que remete a impunidade. Temos ainda uma terceira explicação, que remete à personalidade fraca e as más influências.

Assim, quando os agentes criminosos são pessoas ricas, temos uma segunda representação que apresenta dois núcleos centrais interligados, primeiro o excesso de ambição e egoísmo, cuja ancoragem é que essas pessoas não se contentam com os bens que já possuem, desejando sempre mais; e uma segunda pautada na impunidade, cuja ancoragem é que essas pessoas pelo aporte financeiro que possuem, têm certeza de que nunca serão punidas.

## 6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. Abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S.P.; OLIVEIRA, D. C. *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: AB, 1998. p.27-38.

ABROMAVAY, M. Gangues, Galeras, Chegados e Happers: Juventude, Violência e Cidadania nas periferias de Brasília. Rio. de Janeiro: Garamond, 1999.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves. Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu. Revista Espaço Acadêmico – Ano III – Maio de 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e Espaço simbólico*. In: Razões Práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. 2000. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp.

CAVALLI, Alessandro. Generations and Value Orientations. Social compass 51(2), 2004, 155–168.]

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. Sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FARR, Robert M. Representações sociais: A teoria e sua história. In: Textos em Representações Sociais (P. Guareschi & S. Jovchelovtich, org.), pp. 31-59, Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

JUNQUEIRA, Marcilene Freitas R. Representações sociais da violência doméstica contra crianças e adolescentes. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação do departamento de psicologia da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2003 (mimeo)

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed:UERJ. 2001. Org. JODELET, Denise.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *Discurso do Sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

\_\_\_\_\_. O sujeito coletivo que fala. *Revista Interface – Comunicação, saúde, educação*. Volume.10, nº20, p.517-24. Jul/Dez, 2006.

\_\_\_\_\_. Proposta do DSC. Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo. São Paulo, 2006a.

\_\_\_\_\_. O discurso do sujeito coletivo como superação dos impasses no processamento de respostas a questões abertas. Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo. São Paulo, 2006b.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

\_\_\_\_\_. Das representações coletivas a teoria às representações sociais. In.: *As Representações Sociais*. Org. JODELET, Denise. Rio de Janeiro: Ed:UERJ. 2001.

\_\_\_\_\_. O fenômeno das representações sociais. In.: *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p.29-110.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme Assis. *Violência Urbana*. Editora: Publifolha, 2003.

PORTO, Maria Stela Grossi. Crenças, valores e representações sociais da violência. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 250-273.

PORTO, Maria Stela Grossi; BANDEIRA, Lourdes Apresentação. Sociedade e Estado, 2004, vol.19, n. 1.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; LAGO, Luciana Corrêa. O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal (IPPUR/UFRJ – FASE ),1999.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Segregação residencial teorias, conceitos e técnicas. Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal (IPPUR/UFRJ – FASE ), 2005.

RONDELLI, Elizabeth (Org.) ; MESSEDER, C. A. (Org.) ; HERSCHMANN, M. (Org.) ; SCHOLLHAMMER, K. E. (Org.) . Linguagens da Violência. 1a. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SÁ, Celso Pereira. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In.: O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SPINK, M. J. (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ, Celso Pereira. Núcleo central das representações sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SPINK, Mary Jane P. O estudo empírico das representações sociais. In.: O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SPINK, M. J. (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUZA FILHO, Edson Alves. Análise de representações sociais. In.: O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SPINK, M. J. (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1995.

Sites Consultados:

*Juventude Brasileira e Democracia*, Relatório IBASE.

[http://www.idrc.ca/uploads/user-S/11340655531ibase\\_relatorio\\_juventude.pdf](http://www.idrc.ca/uploads/user-S/11340655531ibase_relatorio_juventude.pdf)

Perfil da Juventude Brasileira, 2003.

[www.craj.unifesp.br/download/perfil.ppt](http://www.craj.unifesp.br/download/perfil.ppt)

Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo:

<http://www.ipdsc.com.br/scp/index.php>

## ANEXO.I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PESQUISA IMAGENS CRUZADAS: JUVENTUDE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL  
Questionário

Escola \_\_\_\_\_ Pública  Privada   
Série \_\_\_\_\_ Turno \_\_\_\_\_  
Nome \_\_\_\_\_

A1. Qual a sua idade completa? \_\_\_\_\_ anos

A2. Você se considera do gênero:

1. feminino
2. masculino
3. outros

A3. Onde você nasceu: Município \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_.

A4. Em qual bairro você mora? \_\_\_\_\_

A5. Qual a sua religião?

1. Afro-brasileira : candomblé/umbanda
2. Católica
3. Espírita kardecista
4. Protestante Especificar \_\_\_\_\_
5. outras \_\_\_\_\_
6. nenhuma

A6. Que importância tem a religião em sua vida?

1. Muita
2. Mais ou menos
3. pouca
4. nenhuma

A7. No que diz respeito à sua cor ou raça, como você se classifica?

- |             |                          |
|-------------|--------------------------|
| 1. oriental | 4. preto                 |
| 2. branco   | 5. moreno, mulato, pardo |
| 3. indígena | 6. Outro _____           |

A8. Com quem você mora?

- |                |                              |
|----------------|------------------------------|
| 1. Sozinho     | 6. República                 |
| 2. Com os pais | 7. Esposo(a) /Companheiro(a) |
| 3. Com a mãe   | 8. Outro                     |
| 4. Com o pai   | Especificar _____            |
| 5. Parentes    |                              |

A9. Você mora em habitação:

- |               |            |
|---------------|------------|
| 1. Própria    | 3. Alugada |
| 2. Financiada | 4. Cedida  |

A10. Qual o tipo de habitação?

- |  |   |
|--|---|
| 1. Cômodo ou um quarto em habitação coletiva | 5. Apartamento em conjunto habitacional |
| 2. Casa geminada                             | 6. Apartamento em condomínio            |
| 3. Casa isolada                              | 7. Casa em condomínio fechado           |
| 4. Casa em conjunto habitacional             |   |

A11. Quantos cômodos, incluindo quartos, salas, cozinhas, banheiros, etc. têm a sua habitação?

- |              |                      |
|--------------|----------------------|
| 1. 1 cômodo  | 4. 4 cômodos         |
| 2. 2 cômodos | 5. 5 cômodos         |
| 3. 3 cômodos | 6. Mais de 5 cômodos |

A12. Quantos banheiros há em sua casa?

- |                      |              |
|----------------------|--------------|
| 1. Banheiro coletivo | 4. 3         |
| 2. 1                 | 5. Mais de 3 |
| 3. 2                 |              |

A13. Quantos carros há em sua casa?

- |           |              |
|-----------|--------------|
| 1. Nenhum | 4. 3         |
| 2. 1      | 5. mais de 3 |
| 3. 2      |              |

B1. Em sua formação escolar, você estudou:

1. Sempre em Escola Pública
2. A maior parte em Escola Pública
3. Sempre em Escola Particular
4. A maior parte em escola Particular

B2. Por que você frequenta a escola? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. para garantir um futuro profissional
2. obter conhecimento
3. exigências da família
4. Outros (Especificar) \_\_\_\_\_

C1. Qual a ocupação do seu pai? \_\_\_\_\_ E da sua mãe \_\_\_\_\_?

C2. Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- |                            |                          |
|----------------------------|--------------------------|
| 1. Analfabeto              | 5. Ensino médio completo |
| 2. Fundamental incompleto  | 6. Superior incompleto   |
| 3. Fundamental completo    | 7. Superior completo     |
| 4. Ensino médio incompleto | 8. Pós-graduação         |

C3. Qual o nível de escolaridade da sua mãe?

- |                            |                          |
|----------------------------|--------------------------|
| 1. Analfabeto              | 5. Ensino médio completo |
| 2. Fundamental incompleto  | 6. Superior incompleto   |
| 3. Fundamental completo    | 7. Superior completo     |
| 4. Ensino médio incompleto | 8. Pós-graduação         |

C4. Quem é o chefe de sua família?

1. mãe
2. pai
3. mãe e pai
4. Outro parente
5. Esposo (a) / Companheiro(a)
6. Outro  
(especificar) \_\_\_\_\_
7. não se aplica

C5. Quantos irmãos você tem e que moram em sua casa? \_\_\_\_ Qual o total de pessoas que moram em sua casa? \_\_\_\_\_. Dessas pessoas, quem:

1. Avó ou avô
2. Tio ou tia
3. Primos
4. Outros parentes
5. Outras  
Especificar \_\_\_\_\_

C6. Quantas pessoas trabalham e contribuem com a renda familiar? \_\_\_\_\_  
Quem?

1. mãe
2. pai
3. você
4. Outros Especificar \_\_\_\_\_

C7. Qual é a renda mensal da sua família?

1. \_\_\_\_\_ reais
2. Não sabe

C8. Como é o seu relacionamento com as pessoas da sua família?

1. Muito satisfatória
2. Satisfatória
3. Insatisfatória
4. Muito insatisfatória

- a) Pai { }
- b) Mãe { }
- c) Irmãos { }

D1. Você participa de algum grupo?

1. Religioso
2. de música/ dança/teatro
3. grafiteiros ou pixadores
4. futebol
5. outros esportes
6. torcida organizada
7. político-partidário
8. gang/galera
9. movimento estudantil
10. ongs
11. nenhum

D2. Nesse grupo(s) participam principalmente

1. Pessoas da mesma condição social sua.
2. Pessoas de outra condição social. Explicar, esclarecer \_\_\_\_\_
3. Não participa de nenhum grupo.

D3. Você faz trabalho voluntário?

1. Sim
2. Não (Se não ir para E 1)



D4. Com que frequência faz trabalho voluntário?

- |                              |                           |
|------------------------------|---------------------------|
| 1. Menos de 1 vez por semana | 3. 2 a 3 vezes por semana |
| 2. 1 vez por semana          | 4. Todos os dias          |

D5. Qual o tipo de trabalho voluntário? \_\_\_\_\_

D6. No trabalho voluntário você entra em contato com jovens de condições sociais diferentes da sua?

- |        |        |
|--------|--------|
| 1. Sim | 2. Não |
|--------|--------|

D7. O que o motivou a fazer trabalho voluntário?

- |                         |                   |
|-------------------------|-------------------|
| 1. Solidariedade        | 4. Outros motivos |
| 2. Ocupar o tempo livre | _____             |
| 3. Pena/caridade        |                   |

E1. Você lê jornais?

- |                        |                     |
|------------------------|---------------------|
| 1. diariamente         | 3. de vez em quando |
| 2. quase todos os dias | 4. raramente        |
|                        | 5. não lê           |

E2. Você lê revistas?

- |                        |              |
|------------------------|--------------|
| 1. diariamente         | 4. raramente |
| 2. quase todos os dias | 5. não lê    |
| 3. de vez em quando    |              |

E3. Você assiste televisão?

- |                        |                |
|------------------------|----------------|
| 1. Diariamente         | 4. raramente   |
| 2. quase todos os dias | 5. não assiste |
| 3. De vez em quando    |                |

E4. Quais os três tipos de programa de televisão você mais assiste? (anotar um exemplo de cada uma das opções escolhidas pelo entrevistado)

1. Novelas
2. Telejornais
3. Seriados, filmes
4. Auditório, humor
5. Documentários
6. Programas policiais
7. Outros. Especificar \_\_\_\_\_

E5. Para você, qual a função da televisão?(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)

1. Entretenimento
2. Informação
3. Lazer
4. Outra. Especificar \_\_\_\_\_
5. Alienação
6. Não sabe

E6. Telenovelas e Filmes transmitem a realidade?

1. Sempre
2. Nunca
3. Raramente
4. Não sabe

E7. Você e seu grupo de amigos se inspiram em roupas e linguagem exibidas na televisão?

1. Sim
2. Não
3. Mais ou menos

E8. Você acessa internet?

- |                        |              |
|------------------------|--------------|
| 1. Diariamente         | 4. raramente |
| 2. quase todos os dias | 5. não       |
| 3. De vez em quando    |              |

F1. Quais os seus três tipos preferidos de lazer?

- |                                      |                           |
|--------------------------------------|---------------------------|
| 1. Reuniões em residências de amigos | 11. Futebol de rua        |
| 2. Boites                            | 12. Eventos religiosos    |
| 3. Clubes                            | 13. Academia              |
| 4. Cinema                            | 14. Bibliotecas           |
| 5. Shopping centers                  | 15. Museu/galeria de arte |
| 6. Bares                             | 16. Teatro                |
| 7. Show sertanejo                    | 17. Matinês dançantes     |
| 8. Show de música pop-rock           | 18. Rodeios               |
| 9. Apresentação de música clássica   | 19. Jogos eletrônicos     |
| 10. Festas punks                     |                           |

F2. Onde você escolhe os seus amigos? (**O entrevistado(a) pode escolher até duas opções**)

1. Na escola
2. No bairro
3. Em festas e em locais que frequenta
4. Na internet
5. Outros. Especificar \_\_\_\_\_

F3. Como você se classifica?

1. Muito Pobre
2. Pobre
3. Classe média
4. Rico
5. Muito rico

F4. Seus melhores amigos são: (**O entrevistado(a) deverá escolher uma opção**)

- |                                     |                                  |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| 1. Do mesmo nível social            | 5. Gostam do mesmo tipo de lazer |
| 2. Do mesmo nível cultural          | 6. São diferentes:               |
| 3. Pessoas que têm as mesmas idéias | _____                            |
| 4. Têm os mesmos gostos             |                                  |

F5. Como você escolhe os locais que frequenta? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. Indicação de outras pessoas
2. Pelo ambiente e pelas pessoas que frequentam
3. Por influência de seu grupo de amigos
4. Propaganda

F6. Como você descreveria os locais que frequenta? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. Acessíveis a pessoas de todos os níveis sociais
2. Restrito a grupos sociais específicos
3. Não sabe

F7. O que você considera mais ao comprar algum produto? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. O preço
2. A qualidade
3. A marca
4. Divulgação publicitária
5. O gosto
6. Outros O quê? \_\_\_\_\_

F8. Os seus amigos dão importância quando você usa roupas de marca?**(não citar a opção 4)**

1. Sim
2. Não
3. Indiferente
4. Não sabe

F.9 Dos seguintes estilos musicais, quais os três você mais aprecia:

1. Axé
2. clássica
3. pop-rock
4. funk
5. pagode
6. rock
7. rap
8. sertanejo
9. eletrônica
10. mpb
11. forró

F.10. Onde você mais compra as suas roupas?**(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. feira hippie
2. lojas da cidade
3. lojas do shopping centers
4. feira da lua
5. boutiques
6. lojas de departamento
7. Faz em costureira
8. fora de Goiânia
9. feiras

F.11. Seu gosto e seu estilo: **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. Correspondem ao gosto e estilo de seu grupo de amigos
2. É totalmente diferente dos seus amigos
3. É parecido com o estilo de seu grupo e diferente de outros grupos

F12. O que mais difere você e seu grupo de amigos dos demais? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. O modo de se vestir
2. Os gostos musicais
3. Os locais que freqüentam
4. As opiniões
5. Outros. Especificar \_\_\_\_\_

F13. O que você diria sobre as seguintes afirmações:

1. Concordo
2. Concordo em parte
3. Discordo

- a. A maioria dos jovens de periferia se envolve com gangues. ( )
- b. Os jovens da elite são fúteis e preconceituosos. ( )
- c. Jovens da periferia não deveriam freqüentar os shopping centers. ( )
- d. Jovens da periferia são mal educados e grosseiros ( )
- e. Shopping Center é lugar de “patricinha” e de “playboy”. ( )
- f. Jovens de periferia são violentos. ( )
- g. Há muitos “malas” na periferia da cidade. ( )
- h. Os jovens da elite só querem saber de curtir a vida e de cuidar da aparência ( )
- i. Os jovens de elite são frescos e mimados. ( )
- j. Pessoas de “bem” devem evitar conviver com pessoas da periferia. ( )

F.14. O que você diria sobre as seguintes afirmações:

1. Concordo
2. Concordo em parte
3. Discordo

- a. A pobreza é o resultado da falta de disposição ao trabalho. ( )
- b. As mulheres pobres são mais “fáceis” do que as mulheres de outras condições sociais( )
- c. Quem vive em locais violentos certamente se tornará violento. ( )
- d. Homens negros são mais propensos a cometer crimes do que homens brancos ( )
- e. Os pobres são mais propensos a cometer crimes e infrações. ( )

G1. Quando você teve a primeira relação sexual? **(Se nunca, ir para a questão G5)**

1. 14 anos ou menos
2. 15 anos
3. 16 anos
4. 17 anos
5. Nunca manteve relações sexuais.

G2. Usa preservativo nas relações sexuais?

1. Sim
2. Não
3. Às vezes

G3. Usa pílula anticoncepcional ou outro método contraceptivo?

1. Sim
2. Não

G4. Tem filhos?

1. Sim Quantos? \_\_\_\_\_
2. Não

G5. Atribua sim (1) não (2) às seguintes afirmações:

1. A virgindade é importante para o sucesso do casamento.( )
2. As mulheres que transam na primeira noite não são mulheres com quem se deva casar ( )
3. Os negros têm mais impulso sexual do que os brancos ( )
4. O sexo é prova de amor pelo parceiro ( )
5. O sexo é fonte de prazer e de satisfação pessoal .( )
6. O sexo é uma necessidade física como a fome e a sede.( )

H1. Você se interessa por política?

1. Sim
2. Não
3. Mais ou

H2. De que maneira você se informa sobre política? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. Não me informo sobre o assunto
2. Lendo ou assistindo noticiários
3. Conversando com outras pessoas
4. Outros Especificar \_\_\_\_\_

H3. Você participa da política:

1. Frequentemente
2. Na época das eleições
3. Não participa

H4. Você acredita que a participação política pode provocar mudanças na sociedade?

1. Sim Por que? \_\_\_\_\_
2. Não Por que? \_\_\_\_\_
3. Não sabe

H5. Escolha três instituições nas quais você mais confia.

1. família 1. \_\_\_\_\_
2. Igreja 2. \_\_\_\_\_
3. Escola 3. \_\_\_\_\_
4. Entidades Estudantis
5. Entidades Sindicais
6. Governo
7. Polícia
8. Nenhuma

I.1. Você trabalha e recebe por isso?

1. sim
2. já trabalhei, mas agora estou desempregado(a)
3. nunca trabalhei

**Se não ir para J1**

I2. Você trabalha como:

1. aprendiz ou estagiário com remuneração
2. autônomo/conta própria
3. empregado com carteira assinada
4. empregado sem carteira assinada
5. Com o pai e com a mãe
6. outro (especificar) \_\_\_\_\_

I3. Qual é aproximadamente a sua remuneração mensal no trabalho?

\_\_\_\_\_ reais

I4. A sua renda vai principalmente para: **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

1. consumo pessoal
2. ajudar a família
3. poupança

J1. Você já foi assaltado?

1. sim
2. não

J2. Alguém na sua família já foi assaltada?

1. sim
2. não

J3. Que precauções a sua família toma para evitar a violência?

1. mudou-se para \_\_\_\_\_
2. não sai à noite
3. evita determinados locais \_\_\_\_\_
4. Outros \_\_\_\_\_
5. Mantém uma arma em casa

J4. Há na sua casa/prédio equipamentos de segurança?

- |                     |                                |
|---------------------|--------------------------------|
| 1. câmeras de vídeo | 5. cerca elétrica              |
| 2. sirenes/alarmes  | 6. guarda                      |
| 3. muros altos      | 7. firma de vigilância privada |
| 4. cães             | 8. outros                      |

J5. Para você, quais são as causas da violência?

---

J6. O que você acha que deve ser feito para diminuir a violência?

---

J9. Qual a gravidade você atribui a esses atos:

- |                |                   |
|----------------|-------------------|
| 1. Gravíssimo  | 4. Comum, normal. |
| 2. Muito grave | 5. Não sabe       |
| 3. Grave       | 6. Não responde   |
- 
- a) Humilhar travestis { }
  - b) Humilhar prostitutas { }
  - c) Humilhar homossexuais { }
  - d) Agressões em festas e boates { }
  - e) Pixar muros e prédios públicos { }
  - f) Abrir extintor de incêndio, depredar orelhão, placa de sinalização, etc. { }
  - g) Queimar mendigos { }

J8. Do que você tem mais medo? **(O entrevistado(a) deverá escolher uma opção)**

- 1. Ficar doente
- 2. perder os pais
- 3. violência
- 4. morrer
- 5. Não tem medo
- 6. da Polícia

Por quê? \_\_\_\_\_

J9. O que você espera do seu futuro \_\_\_\_\_

Agradecer o entrevistado e perguntar:

Como você se sentiu ao responder este questionário? \_\_\_\_\_  
Esta fase da pesquisa é quantitativa. Há uma segunda fase da pesquisa que será qualitativa, na qual serão feitas entrevistas. Caso você seja selecionado, você concordaria em dar uma entrevista? Você poderia fornecer um telefone de contato? \_\_\_\_\_ (Se o entrevistado se recusar a fornecer o telefone, perguntar se pode voltar a falar com ele na escola).

## ANEXO.II

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia

Departamento de Pós-Graduação em Sociologia

Projeto: Imagens Cruzadas: Estudo sobre as representações sociais da juventude goiana

Subprojeto: Representações Sociais da violência na juventude goiana

### **Material para coleta de dados**

#### Perfil do entrevistado

Bairro onde mora: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

#### Roteiro semi-estruturado para entrevista

1. Você considera Goiânia uma cidade violenta?
2. Como é o cotidiano do seu bairro? Você considera seu bairro violento?
3. Em que aspectos você acha que o cotidiano dos bairros ricos se diferencia em relação às regiões periféricas?
4. Você pode me descrever o cotidiano de algum bairro periférico que você conhece?
5. Qual a última vez que você conversou com um pobre da sua idade? Como foi a experiência?
6. Na sua opinião qual a relação entre os seguintes itens:
  - Pobreza e violência
  - Raça e violência
  - Sexo e violência
  - Padrão de consumo e violência
  - Consumo de drogas e violência
  - Consumo de álcool e violência
  - Nível educacional e violência
7. Você acredita que existam pessoas “naturalmente” mais propensas a cometer crimes?
8. Qual o grupo social que mais comete crimes?
9. Há alguma diferença nos tipos de crimes cometidos por ricos em relação aos crimes cometidos em outras classes sociais?



10. Na sua opinião por que motivo os pobres, especialmente os negros compõem a maior parte da população carcerária brasileira?

11. Por que motivo pessoas ricas cometem crimes?

12. Na sua opinião as mensagens sobre veiculadas sobre violência na mídia correspondem a realidade social brasileira?

13. Os telejornais são fieis e imparciais na transmissão de informações sobre a violência no cotidiano das grandes cidades?

14. Você já observou alguma diferença no tratamento dado na mídia (incluindo jornais, telejornais, revistas, internete) às notícias sobre crimes cometidos nas diferentes classes sociais?

15. Você já observou alguma relação entre as informações sobre violência transmitidas na mídia e os crimes que ocorrem na sociedade?

16. Na sua opinião pode haver violência sem agressão física ou ameaça de agressão física?

17. Você já passou por alguma situação de risco, em que teve medo ou chegou a ser vítima de alguma violência? Se sim, qual foi essa situação? Você pode me descrever como era a pessoa que te atacou?

18. Quais são, na sua opinião as características centrais, através das quais se pode reconhecer um criminoso?

19. Você já praticou algum ato violento contra outra pessoa? Em caso positivo, descreva esse ato.

20. O que você faz para fugir da violência em seu cotidiano?

21. De acordo com a sua vivência, o que você define como violência?

